



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística  
Curso de Mestrado em Letras**



**INTERAÇÃO *TÉCNICO/HOMEM DO CAMPO*:  
O LÉXICO DA AGRICULTURA**

**por**

**SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iracema Luiza de Souza**

**SALVADOR  
2001**



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística  
Curso de Mestrado em Letras**



**INTERAÇÃO *TÉCNICO/HOMEM DO CAMPO*:  
O LÉXICO DA AGRICULTURA**

**por**

**SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iracema Luiza de Souza**

**Dissertação de Mestrado  
apresentada à Coordenação de  
Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal da Bahia -  
UFBA, Instituto de Letras, como  
requisito para a obtenção do Grau  
de Mestre.**

**SALVADOR  
2001**

## Biblioteca Central - UFBA

- O48 Oliveira, Simone Maria Rocha.  
Interação técnico / homem do campo : o léxico da agricultura /  
Simone Maria Rocha Oliveira. – Salvador : S. M. Oliveira, 2001.  
196 f.
- Orientadora : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iracema Luiza de Souza.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, 2001.
1. Lingüística. 2. Lexicografia. 3. Semântica. 4. Teoria de campo –  
Lingüística. 5. Língua portuguesa – Português técnico. 6. Interação social.  
7. Análise lingüística – Lingüística. 8. Sociolingüística. 9. Comportamento  
verbal. 10. Dialectologia. I. Souza, Iracema Luiza de, II. Título. III.  
Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras.

CDU – 81'1  
CDD- 410

*A Denio, Lara e Victor, pelo apoio e compreensão pelas tantas horas em que me ausentei no decorrer desta tarefa.*

### *Agradecimentos*

- *Aos meus pais e familiares, pelo apoio nas horas necessárias.*
- *À Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA, aos colegas e amigos, que colaboraram para realização deste trabalho.*
- *Especiais, à minha orientadora, Prf<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iracema Luiza de Souza, pela amizade e pelos ensinamentos transmitidos com segurança e tranquilidade.*
- *Aos informantes Marcos Bessa e Osvaldo Brito, pela presteza no fornecimento dos dados técnicos.*
- *Aos informantes da zona rural de Sítio Novo, pelo carinhoso atendimento durante a realização das entrevistas.*
- *A Denio de Oliveira, que, como professor da área técnica da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA, me auxiliou na análise dos dados técnicos.*
- *À Prof<sup>a</sup> Maria da Glória Rocha, pelo incentivo, apoio e experiência repassada ao longo deste trabalho.*
- *À Prof<sup>a</sup> Suzana Cardoso, pela competência transmitida na área lingüística, especialmente dialectológica.*
- *À Prof<sup>a</sup> Célia Telles, pelos conhecimentos proporcionados durante o curso.*
- *À Prof<sup>a</sup> Serafina Pondé, pela motivação e incentivo na retomada à vida acadêmica.*
- *A Dilcéia Sampaio, pela sua amizade.*
- *E, enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE CONVENÇÕES.....</b>	<b>07</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>09</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>11</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
2.1 DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA.....	16
2.2 INTERAÇÃO.....	21
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
3.1 PRIMEIRA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO I.....	26
3.2 SEGUNDA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO II.....	27
3.2.1 Questionário Experimental.....	29
3.2.2 Questionário Definitivo – Grupo II.....	30
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>33</b>
4.1 PRIMEIRA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO I.....	33
4.2 SEGUNDA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO II.....	34
4.2.1 Questionário Experimental.....	34
4.2.2 Questionário Definitivo – Homem do Campo.....	39
4.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O <i>CORPUS</i> .....	92
4.4 AMOSTRA DE ITENS LEXICAIS DA PESQUISA PRESENTES NO <i>APFB</i> E NOS DICIONÁRIOS PESQUISADOS.....	94
4.5 QUADROS RESUMOS.....	96
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>

## LISTA DE CONVENÇÕES:

### 1 Sinais adotados nas transcrições:

- Falas simultâneas: [[]
- Pausas: (+)
- Dúvidas e suposições: ( ) ou (**incompreensível**)
- Ênfase ou acento forte: **MAIÚSCULA**
- Comentários do analista: (( ))
- Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou /.../

### 2 Codificação dos grupos de entrevistados:

- **Grupo I** – Técnico em Agropecuária
- **Grupo II** – Homem do campo

### 3 Codificação dos informantes do grupo II – questionário definitivo:

- Informante I - (R. S. F.)
- Informante II - (M. J. B.)
- Informante III - (V. N. F.)
- Informante IV - (M. A. S. S.)
- Informante V - (M. A. M. N.)
- Informante VI – (J. S. S.)
- Informante VII - (V. J. S.)
- Informante VIII - (J. S. S.)
- Informante IX - (J. P. S.)
- Informante X - (V.B.S.)
- Informante XI - (J. P. S.)
- Informante XII - (A. J.)

### 4 Codificação do Questionário:

- **Parte I** - Método Onomasiológico
- **Parte II** – Identificação das formas

### 5 Abreviaturas das definições dos dicionários:

*Agr.* – agricultura

*Artilh.* – artilharia

*Bot.* – botânica

*Bras.* – Brasil, brasileiroismo

*Elem. Comp.* – elemento de composição

*Entom.* – entomologia

*Fig.* – Figurado

*Geom.* – Geometria

*Ictiol.* – Ictiologia

*Med.* – Medicina

*Mil.* – Militar

*Náut.* – Náutica, marinha

*Ornit.* – Ornitologia

*P. ext.* – Por extensão

*Quím.* – Química

*V.* – Veja

*Var.* – Variante léxica

## LISTA DE QUADROS

Quadro I – Variáveis Extralingüísticas.....	30
Quadro II – Variáveis Extralingüísticas – Informantes entrevistados.....	41
Quadro III – Parte I: Produção da forma técnica.....	42
Quadro IV – Parte II: Produção do conceito esperado.....	45
Quadro V – Parte I: Produção de uma forma não prevista, mas correta segundo o técnico.....	47
Quadro VI – Parte II: Produção de um conceito não previsto, mas correto segundo o técnico.....	52
Quadro VII – Parte I: Produção de uma resposta não correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência.....	58
Quadro VIII – Parte II: Produção de um conceito não correto segundo o técnico, embora relacionado com sua experiência.....	70
Quadro IX – Parte I: Produção de uma forma generalizada.....	76
Quadro X – Parte II: Produção de um conceito generalizado.....	77
Quadro XI – Parte I: Produção de uma forma específica.....	79
Quadro XII – Parte II: Produção de um conceito específico.....	82
Quadro XIII – Parte I: Produção de uma resposta imprevisível.....	85
Quadro XIV – Parte II: Produção de um conceito imprevisível.....	88
Quadro XV – Parte I – Resumo.....	97
Quadro XVI – Parte II – Resumo.....	100
Quadro XVII – Quadro resumo.....	103

## LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Fotos.....	117
Anexo II – Mapa de localização do município.....	120
Anexo III – Ficha de Identificação – Técnico.....	121
Anexo IV – Entrevista com os Informantes – Técnicos.....	122
Anexo V – Ficha de Identificação – Homem do Campo.....	153
Anexo VI – Questionário Experimental.....	154
Anexo VII – Questionário Definitivo.....	161
Anexo VIII – Categorização dos Dados.....	166

## RESUMO

Analisa-se a variação semântica e lexical que provoca dificuldades na interação *técnico/homem do campo*. Entrevistaram-se dois técnicos em Agropecuária e doze informantes da zona rural de Sítio Novo, Catu-BA. Observaram-se na seleção dos técnicos a escolaridade (ex-alunos da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA), área de atuação e tempo de trabalho na região. Os informantes da zona rural foram escolhidos segundo as variáveis extralingüísticas – faixa etária, escolaridade e gênero. Agruparam-se os dados em categorias, considerando-se a compreensão do agricultor aos questionamentos feitos. Constatou-se que as variáveis extralingüísticas interferem neste processo interacionista. Os informantes escolarizados, os mais velhos (acima de 31 anos) e os do gênero masculino apresentaram-se mais próximos lingüisticamente dos profissionais, visto que demonstraram maior entendimento às questões a eles dirigidas. Verificou-se que os técnicos têm consciência de que termos específicos da área impedem o sucesso na sua comunicação com o agricultor; implicando numa mudança de estratégias lingüísticas. Percebeu-se também que o trabalhador rural tem uma tendência maior para compreender a descrição das atividades do que para identificar a terminologia técnica. E por desconhecer as especificidades inerentes à linguagem técnica, o agricultor generaliza a utilização dos produtos. Finalmente, observou-se que os falantes pesquisados, considerando-se a diversidade lexical existente, devem adaptar suas linguagens mutuamente neste processo interacionista, objetivando uma comunicação mais eficaz.

## **ABSTRACT**

This research analyses the semantic and lexical variations that cause difficulties in the *technician/rural champ* interaction. Two technicians and twelve informants from the country regions of Sítio Novo, Catu-BA were interviewed. In the agenda of selecting, the technicians involved in the research, important issues were observed: scholarly level (former students of *Escola Agrotécnica Federal de Catu/BA*), field competence and the period they've been working in the region. The informants from rural zone were chosen, according to the extra linguistic variables such as: age, scholarly level and gender. The data collected were grouped in categories, according to the comprehension of the planter, about the questions were asked. It was evident that the extra linguistic variables interfere in this interaction process. The scholearned planters, the elders (31 years old and above) and those from masculine gender, presented linguistic patterns closer to the professional, to the comprehension level about the question they were asked. It was verified that technicians are aware that technical field vocabulary use, interferes in achieving success of the communication between themselves and planters which results in a change of linguistic strategies. It was also observed that the rural worker has a tendency to better understand the description of the activities than to identify technical terminology. And, as for ignoring the specific features related to the technical language, the planter generalizes the use of the products. Finally, it was noticed that in order to minimize the interaction interference, considering the lexical diversity, these speakers should adapt their language expression, with the aim of developing more efficient communication.

*A transmissão de informações científicas nos países em desenvolvimento é uma tarefa difícil e complexa. As tentativas de orientação técnica para fazendeiros encontram barreiras na tradição, na ignorância, no analfabetismo e, sobretudo, na falta de parâmetros que levem o indivíduo a se situar num patamar tecnológico e, então, aceitar sugestões feitas por profissionais capacitados a solucionar problemas.*  
(Vidal Pedroso Faria)

## 1 INTRODUÇÃO

Os projetos extensionistas desenvolvidos na zona rural apresentam como elementos componentes o técnico e o homem do campo. Este processo educativo busca capacitar o produtor rural quanto à implementação das atividades agrícolas, visando a uma maior rentabilidade para a subsistência das famílias que vivem da lavoura. Segundo Freire (1992), o objetivo do extensionista é fazer com que o camponês substitua seus “conhecimentos” associados à ação sobre sua realidade pelo conhecimento do extensionista. Poder-se-ia acrescentar a este ponto de vista que não se trata apenas de substituir o conhecimento de um pelo do outro. Neste caso, dir-se-ia melhor que a atividade extensionista, ao mesmo tempo em que valoriza o saber tradicional naquilo que ele tem de positivo, busca introduzir novas técnicas e informações na área rural.

A experiência profissional da pesquisadora no serviço público, como professora na Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA<sup>1</sup> (cf. fotos da escola, Anexo I), mostra que não é raro existirem dificuldades na comunicação entre o técnico e o homem do campo. Tal constatação indica a necessidade de um conhecimento mais profundo do dialeto do homem do campo, de modo a possibilitar aos técnicos que atuam na área uma intercomunicação efetiva com a população envolvida nos projetos implementados, não só pela instituição de ensino já referida, como também por empresas de extensão inseridas nas comunidades rurais.

A percepção deste problema surgiu há algum tempo, quando, na coordenação de projetos rurais desenvolvidos entre a Prefeitura de Catu e a Escola, conduziam-se alunos monitores para realizarem atividades junto ao agricultor em hortas comunitárias na zona rural deste Município. Constatou-se, então, a dificuldade de comunicação entre os envolvidos no processo, o que se reflete nos resultados referentes à produtividade no plantio.

---

<sup>1</sup> Instituição vinculada à Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação e do Desporto.

A cadeia é cíclica. Com o objetivo de aumentar a produtividade, que faz elevar o padrão de vida do agricultor, surgem novas técnicas agrícolas. Este avanço tecnológico implementa o aparecimento de uma terminologia própria, objetivando nomear as especificidades da área, pois a língua deve atender às necessidades da comunicação humana. Dessa forma, o técnico utiliza, muitas vezes, termos específicos, distanciando-se do homem do campo durante a interação verbal. Este distanciamento aumenta, quando o agricultor se envergonha de questionar aquilo que não conseguiu captar no diálogo, em função do distanciamento natural e constante entre sujeitos com características já anteriormente explicitadas acima em comunicação assimétrica.

Tomando como postulado a diversidade lingüística, o presente trabalho adota como hipótese que a existência de variedades lingüísticas distintas, tais como os dialetos rurais e o dialeto culto urbano, é determinante para a existência de ruídos na comunicação, ruídos que podem, inclusive, levar a interação verbal a um fracasso parcial ou total.

Objetiva-se, então, analisar a interação entre o técnico e o homem do campo, a fim de detectar as dificuldades lingüísticas na comunicação, implicadas nos resultados operacionais do processo de interação. Para tanto, foram entrevistados em momentos separados, estes sujeitos. Foram retirados itens lexicais das descrições feitas pelo profissional e aplicados em questionários, segundo os fundamentos dialectológicos, na entrevista com o homem do campo.

Convém chamar a atenção para o fato de que, neste trabalho, ocorre uma variação para a denominação dada ao homem do campo ao longo do texto, a saber, *camponês*, *agricultor*, *lavrador*, *trabalhador rural* e *homem da zona rural*. Estas denominações aparecem com o mesmo sentido e são utilizadas como recurso textual para não cansarem o leitor.

Esta dissertação encontra-se dividida em cinco partes: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise dos dados e considerações finais. A *introdução* descreve em linhas gerais a pesquisa; a *fundamentação teórica* relaciona algumas das teorias publicadas ao tema enfocado, dividida nos dois aspectos principais da pesquisa – diversidade lingüística e interação; a *metodologia* relata a forma como foi conduzida o trabalho,

apresentando os caminhos percorridos principalmente antes e durante a recolha dos dados, na pesquisa de campo; a *análise dos dados* faz um levantamento dos dados e descreve o que foi observado no *corpus*; e as *considerações finais*, apesar de não serem conclusões definitivas, apresentam algumas contribuições da pesquisadora aos campos de estudo dialectológico e interacionista.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA

A diversidade lingüística está relacionada às variações que ocorrem na língua dentro do sistema, variações estas inerentes à pronúncia, ao léxico, à sintaxe, em decorrência dos contextos lingüístico e extralingüístico em que se processa a interação verbal.

Por ser um instrumento vivo de comunicação, utilizado entre os falantes de uma mesma região ou de regiões diversas, a língua está sujeita a mudanças. Castilho (1992) corrobora esta afirmação quando diz que as línguas naturais estão sujeitas ao fenômeno da variação. Além disso, incorporando instrumentais da sociolingüística, o autor observa que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, como o momento histórico em que se encontram, o espaço geográfico, sociocultural e temático em que se movem, e o canal lingüístico que escolhem para comunicar-se.

Considerando-se a existência de variação, surge o interesse de pesquisadores no estudo dos dialetos, tanto dos pontos de vista sintático e semântico, como do fonológico. Como todos os dialetos são lingüisticamente considerados importantes, as pesquisas se ampliam em várias partes do País, a fim de que se conheça a imensa variedade lingüística de que dispõe o Brasil. Estas pesquisas são de extrema importância, pois, através delas e de uma análise sincrônica ou até mesmo diacrônica, serão traçados os caminhos percorridos pela língua, principalmente porque o País tem uma grande extensão territorial, propiciando a formação de grupos e subgrupos dialetais.

Sobre essas delimitações dialetais, assim se refere Pinto (1986, p. 7): “No plano geográfico, dialetos são falares característicos de certas áreas, cujos limites aproximados podem ser representados, em mapas, por um feixe de linhas correspondentes a semelhanças léxicas e fonéticas (isoglossas), próprias de cada área.” Dessa forma, na tentativa de explicar e documentar variedades lingüísticas, os estudos dialectológicos e sociolingüísticos tornam-se importantes, buscando resgatar a oralidade urbana e rural e garantir a comunicação entre os falantes. Com este propósito, apresenta-se o interesse deste estudo, concentrado no léxico da agricultura, especificamente da zona rural, através da observação

dos dados obtidos nas entrevistas com o técnico e o homem do campo. Levando em consideração as diferenças sociais e circunstanciais do processo da comunicação, recorre-se a Cardoso & Ferreira que afirmam (1994, p. 12):

*Depreende-se então que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características lingüísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação.*

É indiscutível que a variação e heterogeneidade lingüísticas são inerentes a qualquer língua. Como assinala Thibault (1996, p. 89), citando Saussure, as mudanças que ocorrem na língua são utilizadas inicialmente por um grupo de indivíduos e posteriormente passam a ser adotadas pela comunidade como um todo:

*For in the history of all innovations one always comes across two distinct moments: (1) that when [the innovation] arises among individuals; (2) that when [the innovations] has become a fact of the language system [un fait de langue], outwardly identical [to the first moment], but adopted by the collectivity<sup>1</sup>.*

Dessa forma, no ato da comunicação, o falante, ao utilizar os vocábulos, nomeia aquilo que o rodeia relacionado a um referencial. Concernente a este aspecto, Biderman (1998, p. 11) diz que: “Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto, os símbolos, ou signos lingüísticos se reportam ao universo referencial”.

Utilizando toda esta riqueza que o léxico possui, o falante passa também a criar e a inovar o vocabulário relacionado ao contexto social em que vive, no fascinante jogo da comunicação. Alves (1990) trata da variação lexical associada ao neologismo, aos processos de formação e a integração destes novos itens lexicais na língua, a partir do uso que o falante faz desta. Sobre esse aspecto, Bakhtin (1979, p. 110) observa que a “língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta (...)*”.

---

<sup>1</sup> “Na história das inovações, um fato sempre percorre dois momentos distintos: (1) quando [a inovação] origina-se entre indivíduos; (2) quando [as inovações] tornam-se um fato do sistema de linguagem aparentemente idêntico [ao primeiro momento], mas adotado pela coletividade.” (Tradução da autora deste trabalho, doravante, essa indicação de autoria será registrada como T. A.).

Com o propósito de comunicar, as palavras traduzem os sentimentos e expectativas dos grupos sociais e, particularmente, dos indivíduos. Assim, as palavras surgem em contextos diversos, como na família, no lazer, na profissão e outros, em estilos formais ou informais. No entanto, o falante deve estar atento ao emprego adequado das lexias, com a finalidade de obter êxito na comunicação. Segundo Ilari & Geraldi (1985, p. 47), o falante “busca a palavra certa”:

*O que acabamos de dizer a respeito de contextos lingüísticos remete a uma outra ressalva necessária: presumivelmente equivalentes, as expressões sinônimas são, ainda assim, expressões entre as quais os locutores **escolhem**: a escolha é, no caso, uma “procura da palavra exata” (como na pena do escritor que corrige um texto já escrito), a mostrar que as duas expressões não são igualmente adequadas aos fins visados; essa escolha traduz freqüentemente a preocupação de evocar ou respeitar um determinado nível de fala, um determinado tipo de interação, ou mesmo um certo jargão profissional: o médico que, após examinar um paciente obviamente inculto, fala de câncer usando a palavra **carcinoma** ao invés de **ferida brava** ou simplesmente **câncer** está fazendo uma de três coisas, ou todas elas juntas: adota um nível de fala elevado, próprio de pessoas cultas; desenvolve um tipo de interação que coloca o interlocutor em situação de inferioridade e caracteriza-se como médico pelo uso do jargão típico de sua classe profissional.*

*Às vezes, a “busca da palavra certa” tem objetivos de precisão; por exemplo, porque duas palavras que seriam intercambiáveis em contextos informais assumem sentidos específicos em contextos técnicos. Assim, **roubo** aplica-se a crimes considerados mais graves pelo legislador do que **furto**; e, no vocabulário jurídico, **separação**, **desquite** e **divórcio** não são a mesma coisa.*

Existem muitos estudos científicos, na esfera lexical, com a finalidade de resgatar e preservar a linguagem tanto urbana quanto rural, como já foi dito. Por este motivo, Aragão (1983) faz uma descrição de alguns trabalhos voltados especificamente para os falares regionais, expondo também projetos que vêm sendo desenvolvidos com esta mesma finalidade. Hoje, existe um grande número de trabalhos nesta área, buscando a divulgação do material recolhido em atlas lingüísticos. Além disso, inúmeros trabalhos, de caráter monográfico, têm sido produzidos nas últimas décadas. Aguilera, em sua obra de 1998, apresenta os atlas publicados e os que se encontram em andamento, realizando um balanço dos estudos dialetais no Brasil.

Evidencia-se, então, a importância dos estudos lingüísticos, ora para apreender as regularidades da língua, ora para conhecer as variedades nela existentes, ocorridas segundo as necessidades inerentes ao processo de comunicação. Devido a um dos alvos deste

trabalho ser a observação da linguagem do homem do campo, salienta-se o que afirma Silva-Corvalan (1989, p. 9) sobre a investigação dialectológica, centrada principalmente na zona rural:

*Por un lado, la preocupación básica de la dialectología por establecer las fronteras geográficas de ciertos usos lingüísticos, concentrando la investigación esencialmente em sectores rurales, pues en ellos se ha esperado encontrar variedades “más puras” de lengua, es decir, formas vernáculas más antiguas y tradicionales, no contaminadas por el contacto com otras variedades.*<sup>2</sup>

Ainda a respeito dos estudos dialetais, específicos da zona rural, destaca-se o que disseram Cardoso & Ferreira (1994, p. 89):

*Assim, paradoxalmente, as áreas rurais convertem-se, de um lado, em focos de conservação e, de outro, em campo propício à inovação lingüística, pois, mais distanciados da força coercitiva da escola, de certo modo livres da pressão cotidiana dos meios de comunicação, conseguem reter formas, usos, realizações fônicas que no processo de mudança lingüística se vêem substituídos por outros.*

Desde o século XIX, já existia uma preocupação com a terminologia popular. Naquela época, constatava-se a necessidade de se estudarem os nomes populares da imensa flora, juntamente com a sua utilidade. Relativo a este aspecto, apresenta-se o que disse Pop (1950, p. 107) ao se referir ao estudioso suíço Augustin-Pyrame De Candolle que abordou essa questão:

*Chaque langue, chaque patois, souvent chaque village offrent donc une sorte de nomenclature populaire. Sans doute, il est impossible de connaître tous ces noms, qui par leur obscurité, et souvent par leur inconstance, échappent à l'étude: mais on ne peut nier qu'un recueil de noms populaires aurait une utilité réelle (...)*<sup>3</sup>.

A terminologia, então, aproxima os grupos de falantes. A língua está relacionada ao aspecto social e cultural destes, definindo os grupos de indivíduos. Torna-se evidente que, na cidade ou no campo, os falantes utilizam a linguagem de acordo com as características

---

<sup>2</sup> “Por um lado, a preocupação básica da dialectologia em estabelecer as fronteiras geográficas de certos usos lingüísticos, concentrando a investigação essencialmente em setores rurais, pois neles esperam-se encontrar variedades “mais puras” da língua e formas vernáculas mais antigas e tradicionais não contaminadas pelo contato com outras variedades”. (T. A.)

<sup>3</sup> “Cada língua, cada patoá, freqüentemente cada vila oferecem então um tipo de nomenclatura popular. Sem dúvida, é impossível conhecer todos estes nomes, que por sua raridade e, freqüentemente, por sua inconstância, escapam aos estudos: mas não se pode negar que uma recolha dos nomes populares teria uma utilidade real”. (T. A.)

do grupo ao qual pertencem. Isquierdo (1998) salienta a importância de investigar a língua associada à cultura do povo. Segundo a autora, partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura e considerando-se que o sistema lingüístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer ao estudioso dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados com a história, o sistema de vida, a visão de mundo de um determinado grupo.

Além das delimitações dialetais no plano geográfico, abordadas anteriormente e de interesse do dialetólogo, existem fatores sociais que agem diretamente na linguagem, provocando modificações, como escolaridade, faixa etária, estilo, gênero e região. Castilho (1992, p. 247) os descreve como fatores preferenciais de pesquisa dos sociolingüistas: “Já os sociolingüistas dão preferência a um estudo mais verticalizado de uma só comunidade, concentrada em pequena extensão territorial, induzindo por métodos apropriados o falante a mudar de registro ou grau de formalidade, separando-os segundo o sexo, a idade e o nível sociocultural”.

Os fatores extralingüísticos citados apresentam-se como elementos de observação e análise do *corpus* deste estudo. Sobre a influência dos fatores sociais na linguagem, Tarallo (1985, p. 47) afirma que:

*Por outro lado, em uma sociedade tão estratificada como a nossa, fatal será que o nível socioeconômico e de escolaridade do indivíduo tenha direta relevância sobre seu desempenho lingüístico. Seu primeiro trabalho será, portanto, através de sua intuição como membro da comunidade, sentir e apreciar a área de atuação das variantes no meio social e organizar os grupos de fatores extralingüísticos.*

Relacionando-se os fatores extralingüísticos à linguagem, constata-se que as variáveis sociais destacadas neste estudo para selecionar os informantes principalmente da zona rural – gênero, escolaridade e faixa etária – apresentam-se como elementos que interferem na linguagem usada entre o técnico e o homem do campo. Assim, de um lado, a linguagem utilizada pelo profissional é mais voltada para os padrões da norma dita culta, associada à terminologia técnica. Do outro, a linguagem utilizada pelo agricultor é mais simples e associada à experiência na lavoura. Busca-se, então, analisar a linguagem do

trabalhador rural, como já foi dito, bem como a do técnico. A linguagem técnica possui um vocabulário específico para cada área. Alguns autores como Pretti (1977), Ilari & Geraldi (1985), Correa & Martine (1989) e Alves (1990) e algumas pesquisas de pós-graduação como Oliveira (1978), Pontes (1982/1996), Aldrigue (1986) e Ferreira (1997) abordam a especificidade deste vocabulário, com a finalidade de expressão de conhecimento.

A linguagem do técnico da área agrícola, por sua vez, apresenta peculiaridades que exigem o conhecimento dos envolvidos no processo comunicativo, a fim de que os resultados sejam eficazes. Alves (1990, p. 86-87) expressa a grande produtividade na criação lexical decorrente das línguas técnicas, em função da necessidade de especialização, quando a língua geral não atende a esta necessidade:

*Todos os lexicólogos que estudam as línguas faladas nos países desenvolvidos e em desenvolvimento afirmam unanimemente que a neologia lexical é mais abundante nas línguas técnicas do que na língua geral. Esse fato não é fortuito: conceitos técnicos e científicos não cessam de serem criados e têm necessidade de serem nomeados. Pudemos verificar, por meio de periódicos e das revistas que nos forneceram exemplos de formações neológicas, que a maior parte dos neologismos coletados pertence a um vocabulário técnico ou científico. Assim, podemos concluir que, no português contemporâneo falado no Brasil, as terminologias científicas e técnicas constituem a maior fonte de criatividade lexical.*

Justifica-se esse aspecto de alta criatividade lexical por ter a língua uma característica de ser “elástica” e o poder de evoluir atendendo ao avanço tecnológico.

## 2.2 INTERAÇÃO

Esta pesquisa estuda o processo interacional, especificamente no tocante a três participantes da comunicação – o locutor, o interlocutor e os contextos lingüístico e extralingüístico – com a finalidade de absorver o que ocorre na interação verbal entre o técnico e o homem do campo. O contexto lingüístico diz respeito aos elementos sintáticos, semânticos e fonológicos que envolvem o fato lingüístico em estudo. O contexto extralingüístico se refere aos fatores socioeconômicos e geográficos, além daqueles relacionados com a própria situação lingüística. Todos estes fatores influenciam na linguagem própria de cada falante, dificultando o processo interacionista entre os falantes

com conhecimentos distintos. Na verdade, o contexto influencia e é influenciado pelos componentes da interação. Neste processo de interação, os falantes expressam seus sentimentos, relacionando-os às suas definições de vida e de mundo, como afirma Bourdieu (1998, p. 14):

*...o poder simbólico permite exprimir o sofrimento, a decepção, a alegria, todos os sentimentos associados aos tempos fortes do ciclo de vida de um grupo social e, num outro registro, veicular os anseios, as expectativas, as identidades e demais sinalizações pertinentes com que os grupos sociais buscam afirmar sua diferença por meio de encantamentos instilados em sua definição dos mistérios da vida e do mundo.*

Koch (1997, p. 110) destaca a linguagem como representação de mundo e também como forma de integrar o grupo social:

*É preciso pensar na linguagem humana como um **lugar** de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos.*

*“Em outras palavras”, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de **inter-ação** social.*

Sabe-se que a língua, instrumento vivo de comunicação, pode ser utilizada por falantes das mais diversas regiões e grupos sociais definindo suas identidades. No que tange ao processo de comunicação, chama-se a atenção para o que diz Bakhtin (1979, p. 98;99) sobre a interação verbal entre os indivíduos:

*Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. **A palavra dirige-se a um interlocutor**: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc...).*

*(...)*

***A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.***

Assim, percebe-se que as condições sociais interferem e até determinam a estrutura da enunciação no processo de interação entre os indivíduos de uma comunidade. Em trabalho de tema semelhante a este, que trata da comunicação entre falantes com

conhecimentos distintos, Andrade (1988, p. 199;205) estuda a relação comunicativa médico/paciente e entrevista médicos a fim de verificar as dificuldades existentes na “comunicação inter-dialetal de grau de distanciamento variável, cujo êxito depende da capacidade de adequação dos interlocutores” e finaliza dizendo que todos devem aprender a norma culta, mas também valorizar as variantes regionais “... cabendo aos profissionais universitários assumir o compromisso de se tornarem **pluridialetais** atitude muito mais construtiva e integradora do que persistir nos juízos depreciativos das expressões populares”.

O estudo referenciado busca valorizar o falar regional e sugere aos profissionais que sejam perspicazes na interação verbal, visto que esta pode acontecer entre sujeitos com os mesmos níveis sociais, assim como entre indivíduos com *status* diferentes. É óbvio que a primeira relação citada conduz-se mais facilmente na interação do que a última. Interação entre sujeitos com características sociais diferentes apresenta um maior grau de dificuldade assim como de diversidade. Bortoni (1989, p. 173) ressalta este aspecto quando diz que “a interação entre as pessoas de diferentes “*backgrounds*” é marcada pela diversidade de normas e atitudes”. Esta pesquisa está centrada na análise de falantes com diferentes *backgrounds* como denominou Bortoni, ou seja, a interação entre o técnico e o homem do campo. Outros trabalhos identificam aspectos também voltados para o discurso assimétrico (Marcuschi *apud* Santos, 1999), como o de médico/paciente, o de professor/aluno e outros. Nestas interações, principalmente face a face, a relação de poder encontra-se como elemento presente e constante. Observa-se, neste caso, a posição de superioridade daquele que sabe mais em detrimento do que sabe menos. Tornam-se evidentes, na interação entre os referidos sujeitos, as marcas lingüísticas do discurso assimétrico como expõe Santos (1999, p. 8):

*Com base nessas colocações, este trabalho identifica as marcas lingüísticas que sugerem o poder no discurso de sala de aula na interação professor/aluno. Essas marcas são também encontradas em outros discursos com características semelhantes, como é caso, por ex., daquele da relação **médico/paciente**, em que a assimetria, “uma noção usada para descrever uma relação de desigualdade ou desequilíbrio entre os membros participantes de um evento de fala” (Marcuschi, 1988, p. 58), fica evidente.*

No contexto interacional, a linguagem do *técnico/homem do campo* expressa a mesma relação de assimetria acima referida: o primeiro dispõe de uma linguagem mais formal, especificamente técnica, e o segundo, uma linguagem mais informal e voltada para a experiência daquilo que se observa no dia-a-dia da lavoura. Chama-se a atenção para o que propõe Pontes [199-?] quanto à terminologia empregada pelo agrônomo e pelo homem do campo, quando engajados nos projetos rurais: “Identificam-se o agrônomo como usuário de uma terminologia ‘oficial’ e o agricultor como usuário de uma terminologia ‘popular’”. No entanto, deve-se estabelecer um esforço entre estes falantes para que se diminua a distância lingüística em seus diálogos, como aborda Freire (1992, p. 68):

*Daí que o diálogo problematizador, entre as várias razões que o fazem indispensável, tenha esta mais: a de diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado. Deste modo, o significado passa a ter a mesma significação para ambos. E isto só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da **extensão** do pensado de um sujeito até o outro.*

Com o propósito de aproximar a teoria da prática, além de tornar o campo e a ciência um complemento do outro, Pop (1950, p. 107) relata os estudos do francês N. St. DesÉtangs que afirmou:

*...s’occupe de la terminologie populaire des plantes, parce qu’il estime utile “à mettre en rapport l’homme de la science et l’homme des champs, la théorie avec l’application” (...). L’agriculteur ne connaît pas le nom scientifique des plantes et le botaniste, ignorant la terminologie populaire, ne peut pas rapporter la plante qui lui est indiquée au nom que la science lui a imposé. A part ce **but pratique**, cette nomenclature est intéressante par les remarques dont certaines espèces ont pu être l’objet de la part des paysans, et la science en a profité plus d’une fois.<sup>4</sup>*

Na análise dos dados desta pesquisa, observaram-se as especificidades presentes na fala do técnico e do agricultor, resgatando itens lexicais que demonstram ser fundamentais ao diálogo. As respostas dadas pelo lavrador foram agrupadas e analisadas de acordo com o entendimento da questão, considerando-se as expectativas técnicas ou não, assim como, paradoxalmente, com o não entendimento daquilo que era questionado.

---

<sup>4</sup> “...ocupam-se da terminologia popular das plantas, porque consideram útil “relacionar o homem da ciência com o homem do campo, a teoria e a prática” (...). O agricultor não conhece o nome científico das plantas e o botânico, ignorando a terminologia popular, não pode referir-se à planta que lhe é indicada pelo nome que a ciência lhe impôs. Além dessa finalidade prática, esta nomenclatura é interessante para identificar espécies que podem ser o objeto para o homem do campo e a ciência tem-se aproveitado disso mais de uma vez” (T. A.).

### 3 METODOLOGIA

O trabalho intitulado *Interação Técnico/Homem do Campo: o léxico da agricultura* está especificamente voltado para a área agrícola. Realizou-se este trabalho na zona rural de Sítio Novo, distrito do Município de Catu, no Estado da Bahia (cf. mapa de localização, Anexo II). Este município, distante 80 km da capital do Estado, tem uma área total de 520 km, com uma população de 47.520 habitantes. Divide-se em três distritos: distrito sede, distrito Sítio Novo e distrito Bela Flor. O local onde se desenvolveu o estudo integra a zona rural, com uma população aproximada de 5.000 habitantes. Os moradores da região vivem principalmente da exploração da lavoura de mandioca, laranja, milho, feijão e banana e da criação de bovino, equino, suíno, ovino e aves. As atividades da pesquisa foram divididas em dois momentos distintos:

- O primeiro momento corresponde à entrevista com os informantes, Técnicos em Agropecuária, denominados aqui, Grupo I.
- O segundo momento engloba as entrevistas com os agricultores, designados na pesquisa como Grupo II.

As entrevistas foram gravadas, objetivando-se uma análise mais cuidadosa dos inquéritos. Durante as citadas entrevistas, além das gravações, foi utilizado um diário de anotações, como complemento de informações para a análise dos dados coletados.

Ressalta-se que a transcrição de texto dos inquéritos desta pesquisa foi grafemática e integral, objetivando-se analisar o contexto em que o vocábulo foi empregado, e, ainda, que se procurou registrar, na medida do possível, as características da língua falada. Apresentaram-se dificuldades na transcrição dos dados, quanto às características peculiares da oralidade, sobretudo nos informantes que representam os estratos sociais mais populares. Adotaram-se, então, nestes textos alguns dos sinais para transcrição de conversação, estabelecidos por Marcuschi (1999), conforme expressos na lista de convenções à página 6. Para caracterizar a oralidade, além desses sinais, foram mantidas as formas da conversação informal do tipo: *tá, num, pra, pro, né* e outros. Segue abaixo a descrição metodológica da pesquisa de campo.

### 3.1 PRIMEIRA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO I

O grupo dos entrevistados nesta etapa da pesquisa foi composto por dois informantes técnicos, ex-alunos da Escola Agrotécnica Federal de Catu-Ba (cf. modelo da ficha de identificação, Anexo III). As entrevistas com estes informantes foram realizadas na citada escola (cf. fotos ilustrativas, Anexo I). Foram consideradas três variáveis na seleção destes sujeitos: área de atuação do profissional, específica da agricultura, em projetos de extensão rural; o tempo de trabalho na região e sua escolaridade. Para fins de análise lingüística e conhecimentos técnicos compatíveis, considerou-se a uniformidade na escolaridade dos informantes, de forma que ambos possuísem o terceiro grau completo. Vale a pena salientar que, apesar dos inquiridos serem formados nas áreas de zootecnia (licenciatura em zootecnia e médico veterinário), ambos são técnicos em agropecuária em nível de 2º grau e também possuem experiência na área agrícola, em extensão rural.

Convém destacar que a variável gênero feminino não foi levada em consideração, em virtude da dificuldade em se encontrarem ex-alunas atuando na região e, também, por se considerar dispensável o controle sistemático desta variável nesta fase. Além disso, as entrevistas têm caráter descritivo, observando-se apenas a contextualização do vocábulo técnico. A variável faixa etária também não foi observada na seleção dos informantes desta etapa pelo mesmo motivo acima, ou seja, a análise dos dados estar restrita apenas à linguagem técnica.

As entrevistas foram gravadas computando-se 72 (setenta e dois) minutos, objetivando uma análise mais cuidadosa dos inquéritos, o que subsidiou a escolha dos itens que integraram o questionário a ser utilizado na pesquisa com o Grupo II. Os técnicos da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA definiram fases que compõem o processo característico do plantio, a fim de ser elaborado um roteiro para as entrevistas, o que auxiliou na condução deste estágio. O técnico entrevistado fez uma descrição ampla e longa das etapas do plantio, quais sejam: preparo do solo, plantio, tratamentos culturais, adubação, controle de pragas e doenças, colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto. Essas etapas descritas foram associadas às culturas mais cultivadas nas roças do distrito de Sítio Novo, a saber: milho, mandioca, feijão, laranja e olerícolas. Segue abaixo o roteiro

utilizado, com as palavras-chave que estão relacionadas às fases selecionadas, a fim de conduzir as descrições:

### **Roteiro de Entrevista do Técnico**

- 1. Preparo do solo** – palavras-chave: solo, derrubada, destoca, limpeza, aração e gradagem.
- 2. Plantio** (a partir daqui, o informante deverá relacionar o plantio às culturas selecionadas: milho, mandioca, feijão, laranja, olerícolas) – palavras-chave: marcação, curva de nível, coveamento, enxertia, sulco, espaçamento, época de plantio.
- 3. Tratos culturais** – palavras-chave: capina, limpeza, poda, escarificação, amontoa, desbaste ou raleação, coroamento, herbicida.
- 4. Adubação** – palavras-chave: NPK, adubação orgânica e química.
- 5. Controle de pragas e doenças** – palavras-chave: pulverização, defensivos, inseticidas, fungicida, prevenção.
- 6. Colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto** – palavras-chave: armazenagem, pré-resfriamento, acondicionamento e transporte.

Salienta-se que, nas transcrições da fala do técnico (Anexo IV), o(s) vocábulo(s) selecionado(s) está(ão) destacado(s) em itálico, para sua melhor identificação e localização no texto. Constam também números cardinais, ao lado de cada item lexical, que correspondem à divisão do roteiro da entrevista, os quais identificam as etapas do plantio.

Levando-se em consideração as descrições apresentadas pelos técnicos, foram escolhidos os itens lexicais que fizeram parte do questionário do homem do campo. Ao lado de cada um deles constavam, quando necessário, as formas verbais que os representam ou um complemento vocabular, para que os entrevistados compreendessem as questões no segundo momento da pesquisa.

## **3.2 SEGUNDA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO II**

Este momento ficou subdividido em duas fases: Questionário Experimental e Definitivo. Objetivando uma recepção mais acolhedora por parte da comunidade de Sítio

Novo na escolha dos informantes, contou-se com a colaboração de um ex-aluno<sup>1</sup> da Escola Agrotécnica Federal de Catu, que nasceu e vive em constante contato com os moradores da região. Sua presença foi um elemento muito importante, pois, além do conhecimento técnico específico de agricultura, o referido aluno, bem relacionado com as pessoas da comunidade, analisava junto à pesquisadora as características individuais dos informantes, de acordo com as variáveis extralingüísticas previstas no trabalho, a fim de buscar sujeitos condizentes ou próximos do perfil estabelecido no projeto de pesquisa.

As entrevistas com o homem do campo foram realizadas em suas residências, propriedades e sítios na zona rural (cf. fotos ilustrativas, Anexo I). As viagens foram feitas por estradas não asfaltadas, na companhia do pai da pesquisadora. Algumas vezes ocorreram dificuldades de acesso às propriedades rurais devido às más condições da estrada ou cães de guarda das propriedades. Ressalta-se a receptividade, alegria e disponibilidade de tempo dos informantes a fim de colaborarem com a pesquisa. Os entrevistados em alguns momentos se apresentaram tão próximos da entrevistadora que falaram de fatos muito íntimos de suas famílias. Enfim, todos os percalços acima relatados tiveram que ser ultrapassados, buscando-se a integridade dos dados para que os objetivos do projeto fossem alcançados. Convém salientar que uma boa parte destes falantes não possui instrução formal, vive quase exclusivamente dos produtos cultivados em suas roças.

As perguntas dos Questionários utilizados nas entrevistas foram elaboradas pela pesquisadora, em conjunto com os técnicos da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA, conforme as tendências teóricas prescritas pela dialectologia. A aplicação deste se fez *in loco* para o levantamento do *corpus*. Os dados levantados nas transcrições deste grupo foram reunidos em categorias, de acordo com a compreensão do agricultor, e analisados conforme os estudos lingüísticos.

Na seleção dos informantes foram consideradas as variáveis: faixa etária, a saber, de 15 a 30 anos, de 31 a 45 e acima de 45 anos. A faixa I foi escolhida por apresentar-se como elemento importante, por ser formada principalmente de filhos dos agricultores, que ajudam no trabalho da lavoura. Além da faixa etária, foi controlada também a escolaridade

---

<sup>1</sup> Antônio Fernando do Nascimento Ferreira, 19 anos, concluinte de 1999 da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA.

dos informantes, agrupada em duas categorias: não escolarizados (até 2 anos de escolaridade) e escolarizados (no máximo 1º grau completo). Convém observar que a inclusão de informantes com dois anos de escolaridade no grupo de não escolarizados, se deve à precariedade do ensino público na região, comprovada pela observação da pesquisadora durante as entrevistas. Finalmente, a pesquisa contemplou também a variável gênero para avaliar as possíveis diferenças lexicais, opondo a linguagem de homens e mulheres.

Chama-se a atenção para o fato de que o informante, mesmo que, na época da entrevista, não estivesse no período do cultivo, deveria ter o conhecimento sobre o trabalho do produto questionado. Durante as entrevistas, além das gravações, foi utilizado um diário de anotações como complemento de informações para a análise dos dados coletados.

### 3.2.1 Questionário Experimental

Nesta fase, entrevistaram-se dois informantes (cf. modelo da ficha de identificação, Anexo V): uma mulher, de 47 anos, nascida em Sítio Novo e que frequentou a escola por dois anos, e um homem, com 56 anos, nascido em Sítio Novo e possuidor de escolaridade até a 2ª série. O Questionário Experimental (Anexo VI) aplicado nesta etapa, foi utilizado como um teste preliminar, para verificar a viabilidade do instrumento investigativo. Na seleção dos informantes para a entrevista deste momento, foram observadas as variáveis acima descritas.

Utilizou-se o método onomasiológico, através de perguntas indiretas do tipo ‘*Como se chama...(descrição da ação, objeto...)?*’, para obtenção da forma lexical correspondente. Utilizando-se perguntas diretas, foi feito um teste de identificação do item lexical, caso o termo técnico não tivesse sido produzido pelo informante, imediatamente após a aplicação de todo o questionário formado por perguntas indiretas. Perguntava-se, por exemplo, ‘*O que você entende por...(item lexical)?*’, a fim de ser observado se o informante conhecia o vocábulo em questão e no momento da pergunta esqueceu a referida forma. A condução das entrevistas foi através de uma conversação semidirigida, para que o informante pudesse falar um pouco sobre suas experiências e também para garantir um relativo grau de

informalidade na interação. Assim, foram observadas as várias formas de utilização e compreensão do léxico da área agrícola pelos entrevistados.

### 3.2.2 Questionário Definitivo – Grupo II

O Grupo II, ao qual foi aplicado o Questionário Definitivo (Anexo VII), foi constituído de doze informantes, da zona rural do município de Catu, observando-se as mesmas variáveis anteriormente apresentadas. Nesta etapa, considerou-se a mesma ficha de identificação preenchida no momento do Questionário Experimental. Justifica-se a escolha dos doze informantes pela presença de pelo menos um deles para cada variável social. Para o controle das variáveis referidas, obteve-se a seguinte distribuição:

**Quadro I**  
**Variáveis Extralingüísticas**

Homem			Mulher		
Idade	Escolaridade	Nº de Inform.	Idade	Escolaridade	Nº de Inform.
15 a 30 anos	Escolarizado	1	15 a 30 anos	Escolarizado	1
	Não escolarizado	1		Não escolarizado	1
31 a 45 anos	Escolarizado	1	31 a 45 anos	Escolarizado	1
	Não escolarizado	1		Não escolarizado	1
Acima de 45 anos	Escolarizado	1	Acima de 45 anos <sup>2</sup>	Escolarizado	1
	Não escolarizado	1		Não escolarizado	1
Subtotal		6			6
Total					12

Ressalta-se que, assim como no Questionário Experimental, utilizou-se o método onomasiológico para a execução das entrevistas e, ao final de todo o questionário, também

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, em alguns momentos, o texto se referirá aos sujeitos que correspondem à faixa etária III como “mais velhos”, não como preconceito a este limite de idade, mas como recurso textual, para não cansar o leitor.

procurou-se fazer a identificação das formas. Chama-se a atenção para o fato de que a documentadora procurou seguir as perguntas que foram cuidadosamente elaboradas anteriormente. No entanto, buscou-se também, à medida que o diálogo transcorria, uma linguagem mais informal, mais próxima da linguagem do homem da zona rural e até uma explicação mais detalhada de cada questão, com o intuito de fazer com que o inquirido entendesse o que era pretendido na condução deste processo. Seguem abaixo partes da transcrição das entrevistas, para exemplificar tal fato:

(1) Doc. – *Hum, (+) se o senhô trabalha com a mandioca, como é que a gente chama, é... a parte quando o senhô coloca lá a maniba, a manaíba, né?*

Inf. – *É, sim senhora.*

Doc. – *É manaíba ou maniva? Como é que o senhô chama?*

Inf. – *É maniba.*

Doc. – *Maniba, então o senhô bota lá maniba e aí ela vai brotá, vai nascê, né?*

(2) Inf. – *É clínico?*

Doc. – *Clínico?*

Inf. – *É, é clínico.*

Doc. – *E o gado?*

Inf. – *O de gado é comum.*

Doc. – *Por que que é clínico?*

Inf. – *Porque as galinha toma remédio, né, e o gado é no capim.*

Doc. – *É, legal isso, é?*

Inf. – *É.*

Doc. – *Isso eu nunca tinha ouvido não ((sorriu)) meus professores vão gostar. É, quando... o tipo de adubo que a gente utiliza nessa adubação foliar, oh, adubação foliar é aquela que... esse que num é o clínico, que num é o... como é o outro que o senhô disse?*

Inf. – *Gado.*

As entrevistas foram gravadas computando-se um total de 640 minutos. Cada inquérito transcorreu numa média de 46 minutos. Incluindo os informantes do Questionário

Experimental, totalizaram-se quatorze entrevistas: duas referentes a este primeiro questionário e doze entrevistas no que tange ao Questionário Definitivo. Procurou-se estabelecer um clima de tranqüilidade e espontaneidade durante esta etapa, como os estudos dialectológicos propõem, de forma que auxiliasse no momento em que fosse feita a análise mais criteriosa dos dados levantados.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são detalhados os procedimentos adotados na análise dos dados, fazendo-se a descrição dos resultados obtidos, tanto na primeira, quanto na segunda etapa da coleta.

### 4.1 PRIMEIRA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO I

Feita a análise das transcrições das entrevistas dos técnicos, selecionaram-se oitenta e três dados para fazerem parte do Questionário Experimental, os quais foram agrupados segundo as etapas do plantio. A seguir a relação dos itens lexicais referente a cada etapa do plantio:

#### 1. Processo do preparo do solo:

Aceiros, Ara (arar a terra), Área de capoeira, Correção (do solo), Derrubada (da mata), Destocando (destocar), Destorroamento (destorrear o solo), Erosão, Esterilidade do solo, Estrutura do solo, Gradeia (gradear), Perfil do solo, Relevo acidentado, Solo, Textura (do solo), Topografia, Tração animal.

#### 2. Plantio:

**Processo:** Área com declividade, Balizamento, Brotar (a planta), Camalhões, Coveamento, Culturas anuais, Curva de nível, Enxertia, Época do plantio, Espaçamento entre plantas, Fileiras transversais, Gemas (da maniva), Marcação, Patamares, Piqueteamento, Sazonal, Sementeadeira<sup>1</sup>, Sulcos, Taludes, Transplantá (transplantar).

**Variedade das plantas:** Amendoim *in natura*, Feijão...macaça, Forrageira, Olerícola, Raiz pivotante.

#### 3. Tratos Culturais:

Amontoa, Capina manual, Coroamento, Desbaste (da plantação), Escarificação (escarificar o solo), Garfagem, Herbicida.

**Instrumentos Agrícolas:** Instrumentos agrícolas, Poda, Podões.

---

<sup>1</sup> Não dicionarizada. O item lexical que está registrado no dicionário é sementeira.

**4. Adubação:**

(Fermentação) aeróbica, (Fermentação) anaeróbica, Adubação (adubar), Adubação de cobertura, Adubação foliar, Adubo orgânico, Adubo químico, Material orgânico, NPK, Uréia (adubo).

**5. Controle de pragas e doenças:**

Ácaro, Antracnose, Calda do inseticida, Controle biológico, Controle de pragas e doenças, Controle químico, Controle sanitário, Defensivos (agrícolas), Formicida, Fungicida, Inseticida, Praga, Prevenção, Pulverização, Pulverizador costal.

**6. Colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto:**

Acondiciona(r), Armazenar, Beneficiamento (do produto), Colheita, Estaleiro, Produtividade.

#### 4.2 SEGUNDA ETAPA DAS ENTREVISTAS – GRUPO II

Neste momento, apresenta-se o desenvolvimento relativo à análise dos Questionários Experimental e Definitivo:

##### 4.2.1 Questionário Experimental

Com o objetivo de analisar o Questionário Experimental aplicado, foram observados os seguintes aspectos:

- a orientação adotada na literatura dialectológica tradicional, quanto à elaboração de questionários;
- a análise das perguntas do questionário por um profissional da área técnica da Escola Agrotécnica Federal de Catu<sup>2</sup>;
- o comportamento propriamente dito do instrumento em questão.

---

<sup>2</sup> Denio de Oliveira, Professor de 1º e 2º graus da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA.

No que diz respeito ao segundo item acima referido, foram considerados também o conhecimento técnico que os informantes tinham das formas lexicais e, ainda, o depoimento dos técnicos entrevistados, sobre a relevância do vocábulo no processo de comunicação entre eles e o homem do campo.

Assim, obteve-se a seguinte distribuição na análise dos vocábulos que fariam parte do Questionário Definitivo:

1. Vocábulos retirados após o Questionário Experimental, pois os informantes demonstraram compreendê-los:
  - (fermentação) aeróbica
  - (fermentação) anaeróbica
  - Aceiros
  - Adubação (adubar)
  - Armazenar
  - Balizamento
  - Colheita
  - Controle químico
  - Derrubada (da mata)
  - Destocando (destocar)
  - Enxertia
  - Espaçamento (entre plantas)
  - Estaleiro
  - Formicida
  - Inseticida
  - Poda
  - Podões
  - Sementeadeira
  - Solo

2. Foram excluídos do Questionário Definitivo os vocábulos abaixo, por sugestão dos técnicos que os julgaram desnecessários no processo de comunicação:

- (amendoim) *in natura*
- (controle) biológico
- (raiz) pivotante
- Acondiciona
- Calda do inseticida
- Controle sanitário
- Esterilidade do solo
- Fileiras transversais
- Garfagem
- Patamares
- Perfil do solo
- Sazonal
- Taludes

3. Vocábulos não utilizados no Questionário Experimental, mas aproveitados no Questionário Definitivo, pois os técnicos acharam que eram importantes:

- Análise do solo
- Colo da planta
- Contaminação do plantio
- Cova
- Fungos
- IBAMA
- Silagem
- Tratos-culturais

4. Vocábulos inicialmente retirados por serem do conhecimento dos informantes ouvidos no Questionário Experimental, mas reintroduzidos por apresentarem-se como itens lexicais importantes, na área agrícola, segundo a opinião dos técnicos:

- Adubação de cobertura
- Marcação
- Prevenção
- Produtividade
- Transplantar

5. Vocábulos selecionados para fazerem parte do Questionário Definitivo:

- (adubo) químico
- (área) com declividade
- Ácaro
- Adubação foliar
- Adubo orgânico
- Amontoa
- Antracnose
- Ara (arar a terra)
- Área de capoeira
- Beneficiamento (do produto)
- Brotar (a planta)
- Camalhões
- Capina manual
- Controle de pragas e doenças
- Coroamento
- Correção (do solo)
- Coveamento
- Culturas anuais
- Curva de nível

- Defensivos (agrícolas)
- Desbaste (da plantação)
- Destorroamento (destorroar o solo)
- Época do plantio
- Erosão
- Escarificação
- Estrutura (do solo)
- Feijão macaça
- Forrageira
- Fungicida
- Gemas (da maniva)
- Gradeia (gradear)
- Herbicida
- Instrumentos agrícolas
- Material orgânico
- NPK
- Olerícola
- Piqueteamento
- Praga
- Pulverização
- Pulverizador costal
- Relevo acidentado
- Sulcos
- Textura (do solo)
- Topografia
- Tração animal
- Uréia(adubo)

Foram escolhidos cinquenta e nove itens lexicais para serem aplicados no Questionário Definitivo. São eles: *Análise do solo*, *Ara (arar a terra/aração)*, *Área de capoeira*, *Correção (do solo)*, *Destorroamento (destorrear o solo)*, *Erosão*, *Estrutura do solo*, *Gradeia (gradear)*, *IBAMA*, *Relevo acidentado*, *Textura (do solo)*, *Topografia*, *Tração animal*, *Área com declividade*, *Brotar (a planta)*, *Camalhões*, *Colo da planta*, *Cova*, *Coveamento*, *Culturas anuais*, *Curva de nível*, *Época do plantio*, *Gemas (da maniva)*, *Marcação*, *Piqueteamento*, *Sulcos*, *Transplantá (transplantar)*, *Feijão macaça*, *Forrageira*, *Olerícola*, *Amontoa*, *Capina manual*, *Coroamento*, *Desbaste (da plantação)*, *Escarificação (escarificar o solo)*, *Herbicida*, *Tratos culturais*, *Instrumentos agrícolas*, *Adubação de cobertura*, *Adubação foliar*, *Adubo orgânico*, *Adubo químico*, *Material orgânico*, *NPK*, *Uréia (adubo)*, *Ácaro*, *Antracnose*, *Contaminação do plantio*, *Controle de pragas e doenças*, *Defensivos (agrícolas)*, *Fungicida*, *Fungos*, *Praga*, *Prevenção*, *Pulverização*, *Pulverizador costal*, *Beneficiamento (do produto)*, *Produtividade e Silagem*.

#### 4.2.2 Questionário Definitivo – Homem do Campo

A análise do *corpus* desta etapa consistiu em agrupar os itens coletados, levando-se em consideração a significação dada para cada resposta selecionada e em verificar o contexto em que foram empregados os dados, atentando-se também para a variação semântica e a lexical dos itens encontrados. Com a finalidade de auxiliar esta análise, foram examinados os sinônimos de alguns dos vocábulos nos dicionários e a possibilidade de coincidência destes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, através do levantamento destes itens lexicais no Glossário Rural de Cardoso & Ferreira (2000)<sup>2</sup>. Além disso, procurou-se fazer uma análise extralingüística, em que foram consideradas as variáveis sociais (gênero, escolaridade e faixa etária), bem como o aspecto técnico das respostas. Para esta análise especificamente técnica, contou-se com a colaboração do mesmo profissional da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA<sup>3</sup> citado anteriormente, que observou sistematicamente as respostas apresentadas pelos inquiridos.

<sup>2</sup> A partir daqui, será registrada a existência dos itens lexicais no *APFB*, levando-se em consideração o levantamento feito no Glossário Rural de Cardoso & Ferreira (2000), a fim de se verificar a coincidência ou não dos vocábulos coletados no *corpus* desta pesquisa, com aqueles que já estavam cartografados no *APFB*.

<sup>3</sup> Denio de Oliveira, Professor de 1º e 2º graus da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA.

Objetivando-se sistematizar o levantamento dos dados, as perguntas que correspondem ao método onomasiológico passam a ser denominadas a partir daqui de PARTE I do Questionário e as perguntas que correspondem à identificação das formas, que foram feitas ao final da PARTE I do Questionário, serão consideradas como PARTE II. Para facilitar a análise, as respostas dos informantes foram agrupadas de acordo com as categorias criadas pelo pesquisador, com base na compreensão do agricultor em relação às questões a ele dirigidas, verificando-se se estas se aproximavam ou se distanciavam das expectativas dos técnicos, bem como considerando-se os pressupostos teóricos da dialectologia e da interação verbal. Com o intuito de auxiliar a análise extralingüística, os dados foram agrupados em categorias previamente definidas e distribuídos em quadros, devidamente numerados de II a XIII. Tais quadros estão acompanhados, logo em seguida, pelos respectivos comentários. Para uma melhor visualização dos dados foram construídos quadros resumos – XIV à XVI – sintetizando os dados para a análise final.

Com base nos critérios já referidos, os dados foram classificados em oito categorias, identificadas neste trabalho pelas letras do alfabeto de A a H (Anexo VIII). Segue abaixo a relação das oito categorias, com uma linguagem clara quanto aos objetivos da pesquisadora:

- A. O informante produziu ou conceituou a forma técnica nas perguntas do questionário.
- B. O informante registrou uma resposta correta segundo o técnico, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia.
- C. O objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, no entanto, não apresentou uma resposta correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência.
- D. O informante respondeu a questão fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência.

- E. O informante respondeu a questão fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência.
- F. O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta.
- G. O informante utilizou um neologismo.
- H. O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível.

Ressalta-se que os informantes estão especificados em algarismos romanos, assim como pelas iniciais dos seus nomes, indicados junto a cada resposta. Objetivando-se auxiliar o(a) leitor(a) na análise dos dados quanto às variáveis extralingüísticas, apresenta-se abaixo um quadro contendo as informações referentes ao gênero, escolaridade e faixa etária da cada informante entrevistado:

**Quadro II**  
**Variáveis Extralingüísticas – Informantes entrevistados**

	Iniciais do nome/Código	Gênero	Escolaridade	Faixa etária
Informante I	RSF – Inf. I	Feminino	Escolarizada	Faixa I
Informante II	MJB – Inf. II	Feminino	Não escolarizada	Faixa I
Informante III	VNF – Inf. III	Feminino	Escolarizada	Faixa II
Informante IV	MASS – Inf. IV	Feminino	Não escolarizada	Faixa II
Informante V	MAMN – Inf. V	Feminino	Escolarizada	Faixa III
Informante VI	JSS – Inf. VI	Feminino	Não escolarizada	Faixa III
Informante VII	VJS – Inf. VII	Masculino	Escolarizado	Faixa I
Informante VIII	JSS – Inf. VIII	Masculino	Não escolarizado	Faixa I
Informante IX	DAF – Inf. IX	Masculino	Escolarizado	Faixa II
Informante X	VBS – Inf. X	Masculino	Não escolarizado	Faixa II
Informante XI	JPS – Inf. XI	Masculino	Escolarizado	Faixa III
Informante XII	AJ – Inf. XII	Masculino	Não escolarizado	Faixa III

Convém salientar que para a análise foi feito um levantamento de todas as respostas, porém, neste trabalho, serão comentadas apenas aquelas que a pesquisadora considerou mais relevantes e as que apresentam um percentual igual ou acima de cinquenta por cento das respostas dos entrevistados, por apresentarem particularidades lingüísticas ou demonstrarem preferências dos informantes por uma forma em detrimento de outras. Ressalta-se também que em cada categoria são apresentados separadamente os comentários relativos às partes I e II do Questionário:

**A) O informante produziu ou conceituou a forma técnica nas perguntas do questionário**

Neste item, encontram-se os dados do *corpus* que exemplificam as respostas dos informantes tecnicamente esperadas na pesquisa, agrupados nos Quadros III e IV abaixo:

**Quadro III – Parte I**  
**Produção da forma técnica**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	4	4	Escolarizado	1	2	6	5
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	1			1
II	Escolarizado	3	7	Escolarizado	6	11	18	9
	Não Escolarizado	4		Não Escolarizado	5			9
III	Escolarizado	7	9	Escolarizado	-	2	11	7
	Não Escolarizado	2		Não Escolarizado	2			4
Total	20			15			35	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Analisando-se as respostas dos informantes do gênero masculino, observa-se que os homens escolarizados produziram mais formas técnicas (14) do que os não escolarizados

(6), assim como quanto à faixa etária: os homens mais velhos se destacaram mais (9) do que os informantes das outras faixas etárias (4 e 7) neste agrupamento.

Examinando as respostas das mulheres, constata-se que, para a surpresa da pesquisadora, ocorreu um equilíbrio de vocábulos técnicos entre os informantes escolarizados (7) e os não escolarizados (8). Com relação à faixa etária, observa-se um número significativo de itens lexicais nas mulheres entre 31 e 45 anos (11) do que nas outras faixas de idade (2 e 2).

Se forem reunidos os dados dos homens e mulheres, constatam-se 21 ocorrências para os inquiridos que têm no máximo 1º grau completo e 14 para os que têm até dois anos de frequência escolar. A escolaridade, então, apresenta-se como elemento importante na interação entre sujeitos com conhecimento distinto. No âmbito da faixa etária, percebe-se um número bem maior de assertivas nos sujeitos com idade entre 31 e 45 anos (18) do que nas outras idades (6 e 11). Examinando ainda a faixa de idade, os dados comprovam que os homens mais velhos (9) e as mulheres com idade intermediária (11) apresentaram mais itens lexicais técnicos do que as outras faixas etárias. Do total de dados encontrados no Quadro III, fica nítido o número maior de respostas positivas de informantes do gênero masculino (20) do que feminino (15), indicando que os homens nomearam mais itens lexicais que as mulheres.

Como foi referido na metodologia, o questionário elaborado fundamentou-se em princípios teóricos da dialectologia, quando estruturou as perguntas de acordo com os métodos onomasiológico e semasiológico. Isto posto, chama-se a atenção para o fato de que, na Parte I, foram obtidas apenas treze formas lexicais tecnicamente esperadas para o total de cinquenta e nove itens que formam o questionário aplicado. Segue a relação das treze formas obtidas: *aração, área de capoeira, erosão, gradear, IBAMA, relevo acidentado, brotar, cova, adubo orgânico, adubo químico, uréia, praga e pulverizar*. Tal dado é um índice da assimetria existente na interação *técnico/homem do campo*. Convém observar entretanto, que as formas produzidas pelos informantes apresentaram variação fonética como é natural ocorrer neste tipo de pesquisa.

Do total de 35 respostas, na Parte I, foram escolhidas apenas quatro questões para um comentário mais detalhado, como se pode observar em seguida:

- **Questão 3: Área de capoeira**

*Como se chamam as áreas cobertas por mato ralo, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?*

Considerou-se a forma *capora*, como variante do item lexical *capoeira*, pois esta foi a denominação dada por dois informantes para uma área coberta por mato, que fica algum tempo sem ser cultivada. Chama-se a atenção para o fato de que apesar do vocábulo *capora* não estar dicionarizado, foi produzido, por duas vezes, supondo-se ser uma forma conhecida por eles. Neste caso, ocorreu a supressão fonética do ditongo *ei*. Ressalta-se que o vocábulo *capora* não se encontra cartografado no *APFB*.

- **Questão 18: Cova**

*Que nome se dá ao plantio realizado em pequenos buracos?*

Dos doze informantes entrevistados, oito apresentaram a resposta esperada *cova*

- **Questão 42: Adubo químico**

*Qual é o tipo de adubo utilizado na adubação foliar?*

Verifica-se que 50% dos entrevistados produziram a forma *adubo químico* nesta questão. Neste percentual, inclui-se o *adubo clínico* do Informante XII e deduz-se que o inquirido queria se referir a *adubo químico*, pois, após uma análise mais detalhada, inclusive através da resposta dada na questão anterior, a 41, percebe-se que a forma *clínico* era a usada pelo informante para o tipo de adubo citado.

- **Questão 45: Uréia (adubo)**

*Qual é o adubo químico mais recomendado para se fazer a adubação de cobertura ou foliar para acelerar o crescimento da parte aérea das plantas?*

Dos doze informantes, seis identificaram a *uréia* como o adubo químico mais recomendado para a adubação de cobertura como era esperado.

**Quadro IV – Parte II**  
**Produção do conceito esperado**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	1	2	Escolarizado	1	1	3	2
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	-			1
II	Escolarizado	-	-	Escolarizado	3	3	3	3
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	-			-
III	Escolarizado	2	2	Escolarizado	-	-	2	2
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	-			-
Total	4			4			8	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Examinando-se o Quadro IV, no que concerne aos entrevistados do gênero masculino, observa-se que os homens que freqüentaram por mais tempo a escola obtiveram um número maior de repostas (3) do que os não escolarizados (1). Quanto à faixa etária, os homens da faixa intermediária não apresentaram nenhuma resposta neste item e os outros dois níveis de idade, coincidentemente, mostraram duas repostas cada um.

No que se refere aos dados das mulheres, constam quatro vocábulos no grupo das escolarizadas e nenhum entre aquelas que freqüentaram pouco a escola. Voltando-se à análise por faixa etária, as mulheres em idade intermediária da pesquisa responderam um número maior de lexias (3) do que as das outras idades (1 e 0).

Se os dados do *corpus* deste quadro, que correspondem aos homens e mulheres, forem reunidos, percebe-se a existência de um número mais significativo de informantes escolarizados (7) do que de não escolarizados, apenas 1, demonstrando que a escolaridade foi um elemento importante na identificação das formas. Quanto à faixa etária, fica evidente que os documentados das faixas etárias I e II deram o mesmo número de repostas

(3) que os da faixa etária III (2). Observa-se também que ocorreu uma coincidência no total dos dados, tanto para os homens (4) como para as mulheres (4).

Nesta parte do Questionário, das 59 respostas aplicadas nas entrevistas referentes à identificação das formas, apenas seis respostas atenderam às expectativas técnicas. Este dado demonstra a dificuldade que os informantes sentiram para conceituar as formas. Chama-se a atenção para o fato de as formas lexicais relacionarem-se lingüisticamente a itens ou expressões comuns das experiências dos informantes. São elas: *destorroar, gradear, brotar, época do plantio, adubação de cobertura e pulverizador costal*.

Agrupando-se o total dos dados dos Quadros III e IV, percebe-se que os informantes escolarizados foram mais produtivos, apresentando 28 respostas enquanto os não escolarizados produziram apenas 15. Observa-se assim que a escolaridade está funcionando nestes dados como um fator de aproximação favorável à interação *técnico/homem do campo*. Por outro lado, considerando-se os dados concernentes à faixa etária, constata-se que os informantes com idade entre 31 a 45 anos apresentaram um número mais elevado de respostas positivas (21) que aqueles pertencentes às outras faixas (9 e 13). Os homens responderam mais (24) do que as mulheres (19), tendo em vista a probabilidade de estarem os homens mais presentes no trabalho de campo. Observando-se ainda o total de itens obtidos, fica nítida a ocorrência de um número bem maior de respostas positivas na Parte I do Questionário (35), do que na Parte II (8). A observação destes dados demonstra que os informantes conseguiram nomear mais do que identificar os itens lexicais pretendidos.

**B) O informante registrou uma resposta correta segundo o técnico, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia**

O agrupamento dos exemplos do segundo item refere-se às respostas corretas tecnicamente, no entanto produzidas de forma diferente daquela esperada, ou seja, o informante ou nomeou ou descreveu a informação da maneira que ele compreendia ou conhecia.

Observando-se as variáveis extralingüísticas, obteve-se a seguinte distribuição das respostas dos informantes. O Quadro V corresponde às respostas da Parte I do Questionário e no Quadro VI constam as respostas da Parte II.

### Quadro V – Parte I

#### Produção de uma forma não prevista, mas correta segundo o técnico

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	9	19	Escolarizado	11	17	36	20
	Não Escolarizado	10		Não Escolarizado	6			16
II	Escolarizado	9	19	Escolarizado	10	18	37	19
	Não Escolarizado	10		Não Escolarizado	8			18
III	Escolarizado	13	20	Escolarizado	8	16	36	21
	Não Escolarizado	7		Não Escolarizado	8			15
Total	58			51			109	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Analisando-se as respostas dos informantes do gênero masculino, observa-se um número maior de documentados escolarizados (31) do que de não escolarizados (27). Atentando-se para a faixa etária, percebe-se uma pequena diferença entre os mais velhos (20) do que os das outras idades que coincidiram em quantidade (19).

Quanto aos dados das mulheres, observa-se que as escolarizadas apresentaram mais termos técnicos (29) do que as não escolarizadas (22). Com relação à faixa etária, tanto as mulheres que freqüentaram mais a escola quanto as que freqüentaram menos, responderam quase que coincidentemente de maneira equilibrada (17, 18 e 16). Isto posto, pode-se afirmar que as mulheres tiveram uma constância de respostas no que tange à designação terminológica neste item.

Reunindo-se os dois gêneros, observa-se que os escolarizados apresentam um número mais elevado de dados (60) do que os não escolarizados (49). E quanto à faixa etária, fica claro que as respostas dos informantes mantiveram-se equilibradas (36, 37 e 36).

Do total de dados encontrados no Quadro V, percebe-se que existe um número maior nas respostas dos homens (58) do que nas das mulheres (51), indicando que os sujeitos do gênero masculino responderam positivamente, nomeando ou descrevendo como conhecia.

De um total de 109 respostas desta Parte, treze perguntas originaram respostas que apresentaram aspectos importantes para comentários, como se pode constatar abaixo:

- **Questão 6: Erosão**

*Como chamamos os buracos que a chuva faz quando bate nas encostas ou morros?*

Constata-se que 66,66 % dos entrevistados produziram formas diversificadas para denominar os buracos que a chuva faz nas encostas ou morros, como pode ser observado a seguir:

Inf. I, Inf. III e Inf. XII – *Grota*.

Inf. V – *A gente chama buraco*.

Inf. VI – *O povo chama de minador*.

Inf. VIII – *Valeta*.

Inf. IX – */.../ brocotó*.

Inf. X – *Valetão*.

Segundo Koogan/Houaiss (2000), *grota* significa *s. f. Abertura que as águas da enchente fazem na ribanceira de um rio. / Bras. Terreno situado na interseção de duas montanhas; vale profundo. / Bras. Depressão sombria e úmida nas encostas.; brocotó, s. m. Bras. Var. de borocotó [Terreno pedregoso com altos e baixos. / Sulco que as águas da chuva abrem em rua não calçada] e valeta, s. f. pequena vala ou fosso que margeia as estradas, para escoamento das águas.*

Convém observar que a forma *borocotó* está cartografada no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, com o mesmo sentido do da pesquisa. Dessa forma, Cardoso & Ferreira (2000) trazem o significado deste vocábulo na Bahia como *tipo de terreno; lugar, caminho, estrada com buraco, sulco, grota*. Todas as formas citadas assemelham-se à erosão causada pela água da chuva. No entanto Cardoso & Ferreira (2000) apresentam a lexia *valeta* na zona rural da Bahia, constante no *APFB*, com

uma acepção um pouco diferente de *erosão* nesta pesquisa, ou seja, *valeta* como *canteiro*. *Grota* não está presente no *APFB*.

Já *buraco* e *minador*, não documentados no *APFB*, estão nos dicionários de Koogan/Houaiss (2000) e Michaelis (1998), com um sentido diverso do encontrado na pesquisa, como pode ser constatado, respectivamente: *s.m. Qualquer abertura num corpo, furo, orifício / cavidade natural ou artificial onde habita um animal; cova, toca. /.../*; e *Var. de minadouro [s.m. Bras. Nascente de um ribeirão ou córrego; olho d'água]*. Finalmente, foi encontrado o item *valetão*, que apesar de não estar no dicionário, nem no *APFB*, apresenta relação de forma e sentido com *valeta*.

- **Questão 15: Brotar (a planta)**

*O que acontece com a semente ao ser jogada ao solo, após o plantio?*

Dos doze informantes entrevistados, dez denominaram o processo de germinação da semente após o plantio como *nascer* (9)<sup>4</sup> ou *germinar* (2) e não *brotar* como era esperado. Koogan/Houaiss (2000), ao definirem as formas *germinar* e *nascer*, as apresentam como sinônimas de *brotar*. Os citados vocábulos não estão presentes no *APFB*.

- **Questão 18: Cova**

*Que nome se dá ao plantio realizado em pequenos buracos?*

Vale a pena chamar a atenção para a forma *buraco* produzida por dois informantes nesta questão, quando era esperado *cova*. Tendo em vista que Koogan/Houaiss (2000) trazem *buraco* com a acepção de *cova* e também que o técnico consultado confirmou o uso desta forma, a resposta *buraco* foi considerada positiva. *Buraco* não está registrado no *APFB*.

- **Questão 22: Época do plantio**

*O melhor período para se plantar uma cultura é chamada de...?*

Fazendo-se uma análise não lingüística, destaca-se a resposta do informante V: */.../ a gente pranta aqui o milho pra colhê São João, é no dia dezenove de março /.../ é o milhõ tempo de se plantá, depende de chovê*. O inquirido demonstrou

---

<sup>4</sup> Um informante respondeu *nascer* e *germinar* ao mesmo tempo.

claramente acreditar na crença popular do “povo da roça”, de que a lavoura de milho deve ser plantada no dia dezanove de março – “Dia de São José”.

- **Questão 23: Gemas (da maniva)**

*Como se chama a parte da maniva que brota quando plantamos?*

Percebe-se que todos os entrevistados entenderam a questão e apresentaram uma denominação para a parte da maniva que brota após o plantio. Deste total, 83,33% dos inquiridos conheciam *gemas da maniva* como *olho*, confirmando-se a relação das duas formas pela definição dada por Koogan/Houaiss (2000) para *olho* – *s. m. /.../ Botão ou rebento das plantas. /.../. Olho* não se encontra no APFB. 16,66% das respostas referiram-se ao vocábulo *troço* (leia-se *trôço*), no entanto não foi encontrada semelhança entre a nomenclatura dada pelo agricultor e o que registra o dicionário de Koogan/Houaiss (2000) que a conceitua como *Pedaço de madeira tosco e roliço. Artilh. Cada uma das aduelas do molde do canhão. / Náut. Obra de marinho feita de fios ou cabos velhos. / Mil. Parte de um corpo de tropas. / Porção de gente.* Já segundo a definição de Michaelis (1998) existe uma pequena similaridade entre *troço* (leia-se *trôço*) e *gemas (da maniva): s.m. bot: parte mais grossa da raiz, da qual nascem várias radículas, por cujo meio ela chupa a substância que alimenta a planta. Troço* (leia-se *trôço*) não está registrado no APFB.

- **Questão 26: Sulcos**

*A abertura de valas rasas e contínuas no terreno com a finalidade de se fazer o plantio tem o nome de quê?*

Constata-se que cinco, dos doze informantes, identificaram a abertura de valas rasas e contínuas para se fazer o plantio como *valeta* ou *rego* e não como *sulco* como se esperava. Ambas estão dicionarizadas. Entretanto, conforme as definições de Koogan/Houaiss (2000), apenas *rego* apresenta o sentido compatível com o esperado na pesquisa, como se observa a seguir: *Valeta* - *s. f. Pequena vala ou fosso que margeia as estradas, para escoamento das águas;* e *Rego* - *s. m. Sulco, abertura que deixa na terra o ferro do arado ou de outro instrumento. / Pequena vala que se abre na terra para escoamento de águas. / Sulco aberto na terra pelas rodas de um carro.*

O item lexical *valeta* encontra-se cartografado no *APFB* com o sentido de *canteiro*, diferente daquele usado na pesquisa, enquanto que *rego* não foi encontrado no referido Atlas.

- **Questão 28: Feijão macaçá**

*Como se chama o feijão que produz vagens em ramas espalhadas pelo chão?*

Observa-se que 91,66% dos informantes conheciam o *feijão macaçá* como *feijão de corda*.

- **Questão 30: Olerícola**

*Que nome se dá às plantas cultivadas em uma horta?*

Verifica-se que o informante X denominou às plantas cultivadas em uma horta como *hortaliça*.

- **Questão 35: Escarificação (escarificar o solo)**

*A quebra da superfície mais dura de um canteiro feita com um escarificador para facilitar a entrada da água se chama...?*

Percebe-se que 58,33 % dos inquiridos descreveram o processo da quebra da superfície mais dura de um canteiro que se faz com o escarificador como afofar a terra, mas não produziram a forma técnica – *escarificação*.

- **Questão 38: Instrumentos agrícolas**

*Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?*

Ao ser questionado pelo nome dado às ferramentas agrícolas neste agrupamento, a maioria dos informantes disse conhecê-las como *ferramentas* mesmo.

- **Questão 41: Adubo orgânico**

*Como se chama o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas, pra fazer com que elas cresçam mais bonitas?*

A denominação dada pelos informantes III e VII para o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas de *adubo natural* vem ser corroborado segundo o que dizem Koogan/Houaiss (2000) sobre o que seria o vocábulo *natural*: *adj. Que se refere ou pertence à natureza / Produzido pela natureza ou de acordo com suas leis /.../*. O vocábulo *natural* não está registrado no *APFB*.

- **Questão 43: Material orgânico**

*Que nome se dá à mistura de esterco de galinha, gado e folhas, após seu apodrecimento?*

Na resposta do informante X: *Sei estrumo também considerou-se estrumo como variante de estrume que foi localizada no dicionário de Koogan/Houaiss (2000) com o mesmo sentido do da pesquisa: s.m. mistura de restos orgânicos, de matérias calcárias, etc. fermentados, utilizada como adubo, esterco.* As formas *estrume* e *estrumo* não foram encontradas no APFB.

- **Questão 49: Controle de pragas e doenças**

*O que deve ser feito na lavoura, quando as pragas e doenças atacam?*

Cinquenta por cento dos informantes não sabiam nomear a atividade realizada quando as pragas e as doenças atacam. Dessa forma, apresentaram uma descrição voltada para o trabalho realizado em suas roças:

Inf. IV – *Usá qualquer coisa pa combatê elas /.../ as pragas.*

Inf. VIII – *Botá remédio.*

Inf. IX – *Fazê jeito de matá as praga /.../*

Inf. X – *Tem que botá remédio.*

Inf. XI – *Fazê a puerização, né?*

Inf. XII – *Aí tem remédio pa botá.*

### Quadro VI – Parte II

#### Produção de um conceito não previsto, mas correto segundo o técnico

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	3	10	Escolarizado	5	7	17	8
	Não Escolarizado	7		Não Escolarizado	2			9
II	Escolarizado	12	15	Escolarizado	17	25	40	29
	Não Escolarizado	3		Não Escolarizado	8			11
III	Escolarizado	13	19	Escolarizado	4	10	29	17
	Não Escolarizado	6		Não Escolarizado	6			12
Total		44			42			86

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Quanto aos homens, observa-se que ocorreram mais dados nos informantes do gênero masculino escolarizados (28) do que nos não escolarizados (16). Constata-se uma ascendência nas respostas positivas dos documentados do mais jovem (10) para o mais velho (19).

Já as mulheres, com grau de escolaridade mais alto, apresentam um número mais significativo de respostas (26) do que as não escolarizadas (16). As mulheres da faixa intermediária se sobressaíram (25) em relação às mulheres de outras idades (7 e 10).

Agrupando-se as respostas de homens e mulheres, fica nítido o número elevado de respostas dos informantes escolarizados (54), em relação aos não escolarizados (32). Além disso, percebe-se também claramente que os inquiridos da faixa intermediária responderam muito mais às perguntas neste item (40) do que nas outras faixas etárias (17 e 29).

Segue abaixo o comentário de nove respostas mais significativas, segundo a concepção da pesquisadora, de um total de 86 que estão agrupadas neste item:

- Questão 2: *O que você entende por aração?*

Cinquenta por cento dos informantes conseguiram descrever a atividade que se deve fazer no momento em que o agricultor vai arar a terra, demonstrando conhecer o item lexical *aração*. Apresentam-se os dados a seguir:

Inf. I – *Ará /.../ limpá /.../ fofá.*

Inf. V – *Ará pra plantá, né /.../ limpano /.../ virano o terreno, que é pra depois plantá.*

Inf. VI – *Pa ará a terra, a gente vai pidi, se pidi o arado, se num pidi, é nossos braço mesmo é a inxada, pa cortá a terra /.../ Doc. – Quando cê corta a terra, cê faz o quê /.../ com o solo? Inf. – Cortano a terra, juntano dum lado pra outro, virano ela...*

Inf. IX – *Sei /.../ limpá e no fim nós cortá ela pra fazê a plantação /.../ tamo misturano o solo.*

Inf. XI – *Ará é limpá, é fofá, folgá, é cortá.*

Inf. XII – */.../ quando num qué ará cum o boi, ara cum tratô, com o bisôro<sup>5</sup> /.../ ará /.../ eu boto o tratô, aro a terra, volto recorto a terra, aí agora eu volto vou cavá /.../*

*Doc.- /.../ tá fazendo o quê com ela ((a terra))?* *Inf. - /.../ movimento com a terra.*

- Questão 14: *O que você entende por área com declividade?*

Ao consultar o dicionário de Michaelis (1998), a fim de analisar a resposta do informante IX */.../ uma área com dispenho /.../ dispenhada /.../ em declive*, encontra-se despenho como *s.m. /.../ 2. Queda, catarata*. Neste mesmo dicionário, despenhar seria *v.t. lançar de grande altura; precipitar*. Na verdade, estes itens lexicais não se assemelham à área com declividade, apenas na segunda parte, quando o informante falou *em declive*. As lexias *despenho* e *despenhar* não se encontram no APFB.

- Questão 16: *O que você entende por camalhões?*

O informante XII apresentou o item lexical *camaleão* como variante de *camalhão*, pois descreveu corretamente a técnica de proteção de solo contra erosão no processo de plantio, demonstrando ter conhecimento da mesma: *Doc. - /.../ camaleão tem no rio. Doc.- Não é o camaleão do rio não /.../ no terreno, se Marcos dissesse assim pro senhô a gente vai fazê uns camaleão /.../ Inf. – Sei, ele saí cortando o terreno assim ói e fazendo aquela lêra /.../ aí chama camaleão*. Michaelis (1998) apresenta camaleão como: *2. s.m. pequena elevação de terra entre os sulcos deixados pelas patas de animais nas estradas de terra*. Var: *camalhão*.

Para investigar melhor o sentido de *camaleão*, recorreu-se a Ferreira (1986) que, apesar de ser uma edição mais antiga, apresenta um significado mais próximo da descrição do informante: *2. /.../ pequenas lombas em meio a terras planas*. O item lexical *camaleão* não se encontra cartografado no APFB.

- Questão 19: *O que você entende por coveamento?*

Observa-se que 58,33 % dos inquiridos entenderam a questão quando responderam que *coveamento* seria abrir as covas.

---

<sup>5</sup> *Bisôro* = besouro: refere-se a um trator antigo, de pequeno porte, de formas arredondadas, que se assemelha à forma de um inseto da ordem dos *coleopteros*.

- Questão 23: *O que você entende gemas da maniva?*

Chama-se a atenção para o fato de que uma boa parte dos entrevistados entendeu também *gemas da maniva* como *olho*, que não está registrado no APFB. Apenas o informante X descreveu a forma em questão conhecida por ele como *birros* da maniva: *Inf. - Por esse nome eu não conheço não. Doc.- E por outro nome, qual é o outro nome? Inf. – Os birros da maniva. Doc.- É, o birro? E o que é o birro da maniva? Inf. – É aqueles caroçozinhos que ela tem, é aonde nasce o pé da mandioca.* Segundo Michaelis (1998), *birros* seria *s.m. 1. Bengala grossa. 2. Cacete. /.../ 6. Gênero (Byrrhus) de minúsculos besouros, só encontrados na Europa. /.../*. Constata-se que este sentido de *birros* não se aproxima do conceito técnico de brotação da maniva, o que não significa que se desconsidere essa designação popular dada pelo agricultor. *Birro* também não está cartografado no APFB.

Ainda sobre esta questão, observa-se como o documentador se expressou com indecisão e insegurança no momento da entrevista ao dizer: *E as gemas da maniva /.../ da maniva, da manaíba, da maniba /.../ ?* Justifica-se este fato, em função de o mesmo ter realizado um trabalho anteriormente (Oliveira, 1999), fazendo um levantamento de formas familiares aos moradores da zona rural do distrito de Sítio Novo e ter constatado que fazem parte do dialeto dos falantes desta região apenas as formas *manaíba* e *maniba*.

O dicionário de Michaelis (1998) apresenta *manaíba* com o mesmo sentido do desta pesquisa: *s.f. 1. Tolete do caule do aipim ou mandioca, que se corta para plantio. 2. Muda de mandioca. V. Maniva [s.f. /.../ 3. Peçaço de rama de mandioca, com um olho, ou mais, destinado ao plantio. V. maniba. Var: manaíba].* Como o lexicógrafo reporta-se à forma *maniba*, observa-se que a acepção dada para este vocábulo não tem o mesmo sentido da pesquisa de ser a parte que brota da maniva: *Maniba: s.f. Mandioca brava. Var: maniva.* No entanto, passa-se a considerar as formas como variantes, ao observar o detalhe do próprio dicionarista quando se refere a *maniva* como variante de *maniba*. *Manaíba* e *maniba* estão presentes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, segundo Cardoso & Ferreira (2000), também como variantes de *maniva*.

- Questão 27: *O que você entende por transplantar?*

Fica evidente que 66,66 % dos inquiridos entenderam o que era transplantar, e definiram da forma que entendiam:

Inf. I – *Rancá de um lugar e botá ne outro.*

Inf. III – *É mudá de um lugá pra outro.*

Inf. IV – *Tirá de um lugá e passá para outro.*

Inf. VI – *É tirá de um canto pra o outro.*

Inf. VII – *A gente vai fazê uma muda. Doc. – E fazê o quê com a muda? Inf. – Plantá em outro local.*

Inf. VIII – *Mudá /.../ as muda.*

Inf. XI – */.../ vai tirá de um lugá pra outro.*

Inf. XII – *Mudá, né?*

- Questão 28: *O que você entende por feijão macaça?*

Dois informantes responderam que o *feijão macaça* é o *feijão de corda*. Destes dois, um pronunciou *macaça* como *macaça*. No entanto, *macaça*, que não está presente no APFB, foi localizada em Michaelis (1998) com uma significação bastante diferente de feijão macaça ou de corda: *s.m. Ictiol. o mesmo que corcoroca [ s.f. 1. Peixe marinho da família dos Hermulídeos /.../ macaça]*. A forma *macaça* não está no dicionário, nem no APFB.

- Questão 49: *O que você entende por controle de pragas e doenças?*

Chama-se a atenção para a resposta do informante XI: *O controle é o técnico ficá observano as planta, estudano que tipo de praga tá dando e procurá ver qual é o produto que deve sê usado pra combatê*. A afirmação do agricultor comprova além do entendimento da questão, que o lavrador, em alguns momentos, confia na competência do técnico.

- Questão 55: *O que você entende por pulverização?*

O informante X respondeu: *Deve sê por veneno /.../ É a gente colocá uma bomba nas costas e saí provisano tudo....* Levando-se em consideração o contexto, deduz-se que *provisano* seria variante lingüística de *pulverizando*.

Analisando-se o total de respostas dos Quadros V e VI, verifica-se que os escolarizados apresentam mais dados (114) do que os não escolarizados (81). Desse modo,

a escolaridade neste item também se apresentou como elemento importante neste processo. Analisando-se ainda o Questionário como um todo, sem fazer distinção do método aplicado, observou-se que os entrevistados pertencentes à faixa etária II apresentaram um número de dados mais elevado (77) do que os outros níveis de idade (53 e 65). Assim como aconteceu na Categoria A, a faixa etária II se sobressaiu em relação às outras idades, o que demonstra talvez que os sujeitos desta faixa de idade sejam mais acessíveis à conversação.

Constata-se também uma diferença entre o total das respostas dadas pelos informantes do gênero masculino (102) e as do feminino (93) das duas partes do Questionário. Assim, os homens deram mais respostas positivas do que as mulheres. Fica evidente a existência de um número maior dos dados obtidos na Parte I (109), do que na Parte II (86), indiscriminadamente para os homens e mulheres, neste segundo item. Este dado indica que os informantes tiveram uma tendência maior para perceberem a mensagem transmitida, quando aplicado o método onomasiológico, do que identificar as formas. As denominações dadas pelos informantes foram através da descrição e não da terminologia específica. Em oposição a esta questão, o informante tem mais dificuldade de identificar a forma lexical especificamente técnica no processo de comunicação, que corresponde à Parte II do Questionário.

**C) O objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, no entanto, não apresentou uma resposta correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência**

Os exemplos deste grupo correspondem aos dados em que o objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, apesar de não ter apresentado uma resposta considerada correta segundo o técnico. Ao responder, o informante fez uma descrição de acordo com a sua experiência. Na análise dos dados deste agrupamento, observou-se também a compreensão que o informante teve ao responder as questões, em função da relação estabelecida entre a pergunta e a resposta. Para se fazer uma análise das variáveis extralingüísticas, observam-se os Quadros VII e VIII a seguir:

### Quadro VII – Parte I

#### Produção de uma resposta não correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	11	25	Escolarizado	9	15	40	20
	Não Escolarizado	14		Não Escolarizado	6			20
II	Escolarizado	17	26	Escolarizado	19	30	56	36
	Não Escolarizado	9		Não Escolarizado	11			20
III	Escolarizado	19	38	Escolarizado	20	31	69	39
	Não Escolarizado	19		Não Escolarizado	11			30
Total	89			76			165	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Observando-se os documentados do gênero masculino, percebe-se uma pequena diferença nos dados entre os escolarizados (47) e não escolarizados (42). Considerando-se a faixa etária, verifica-se que os homens mais velhos produziram mais respostas (38) do que os das outras idades (25 e 26).

As mulheres escolarizadas apresentam um número maior de respostas (48) do que as não escolarizadas (28). Quanto à faixa etária, constata-se um número crescente dos dados da mais nova (15) para a mais velha (31).

Reunindo-se os dados de homens e mulheres, verifica-se que os escolarizados possuem mais dados (95) do que os não escolarizados (70). No que tange à faixa etária, os informantes mais velhos apresentam um número maior de respostas (69) do que as outras idades (40 e 56).

Comentam-se vinte e cinco respostas de um total de cento e sessenta e cinco dados deste item:

- **Questão 5: Destorroamento (destorroar o solo)**

*Qual é a finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém-arada?*

Com referência a esta questão, em que *destorroar* seria a resposta esperada, os informantes I, III e XII falaram sobre a finalidade de se arar a terra, e não da gradagem que são atividades muito próximas, como se observa nas respostas a seguir:

Inf. I – *Pra afofá a terra.*

Inf. III – *Pra gente fazê o plantio de milho ou feijão ou mandioca... fica a terra fofa, viu? Fica boa de sê trabalhada.*

Inf. XII – *Aí vai rebatê a terra /.../ rebate, ara, aí agora volta, recorta com o arado, recorta /.../ duas vezes, ara, volta, recorta, aí recorta três vezes que é pra terra ficá fofa.*

- **Questão 8: Gradeia (gradear)**

*O que deve ser feito para desmanchar os torrões que ficam numa área após a aração?*

Verifica-se que 50% dos entrevistados entenderam o que estava sendo questionado, no entanto não responderam correto tecnicamente e sim de acordo com a sua experiência:

Inf. VI – *Na minha mente a gente chama, vamo pegá a enxadeta ou a picareta e cortá a terra, vamos cortá aquela terra ali, pra gente podê cultivá.*

Inf. VIII – *Depende né? quebrá na enxada, quebrá na enxadeta /.../.*

Inf. IX – *Quebrá /.../.*

Inf. X – *É rebatê.*

Inf. XI – *Pegamo a ferramenta e sai bateno quebrano tudo pra misturá /.../ misturá.*

Inf. XII – *Recortá a terra de enxada.*

- **Questão 9: IBAMA**

*Qual é o órgão responsável pela preservação do meio ambiente?*

O informante VI, ao invés de IBAMA, deu o nome de uma empresa de reflorestamento da região, incumbida também de cuidar do meio ambiente: *Né a REFLORA não?*

- **Questão 14: Área com declividade**

*Uma área que não é plana é uma área com...?*

Setenta e cinco por cento dos inquiridos relacionaram área com declividade a um lugar alto ou um morro, como se apresentam nas respostas que se seguem:

Inf. III – *É alta /.../ montanha /.../*

Inf. IV – *Ladeira /.../ montanha.*

Inf. V – */.../ de alto.*

Inf. VI – *É alto, é um alto...*

Inf. VII – *Morro.*

Inf. VIII – *Com morro /.../ e alto.*

Inf. X – *É alto...*

Inf. XI – *Cheia de relevo, ou altos e baixas ou acidentada.*

Inf. XII – *A gente trata aqui alto.*

- **Questão 16: Camalhões**

*Que nome se dá às barreiras de terra ou montes construídos para proteger o solo da erosão?*

Nove, dos doze inquiridos, compreenderam a questão formulada. Destes nove, sete informantes nomearam *cova* para as barreiras de terra ou montes construídos para proteger o solo da erosão, um respondeu relacionando a *uma proteção* e outro como *regos ou valetinhas*. Ressalta-se ainda, nesta Questão, a distinção que o informante III fez entre buraco – *aquele que a gente bate com a enxada* – e cova – *aquele que a gente faz as ruminha* – como se pôde observar na fala do inquirido.

- **Questão 21: Curva de nível**

*Como se chama o plantio que é realizado cortando as águas da chuva?*

Alguns dos interrogados associaram, nesta questão, o plantio realizado cortando as águas da chuva, ao que lhe era familiar, ou seja, *valetas* ou *regos*.

- **Questão 22: Época do plantio**

*O melhor período para se plantar uma cultura é chamada de...?*

Nesta Questão, dos doze informantes, seis associaram a época do plantio às chuvas do mês de março e à lua, ou seja, a uma determinada época para se plantar:

Inf. I – *As festa /.../ a época de junho, no início das festa /.../*

Inf. II – *O mês de maio /.../*

Inf. III – *A chuva /.../*

Inf. VI – *Na conjunção boa, na conjunção. Doc. - E o que é conjunção pra senhora? Explique aí pra eu entendê. Inf. – Pra mim a conjunção que a gente fala /.../ quando a gente vai plantá, a conjunção da lua, tá entendendo? Qui num pode sê também na lua cheia e nem no minguante, quer dizê a gente chama crescente /.../ aí a gente vai, pranta aquele milho, que pra ele num dá bichado, num dá largata, porque plantano nessas conjunção forte, ele só dá largata.*

Inf. VII – *Doc. – ...observar a...? Inf. -...data.*

Inf. XII – *Planta milho em mauço, dia de São José e na lua nova de abril /.../ porque dá milhõ, na crescente se plantá, bicha /.../ quando secá, vai guardá, bicha toda, é feijão, é milho /.../ Doc. – /.../ tá na época de...? Inf.- ...plantá milho.*

Salienta-se a afirmação dada pelo informante VI que apresentou como variante para *época de plantio* a forma *conjunção*, relacionando este último vocábulo à data ou tempo certo para se desenvolver uma atividade agrícola qualquer. Segundo Koogan/Houaiss (2000), *conjunção* é *s.f. /.../ conjunto de circunstâncias; conjuntura, oportunidade*; que não deixa de ter a ver com o momento certo. Não muito distantes em significação, ressalta-se a ocorrência desta forma no APFB e comentada por Cardoso & Ferreira (2000) como *menstruação*, que apesar de estarem em áreas completamente diferentes, não deixam de estar relacionadas em sentido, pelo fato de esta ocorrer num período de tempo determinado.

As respostas de alguns dos documentados, nesta Questão, confirmaram, mais uma vez, como já foi abordado no item B, nesta mesma Questão e Parte, a crença popular do agricultor, relacionando o plantio à comemoração do dia de São José ou à influência da lua na colheita de bons produtos, exemplificados na fala do informante XII acima.

- **Questão 24: Marcação**

*O que deve ser feito antes de começar a levantar os canteiros?*

Setenta e cinco por cento dos entrevistados entenderam a questão e responderam de acordo com a sua experiência no campo. Alguns deles fizeram menção à abertura de valetas, ao invés de responderem utilizando a forma *marcação* como era esperado. Observam-se as respostas a seguir:

Inf. III – *Uma lêra, /.../ limpa o lugar, aduba /.../ e depois vai colocano a semente /.../ vai ajeitano, vai cortano a terra, vai pilano, vai bateno sempre a enxada pra podê ela ficá naquela alturinha certa.*

Inf. IV – */.../ uma cova /.../ coisá tudo com a enxada, acertá tudo com a enxada /.../ ajuntá um monte de areia /.../ nós pega a enxada e arruma ela pra podê saí certinha.*

Inf. V – *Dependê da pessoa sabê fazê, trabalhá pra fazê elas pranazinha e direitinho pra prantá /.../ Doc. – E pra ela saí certinha assim, tem alguma coisa que é feita antes? Inf. – Não, dependê da pessoa, tem que fazê com a enxada mermo.*

Inf. VI – *A rente tem que cortá o terreno todo /.../ pra podê levantá as leira. Doc. – E pra ela saí certinha assim /.../ a gente tem que fazê o quê, a senhora sabe? Inf. – Num sei não.*

Inf. VII – *Aí eu tenho de fazê as valetas /.../ fazê /.../ as primeira fila de cova e aí pronto eu começo a fazê as outra tudo igual.*

Inf. VIII – */.../ faz um rego de um lado e de outro depois recorta a terra e faz... /.../ faz no olho mesmo.*

Inf. IX – *Tem que botá um prumo, bota uma linha reta e começa a cavá as valeta pra sair certinha /.../ tamos fazeno uma nivelção que saia certo.*

Inf. X – *É limpá /.../ abri as valetinhas, cortá, fofá o terreno, aplainá e plantá /.../ Doc. – Por que que'la fica tudo certinha, as leira? Inf. – Porque já fui habituado naquilo ali, desde criança que meu pai /.../ na roça mermo e a gente seguiu atrás.*

Inf. XII – *Ali tem que fazê nivelada /.../.*

- **Questão 25: Piqueteamento**

*Que nome se dá à marcação do local exato do plantio das culturas permanentes?*

O informante XII tem consciência da existência do vocábulo *metragem* que faz parte do seu vocabulário passivo, mas explicita a forma *braça*, que lhe é mais familiar: *Eu sei assim, é três braça de um coqueiro pra outro, eu conheço braça, metragem não /.../.*

- **Questão 27: Transplantar**

*Que nome se dá à retirada das mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo?*

Observam-se abaixo as respostas obtidas nesta questão, que correspondem a setenta e cinco por cento dos inquiridos, demonstrando que a questão foi compreendida:

Inf. III – *Uma muda /.../ plantá.*

Inf. IV – *Uma mudança.*

Inf. V – */.../ uma mudança.*

Inf. VI – *Vamo fazê uma mudança.*

Inf. VII – *Mudá.*

Inf. VIII – *Mudá.*

Inf. XI – *Replantano, né?*

Inf. XII – *Muda, só muda com trinta dias.*

Quando questionados sobre a denominação dada à retirada de mudas da sementeira para plantá-las num local definitivo, alguns dos informantes referiram-se a *mudança* ou *replantar*. As formas citadas, analisadas segundo a definição de Koogan/Houaiss (2000): *Mudança* – s. f. *Ato ou efeito de mudar. / Alteração, modificação. /.../;* e *Replantar* – v. t. *Plantar novamente*, atendem às expectativas da questão, mas de maneira incompleta, pois o vocábulo pretendido era *transplantar*. Ressalta-se que *replantar* é o vocábulo mais aplicável à área agrícola. *Mudança* e *replantar* não estão cartografadas no Atlas da Bahia.

- **Questão 30: Olerícola**

*Que nome se dá às plantas cultivadas em uma horta?*

Alguns informantes denominaram *horticultura, verduras ou legumes* para as plantas que são cultivadas em uma horta, ao invés de olerícolas. Segundo Koogan/Houaiss (2000), *horticultura* é a arte de cultivar os jardins e as hortas; *verduras* são plantas hortenses cujas folhas são comestíveis; *hortaliça* /.../ e *legumes* são produtos alimentícios de origem vegetal /.../ hortaliça. Estas três formas são semanticamente próximas, distinguindo-se apenas em contexto técnico, em que *olerícola* é a forma privilegiada.

- **Questão 31: Amontoa**

*Que nome se dá na lavoura da mandioca, quando o agricultor, por exemplo, chega um pouco de terra junto ao pé da planta?*

Percebe-se que 58,33% dos informantes não sabiam a resposta para o ato de chegar um pouco de terra junto ao pé da mandioca e descreveram a atividade relacionando-a à área agrícola, conforme comprovam as respostas abaixo:

Inf. III – *Tá limpando, tá chegando terra pra podê a mandioca saí bonitinha porque se não elas morre também.*

Inf. V – *A rente aqui trata assim chô chegá terra na mandioca, chega terra no pé.*

Inf. VI – *Vumbora limpá aquelas mandioca ali, chegá terra nas mandioca.*

Inf. IX – *Uns chama quebrano terra da planta, outros chama chegando terra, porque praticamente a primeira limpa é quebrá terra da mandioca, a segunda que é limpá/.../*

Inf. X – *Chegou a terra no pé da mandioca.*

Inf. XI – */.../ chegando terra outros diz tá limpando.*

Inf. XII – *Tem a primêra limpa, tem a segunda, tem a derradêra, tem a tercêra e tem a quarta Doc.- Mas o senhô chama de quê, de limpa? Inf. – Limpa.*

Quanto a forma *alimpá* proferida pelo informante IV nesta mesma Questão, surgiu do acréscimo de um prefixo ao verbo, tendência bastante comum em dialetos rurais. É curioso observar que a resposta esperada previa o uso de um substantivo; no entanto, o informante produziu uma forma verbal para responder. *Alimpá* não

está registrada no *APFB*, entretanto foi encontrada no *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (1986), com o sentido de limpar.

- **Questão 32: Capina manual**

*Como se chama a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos?*

Constata-se que 50 % dos entrevistados não sabiam a resposta para a limpeza que o agricultor faz nas leiras, utilizando as mãos e fizeram uma descrição relacionada ao meio ambiente:

Inf. II – *Limpeza /.../*

Inf. III – *Limpano os pés de mato.*

Inf. VII – *A gente cata os mato /.../*

Inf. VIII – *Tá limpano /.../ a gente chama de limpá.*

Inf. XI – *Geralmente com as mãos, deve sê catano o mato ou tirano o mato*

Inf. XII – *Limpá a lêra.*

Ainda no que se refere a esta Questão, a forma *alimpendo* proferida pelo informante IV, assim como se comenta na questão anterior, vem formada também pelo acréscimo de um prefixo ao verbo. *Alimpendo* também não estão presente no *APFB*, mas encontra-se no *Índice do Vocabulário do Português Medieval* (1986), com o sentido de limpo.

- **Questão 33: Coroamento**

*Como se chama a capina realizada em volta das plantas?*

Quando o informante IX disse: *A gente tamos fazendo um rodeiro nos pés da planta pra mantê limpo /.../ um rodeiro*, fez uma analogia da forma *rodeiro* com o círculo da roda. Conforme Koogan/Houaiss (2000), *rodeiro* é */.../ s. m. O conjunto ou jogo das duas rodas presas a seu eixo. / Eixo; eixo de um carro*, associando ao ato de limpeza que se faz em volta das plantas, como se faz na técnica do coroamento. Assim, *rodeiro* passa a ser considerado como variante de *coroamento*.

Segue a mesma justificativa para a resposta dada pelo informante XI quando disse */.../ vou arrudiá o pé do coqueiro*, que possui uma significação mais próxima da do trabalho, pois Michaelis (1998) definiu *arrodear* como *o mesmo que rodear* [vtd andar em volta de, percorrer em giro/.../]. *Rodeiro* e *arrodear* não estão presentes no *APFB*.

Nesta mesma questão, o informante XII fez uma crítica à técnica do coroamento dizendo que, para ele, esta técnica de limpeza “*num presta*” e que a limpeza deve ser feita no terreno todo: *Uns chama rodá o coqueiro, agora rodá coqueiro num dá, dá pa limpá tudo de fora a fora /.../ pra ficá tudo limpo /.../ ali é rodá o coqueiro, num presta /.../ fica esse mato ali /.../ chupa ele aqui /.../ limpá de fora a fora.*

• **Questão 34: Desbaste (da plantação)**

*O trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças se chama como?*

Verifica-se nesta questão que 66,66 % dos documentados proferiram respostas que se encaixam neste item, expressas a seguir:

Inf. I – *Nós tá plantano, tirano de um lado e plantano ne outro.*

Inf. III – */.../ Arrancá.*

Inf. IV – *Mudano de um lugá... /.../ pra disabafá, pra plantá ne outro lugá /.../ tá fazeno uma mudança.*

Inf. V – */.../ porque mela /.../ pra tirá a metade do coentro? /.../ a gente vai tirá, pra folgá eles ali, pra não melá o pé.*

Inf. VI – *A rente diz assim, vumbora fazê uma mudança daqui pra qui mas, que é pra num ficá imbacerado /.../ ...vamo fazê uma muda daqui ói.. /.../ Doc.- E tem um nome específico que a senhora fala? Inf. – Não eu mermo só sei esse.*

Inf. IX – *Tamo diminuino /.../ tira a metade daquelas muda que tá demais e prejudica a planta.*

Inf. XI – *Separá, seleccioná.*

Inf. XII – *Quer dizê que ali vai rancá pa diminui /.../.*

O informante I descreveu a técnica do transplante, quando na verdade, no desbaste retira-se o excesso de plantas do canteiro, mas não há o aproveitamento deste excesso como declarou o inquirido: *Nós tá plantano, tirano de um lado e plantano ne outro.* No entanto, percebe-se que houve compreensão da questão e que o agricultor respondeu de acordo com o seu trabalho no campo.

Chama-se a atenção para a forma *imbacerado*, empregada pelo informante VI, que não está dicionarizada e nem presente no APFB, mas que, pelo contexto, tem o sentido de estar cheio, lotado demais.

- **Questão 35: Escarificação (escarificar o solo)**

*A quebra da superfície mais dura de um canteiro feita com um escarificador para facilitar a entrada da água se chama...?*

O informante XII não sabia a resposta e utilizou um instrumento agrícola maior que o escarificador – o gadanho – para demonstrar o seu conhecimento. No entanto o gadanho deve ser utilizado para outra finalidade, qual seja, ciscar o terreno, o que não é o caso do canteiro.

- **Questão 38: Instrumentos agrícolas**

*Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?*

Ressalta-se a resposta dada pelos informantes I e VIII – *ferramento* – os informantes III e XII – *aferramento* – e o informante V – *aferramenta* – que são consideradas aqui como variantes lingüísticas de *instrumentos agrícolas*. *Ferramento* e *aferramenta* não são formas dicionarizadas. No entanto, *aferramento* foi localizada no dicionário de Koogan/Houaiss (2000) com um sentido diferente do deste trabalho: *s.m. Ação ou efeito de aferrar, aferro*. As três formas acima não estão cartografadas no APFB.

- **Questão 41: Adubo orgânico**

*Como se chama o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas, pra fazer com que elas cresçam mais bonitas?*

Chama-se a atenção para a resposta do informante XII, na qual o produtor rural denominou o esterco de galinha como *clínico*. O referido informante justificou essa denominação dizendo que as galinhas tomam remédio e acrescentou que o esterco de gado designa-se *comum*, pois os animais se alimentam de capim: *O de galinha é clínico e o de gado é comum /.../ porque as galinha toma remédio e o gado é no capim /.../*.

- **Questão 45: Uréia (adubo)**

*Qual é o adubo químico mais recomendado para se fazer a adubação de cobertura ou foliar para acelerar o crescimento da parte aérea das plantas?*

Alguns dos informantes responderam as variantes lingüísticas da *uréia* como *d-dez* ou *dez-dez* para se referirem ao adubo químico mais recomendado na adubação de cobertura. Desta forma, constata-se que o agricultor compreendeu a questão, mas não distingue a utilização da mistura dos adubos.

- **Questão 46: Ácaro**

*Como se chamam aqueles insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas?*

Cinquenta por cento dos entrevistados entenderam a questão e responderam relacionando ao meio rural em que trabalham e vivem. Quando foi solicitado o nome dos insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas, o informante III referiu-se ao inseto questionado como *atentado*. Provavelmente, ele não conhecia o nome específico para este inseto e o denominou pela dificuldade que ele apresenta para as culturas agrícolas.

Os outros informantes confundiram *ácaro* com *lagarta*, *gafanhoto* ou *percevejo verde*, que na verdade são pragas, mas completamente diferentes do ácaro, por pertencerem a ordens distintas na classificação zoobotânica. Constata-se, então, a dificuldade que o homem da zona rural possui para estabelecer as diferenças das especificidades técnicas.

- **Questão 50: Defensivos agrícolas**

*Produtos usados para controle de pragas e doenças nas culturas agrícolas?*

O informante II utilizou a forma *xarope* que foi considerada como variante lingüística de defensivos agrícolas. Segundo Koogan/Houaiss (2000), este item lexical significa *s. m. líquido viscoso, resultante de uma solução concentrada de açúcar e de substâncias aromáticas e medicamentos; tisana, remédio caseiro*, que não deixa de se relacionar com as misturas caseiras que o agricultor utiliza com a finalidade de ser ver livre de pragas e doenças que atacam as culturas. *Xarope* não está registrado no APFB.

Referindo-se ao que disse o informante V: */.../ eu já até usei aqui no tomate, mas a gente comprô uma vez, mas Keno usou, ele se sentiu mal porque os cara lá da fazenda não expricou a ele e eu cheguei aqui não li a bula que era pra usá com máscara, de macacão, de bota e de luva, /.../ aí ele se sentiu mal, quase... mas*

*ficou... deu uma dô de cabeça que eu pensei que ia morrê /.../ me zanguei, joguei fora /.../ e num comprei mais nunca /.../ Doc. – /.../ a senhora sabe dizê assim como é o nome? Inf. - /.../ num lembro mais não.* Esta declaração comprova que as pessoas que comercializam, assim como as que trabalham com agrotóxicos devem redobrar o cuidado, quanto às precauções na venda, no preparo e uso destes produtos.

- **Questão 51: Fungicida**

*Qual é o veneno utilizado para combater as doenças nas plantas?*

Nesta questão, o informante VIII respondeu *fulidó*, que é o nome comercial de um inseticida, e não de um fungicida. Ainda no que concerne a esta questão, os informantes IX e XII, respectivamente a seguir, confundiram fungicida com as marcas comerciais de formicida, mesmo utilizando variantes fonéticas em relação ao item dicionarizado: *Vamo supô o shell, mirex, resolve /.../ e O veneno que eu conheço mermo é a fornicida.*

- **Questão 54: Prevenção**

*Evitar que as pragas e doenças ataquem as culturas é chamado de quê?*

Os informantes X e XI disseram, respectivamente, *provisá* e *povarizano* para a maneira de se evitar que as pragas e doenças ataquem as culturas, que são variantes da forma *pulverizar*.

- **Questão 57: Beneficiamento (do produto)**

*O que deve ser feito com os produtos agrícolas, após a colheita para que sejam comercializados e consumidos seguindo as normas de qualidade?*

Percebe-se que 66,66 % dos entrevistados apresentaram para o beneficiamento dos produtos, uma das etapas dos cuidados que devem ser tomados antes de comercializá-los e consumi-los, segundo as normas de qualidade. Destacam-se as respostas para observação:

Inf. I – *Lavá, cuidá direitinho, tirá as folha podre.*

Inf. II – *Limpá as folha.*

Inf. III – *Colhê bons produto, separá aqueles produto mais... que dê mais vida, aqueles mais bonito pra podê levá até o comércio pra vendê /.../*

Inf. V – *Dizê que tá... zelá /.../ tá cuidano que não aconteça por causa dos inseto que dão /.../ tem que lavá bem /.../ pra podê comê.*

Inf. VI – *A higiene.*

Inf. VIII – *Ranca, limpa e lava /.../ uma limpeza.*

Inf. IX – *A gente tem que observá pra não vim algum inseto no meio das folhas, aí a gente tem que protegê /.../ a gente vamo zelá, cultivá pra nem prejudicá a gente, nem o próprio, os outro.*

Inf. XI – *Primeiro devemos tê cuidado com a higiene, tê cuidado também pra ela não machucá /.../ legumes, as frutas, as verduras /.../ lavá, limpá.*

- **Questão 59: Silagem**

*Processo de armazenamento de forragens verdes para se utilizar na alimentação dos animais na época da seca?*

O informante IX disse: *É o capim de corte /.../ a gente preserva /.../ pra essa data, pra essa conjunção, pra quando o gado estivé precisano a gente utilizá, ao responder esta questão. Mais uma vez, outro entrevistado mencionou a forma conjunção referindo-se a um período de tempo determinado, como já foi mencionado anteriormente na Questão 22, Parte I, desta categoria.*

### Quadro VIII – Parte II

#### Produção de um conceito não correto segundo o técnico, embora relacionado com sua experiência

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	4	9	Escolarizado	3	4	13	7
	Não Escolarizado	5		Não Escolarizado	1			
II	Escolarizado	5	7	Escolarizado	15	28	35	20
	Não Escolarizado	2		Não Escolarizado	13			
III	Escolarizado	15	22	Escolarizado	6	16	38	21
	Não Escolarizado	7		Não Escolarizado	10			
Total	38			48			86	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

O Quadro VIII apresenta, para os informantes do gênero masculino, 24 respostas para os escolarizados e 14 para os não escolarizados. Quanto à faixa etária, observa-se um número bem maior de dados para os homens mais velhos (22) do que os das outras faixas etárias (9 e 7).

As mulheres apresentam um equilíbrio na produção das respostas das escolarizadas e não escolarizadas (24). Quanto à faixa etária, verifica-se um número muito pequeno dos dados das mulheres mais novas (4) em relação às outras idades (28 e 16).

Reunindo-se os dados de homens e mulheres, observa-se a ocorrência de mais respostas nos informantes escolarizados (48) do que nos não escolarizados (38). Percebe-se, também, que os homens mais velhos produziram mais (38) em relação aos outros informantes das outras faixas etárias (13 e 35).

Comentam-se, a seguir, doze respostas que contêm aspectos importantes, num total de 86 dados:

- Questão 8: *O que você entende por gradear?*

Dos doze informantes, sete compreenderam o que era gradear. Responderam fazendo uma correlação com as atividades de limpeza, mistura e inversão das camadas do solo, como se observa nas respostas a seguir:

Inf. I – *Limpá /.../ com o gadanho /.../*

Inf. IV – *Fazê coisa com o arado, com a grade /.../ gradeano pa... arenano, pa podê prepará a terra.*

Inf. V – *Pra prantá /.../ limpano, virano.*

Inf. VI – */.../a gente chama gadanhar. Doc.- E quando você tá gadanhando cê tá fazendo o quê? Inf. – Ajuntando o lixo. /.../Enterro, que é pra ele virá o adubo ali, tem uns que queima, quando é gaio de pau, assim, queima, aqueles grosso, mas as folhas, enterra.*

Inf. IX – /.../ *é quando a gente passa o arado e volta gradeano /.../ tamo misturano ali fofano ele.*

Inf. XI – *Gradear é passá a máquina, recortá, pra deixá o terreno em posição de plantá. Doc.- Então quando a gente tá passando a máquina, recortano, a gente tá retirando o quê? Inf.- A acidez, os torrões*<sup>5</sup>/.../

Inf. XII – *Gradeá, limpá e voltá e passá as grade.*

- Questão 16: *O que você entende por camalhão?*

Ao ser interrogado sobre o item lexical *camalhão*, o informante VI declarou conhecer *camaleão*: *A gente chama camaleão, os camaleão é fazê /.../ um jeito dumas valeta pa fazê elas certa assim /.../ que é pra quando cê na plantação... a gente torna a batê a enxada de novo pra recortá.* Considerou-se a resposta desta informante incompleta e um pouco confusa, pois a descrição por ela feita não corresponde ao que tecnicamente se considera *camalhão*.

- Questão 22: *O que você entende por época do plantio?*

Ao responder o que foi questionado, o informante VII disse: *Aí vai dependê das data, vai olhá pra vê, vai dependê da lua tombém porque tem tempo de lua, que não dá pra fazê a plantação, porque na lua crescente mesmo as planta quando vai botá já tá bem grande, se plantá na lua nova piquinininha, já começa a botá /.../.* Outra vez, o inquirido relacionou a época do plantio com as fases da lua.

- Questão 24: *O que você entende por marcação?*

O informante VI respondeu que *marcação* é: *Eu acho que é a linhêra /.../ plantá certinha, a linhêra certa, pra ficá tudo adequadazinha, no níve /.../.* Linheira está no dicionário de Michaelis (1998) como substantivo e com um significado diferente do da pesquisa: s.f. /.../ 2. *caminho estreito*. A proximidade da significação recai sobre linheiro porém como adjetivo, no mesmo dicionário: adj. /.../ 2. *que não é torto; reto*: *Árvore linheira*. A forma *linheira* não está cartografada no Atlas da Bahia.

---

<sup>5</sup> Considera-se como correta a resposta do informante: “...os torrões”; “A acidez” não se relaciona ao ato de gradear.

- Questão 25: *O que você entende por piqueteamento?*

O informante VIII descreveu como se faz uma marcação de canteiro e não a marcação do plantio de culturas permanentes, que seria *piqueteamento*. Observe: *Piquete /.../ não sei não /.../ botá o piquete aqui, outro ali, outro ali /.../ cavá o lugar certo e plantá /.../ tem que amarrá os piquete, nós bota uma linha /.../ bota um piquete aqui outro lá e aí vai cavano certo.*

- Questão 28: *O que você entende por feijão macaçá?*

O inquirido VI denominou o *feijão macaçá* como feijão de vagem: */.../ o feijão macaçá não é esse feijão de moita? /.../ Aqueles que chama varjada? Doc.- Como é que ele dá /.../? Inf.- /.../ fica dessa artura, aí ele carrega... Doc. – E ele cai no chão /.../? Inf.- Ele cai, agora a gente tem que tê o cuidado pra não deixá a chuva batê, porque se já tivé maduro e a chuva batê, ele nasce. Doc. – E tem rama no chão ele? Inf.- Tem. Doc.- Cê sabe outro nome pra feijão macaçá? Inf.- Feijão macaçá que a rente conhece é aquele feijão que o povo chama varjada, que vende as vagem dele mole pra fazê salada /.../. Interessante foi a denominação dada pelo informante – *varjada* – que não se encontrou nos dicionários pesquisados. Esta forma não está no APFB.*

No entanto, o feijão macaçá não é o feijão denominado *de moita*, pois aquele produz em ramas e em vagens maiores, enquanto que este produz em moita e em vagens menores.

- Questão 29: *O que você entende por forrageira?*

O informante I associou *forrageira* ao feijão de corda: *Deve sê esse que espalha pelo chão todo /.../ tem feijão de corda, /.../ batata /.../ o mangalô que já vai por cima /.../ Doc.- Como se fosse uma trepadeira? Inf. – É isso.*

Já na resposta do documentado XI: *Forrageira é pegá o material cortá, misturá, fazê a forragem /.../ de alimentação pra gado*, percebe-se que o informante relacionou *forrageira* com todo tipo de material utilizado para a alimentação do animal e não apenas ao capim, como se encontra no dicionário de Koogan/Houaiss (2000): *adj. e s.f. Diz-se das plantas próprias para serem empregadas como forragem: plantas forrageiras*. O item lexical *forrageira* não está presente no APFB.

- Questão 31: *O que você entende por amontoa?*

Chama-se a atenção para o que os homens do campo fazem em seus sítios quando vão varrer e limpar o terreiro, associando esta atividade à técnica de *amontoa*. Segue a resposta do informante III para exemplificar tal afirmação: *Amontoá? Fazê cova, amontoá terra, ajuntá terra /.../ se nós tamos aqui ajuntano uma ruma de terra, /.../ adubo ou que seja mesmo terra /.../ que nem bananeira mesmo /.../ amontoamos um bocado de lixo assim em redor que aquilo vai adubano aquele pé.*

- Questão 34: *O que você entende por desbaste?*

Sete, dos doze entrevistados relacionaram a técnica do desbaste à retirada do excesso de plantas de uma cultura com o intuito de melhorar o seu crescimento. Destacam-se as respostas abaixo, a fim de serem observadas:

Inf. III – *Tem que rancá a metade. Doc. – E é dos mato que a gente vai rancá? Inf. – Ou se tivé muito mato, é dos mato, ou então do plantio que a gente fez /.../ plantei uma semente de tomate e pimenta /.../ cresceu um pouco /.../ pra eu retirá o pé que tivé maió pra os outro saírem.*

Inf. IV – *Tirá a metade.*

Inf. VI – *Tirá a metade delas.*

Inf. VII – *Arrancá...? /.../ tirá da leira /.../ tirá o mato ou o coentro? /.../ Uma limpeza /.../ Para o coentro saí melhor, crescê.*

Inf. VIII – *Tirá argum galho /.../ tá muito cheio.*

Inf. IX – *Por exemplo se ela tivé um bocado de galho que não seja suficiente de ficá, a gente tem que desbastá ela /.../ é tirá os galho dela, /.../ as folha ruim /.../ tá desbastano ela.*

Inf. XII – *Limpá /.../ de enxada e de (incompreensível) /.../ aí limpa de mão /.../ pa não arrancá /.../ ali eu vô arrancano aos pouco.*

- Questão 36: *O que você entende por herbicida?*

O informante III confundiu *herbicida* com *inseticida* e *fungicida*, quando disse: */.../ que é pra detetizá as plantinha /.../ pra matá as formiga, as micose toda que tá nas planta, as bactéria que tá matano as planta.* Na realidade o trabalhador rural tem dificuldade para distinguir as especificidades que separam estes produtos.

- Questão 45: *O que você entende por uréia?*

Salienta-se, pelo depoimento do informante VI, que o seu trabalho na roça vem sendo praticado, desde cedo junto com seu pai: *A uréia é um negócio que parece sal, meu pai usou muito pa coqueiro, aí pegava abria aquelas valetazinha em roda do pé do coqueiro e ele... ia botano aquela uréia pra gente num botá, e a gente ia atrás cobrino aquela uréia toda.*

- Questão 46: *O que você entende por ácaro?*

O informante III, ao ser inquirido sobre o ácaro, respondeu: *É um negócio que dá nas folha /.../ às vezes nasce uns pico preto /.../ ne, pé de mandioca também dá uns negócio preto nas folha de mandioca /.../ e eu sei lá o que é aquilo.* Quando o entrevistado se referiu a *...uns picos pretos*, acredita-se que o agricultor fez a associação com pequenas manchas escurecidas, relacionando-as ao estágio mais avançado de desenvolvimento da praga ácaro, que passa a apresentar uma coloração mais escura.

Unindo os dois quadros do questionário, relativos a este item, verifica-se que os escolarizados produziram mais (143) do que os não escolarizados (108). Mais uma vez, a escolaridade demonstrou-se como um aspecto relevante nesta interação. Observa-se também, no que diz respeito à faixa etária, a existência de um número bem maior de respostas dos informantes mais velhos (107) do que das outras faixas (53 e 91). Este resultado indica que a idade refletiu nas respostas dadas pelos informantes, levando-se em consideração a experiência do entrevistado na lavoura.

Percebe-se ainda que os falantes da zona rural do gênero masculino produziram um pouco mais de respostas (127) do que os do gênero feminino (124). Este fato indica que os informantes homens entenderam a questão e responderam através da descrição de sua prática cotidiana, mais do que as mulheres. Percebe-se também um número superior de dados na Parte I (165) do que na Parte II (86). Assim como aconteceu nas categorias anteriores, os informantes se destacaram mais descrevendo os itens lexicais, de acordo com as suas experiências, do que identificando os pretendidos.

**D) O informante respondeu a questão fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência**

Este item agrupa os dados em que os informantes generalizaram a informação e foram distribuídos nos Quadros IX e X:

**Quadro IX – Parte I**  
**Produção de uma forma generalizada**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	1	4	Escolarizado	3	6	10	4
	Não Escolarizado	3		Não Escolarizado	3			6
II	Escolarizado	2	3	Escolarizado	3	3	6	5
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	-			1
III	Escolarizado	2	2	Escolarizado	3	6	8	5
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	3			3
Total	9			15			24	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Analisando-se o Quadro IX, no que tange ao gênero masculino, os dados apresentam uma ligeira coincidência nas respostas dos informantes escolarizados (5) e dos não escolarizados (4). Quanto à faixa etária, observa-se que a generalização predominou nos homens mais novos (4).

O gênero feminino apresentou um número maior de respostas para os informantes escolarizados (9) do que os não escolarizados (6). Os dados, referentes à faixa etária, apresentam um número mais elevado e coincidente de ocorrência nas mulheres mais novas e mais velhas (6) do que na faixa etária intermediária (3).

Examinando-se as respostas dos dois gêneros juntos, verifica-se que os informantes escolarizados se sobressaíram (14) em relação aos outros (10) e que os informantes mais novos generalizaram mais (10) do que os das outras faixas etárias (6 e 8).

Quatro respostas das vinte e quatro existentes nesta categoria serão comentadas a seguir, por apresentarem aspectos relevantes:

- **Questão 36: Herbicida**

*Que produto você usa para matar a planta ou o mato?*

O informante IX generalizou herbicida como *veneno*.

- **Questão 46: Ácaro**

*Como se chamam aqueles insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas?*

O informante VIII generalizou *ácaro* como inseto: *Não senhora, sei chamá de inseto*. No entanto, *ácaro* é uma praga.

- **Questão 49: Controle de pragas e doenças**

*O que deve ser feito na lavoura, quando as pragas e doenças atacam?*

Quando foi perguntado o que deveria ser feito na lavoura, ao ser atacada pelas pragas e doenças, alguns dos informantes generalizaram que tinha que colocar remédio.

- **Questão 53: Praga**

*Que nome se dá aos insetos que atacam as culturas causando prejuízo?*

Os informantes citaram *largata e traça* para denominarem praga.

Ao dizer *tá dando peste* nesta questão, o informante XI estava relacionando inseto com doença.

### Quadro X – Parte II Produção de um conceito generalizado

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	2	5	Escolarizado	1	1	6	3
	Não Escolarizado	3		Não Escolarizado	-			3
II	Escolarizado	3	3	Escolarizado	-	2	5	3
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	2			2
III	Escolarizado	3	3	Escolarizado	2	3	6	5
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	1			1
Total	11			6			17	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

O Quadro X apresenta que, com relação ao gênero masculino, os homens escolarizados produziram mais do dobro de respostas (8) do que os não escolarizados (3). Quanto à faixa etária, observa-se que os homens mais novos generalizaram mais (5) do que os das outras idades (3 e 3).

A existência de um número muito pequeno de dados para o gênero feminino impossibilita uma comparação dos dados relativos a gênero e faixa etária, neste Quadro.

Quanto ao agrupamento dos dados dos dois gêneros, constata-se que os informantes escolarizados produziram mais (11) do que os não escolarizados (6). Considerando-se a faixa etária, ocorreu uma coincidência de respostas nos informantes das faixas I e III (6).

Do total de 17 respostas agrupadas neste item, segue abaixo o comentário de apenas uma por ser considerada mais relevante:

- Questão 46: *O que você entende por ácaro?*

O informante XI generalizou *ácaro* como inseto: */.../ é inseto /.../ eles corroe, estraga, mata a planta*. No entanto, *ácaro* é uma praga, que na classificação zoobotânica pertence à ordem diferente da praga.

Reunindo-se os dados dos Quadros IX e X, observa-se que, assim como se constatou nas outras categorias, os informantes escolarizados produziram mais respostas (25) do que os que freqüentaram pouco a escola (16). Assim como foi constatado nas categorias anteriores, os informantes escolarizados continuam apresentando mais respostas positivas do que os não escolarizados. Desta forma, os escolarizados generalizaram mais as informações prestadas. Quanto à faixa etária, percebe-se que os informantes mais novos procuraram generalizar mais as informações agrupadas neste item (16) do que os das outras idades (11 e 14). Este fato poderá indicar uma tendência dos sujeitos mais novos em simplificar as situações. Analisando-se ainda o questionário como um todo, sem distinção das partes, verifica-se uma ligeira coincidência no número de respostas dos informantes do gênero masculino (20) e feminino (21). Neste caso, os homens e as mulheres comportaram-

se relativamente da mesma maneira, quanto à tendência de generalizar as informações. Se for observado o total da Parte I, comparado com a Parte II, observa-se um número maior de respostas na Parte I (24) do que na Parte II (17), como aconteceu nos itens descritos anteriormente.

**E) O informante respondeu a questão fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência**

Este item agrupa os dados em que os informantes especificaram a informação e foram distribuídos nos Quadros XI e XII:

**Quadro XI – Parte I**  
**Produção de uma forma específica**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	1	2	Escolarizado	1	2	4	2
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	1			2
II	Escolarizado	4	7	Escolarizado	1	5	12	5
	Não Escolarizado	3		Não Escolarizado	4			7
III	Escolarizado	1	5	Escolarizado	1	3	8	2
	Não Escolarizado	4		Não Escolarizado	2			6
Total	14			10			24	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

Analisando-se os informantes homens, observa-se um ligeiro equilíbrio entre as respostas dos escolarizados (6) quantitativamente com as dos não escolarizados (8). Quanto à faixa etária, percebe-se que os informantes da faixa intermediária produziram mais (7) do que das outras idades (2 e 5).

As mulheres escolarizadas especificaram menos (3) do que as não escolarizadas (7). Quanto à faixa etária, percebe-se que, assim como aconteceu com os informantes do gênero

masculino, as mulheres da faixa etária intermediária especificaram mais (5) do que as das outras idades (2 e 3).

Agrupando-se os informantes do Quadro dos dois gêneros, observa-se que os entrevistados escolarizados produziram menos dados (9) do que os não escolarizados (15). Quanto à faixa etária, percebe-se que os informantes da faixa II foram mais produtivos (12) do que os demais (4 e 8).

Segue a abordagem feita em três das vinte e quatro respostas relativas a este item:

- **Questão 29: Forrageira**

*Que nome se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal?*

Dos doze informantes, nove especificaram os diferentes tipos de capim que são utilizados na alimentação animal, ao invés de nomeá-los. Seguem as respostas abaixo:

Inf. I – *Capim de corte, arenito/.../*

Inf. IV – */.../ capim arenito, gordura /.../*

Inf. V – */.../ eu conheço arenito, braquiara, sempre verde /.../*

Inf. VI – *A gente vê chamá, eu mermo vejo chamá capim elefante, o branquiario...*

Inf. VII – *Tem braquiara, tem arenito, marianinha... Doc. – E esses aí juntos todos /.../ essa plantação de... Inf. - ...capim.*

Inf. VIII – *Tem muitos capim, né arenito tem sempre verde, braquiara /.../ capim.*

Inf. IX – *Tamos trabalhano cum muda /.../ de capim /.../ marianinha, braquiario, arenito /.../*

Inf. X – *Aqui a gente conhece muitos, tem o sempre verde que serve pra alimentação, tem o capim elefante que é propriado pra cortá /.../*

Inf. XII – *Tem branquiario, tem arenito, tem angolinha, sempre verde /.../*

- **Questão 50: Defensivos agrícolas**

*Produtos usados para controle de pragas e doenças nas culturas agrícolas?*

Considera-se a forma *fonisupe* proferida pelo informante X como variante lingüística de *Folisuper*, que é o nome comercial do inseticida. Observa-se a resposta do citado inquirido: *Tem o funisupe, tem o (incompreensível), tem o veneno*

*mermo em pó, pa formiga miúda, que destrói tombém e tem querosene, tanto faz o querosene como óleo (incompreensível).*

- **Questão 52: Fungos**

*Que nome se dá ao causador de mofo nas plantas?*

O informante XII apresentou como causador do mofo nas plantas, ao invés de fungos, o tamanjuá: *É tamanjuá que dá na mandioca. /.../ aí rói a manaíba, aí a pessoa corta as manaíba tudo e vorta a limpá ela pa ela torná a retonhá.* Esta forma também vem registrada no glossário rural de Cardoso & Ferreira (2000), encontrada na Bahia como *doença que ataca a mandioca*. No entanto, *tamanjuá* não está dicionarizada.

Ainda sobre a resposta do informante XII, chama-se a atenção para a forma *retonhar*, que não está nos dicionários utilizados na pesquisa, nem no *APFB*, mas que na oralidade é muito comum entre os falantes da região, inclusive foi empregada por um dos técnicos entrevistados. *Retonhar* tem o sentido de *rebrotar*. As formas *Retonhar* (v.) e *Retonho* (s.m.) foram encontradas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (ABL, 1999). Além disso, investigando-se estes vocábulos em dicionários de edições mais antigas, constatou-se a existência das duas formas no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (5v.) de Caldas Aulete (1964), com o sentido de “rebentar (a planta)” e “rebento vegetal, abrôlho, brôto” (p. 3527), respectivamente. Estes itens lexicais são considerados como oriundos do Minho, segundo Caldas Aulete. Inicialmente, esta forma não chamou a atenção da pesquisadora por lhe ser familiar. Feita uma ligeira investigação oral sobre a significação de *retonhar*, percebeu-se que a maioria dos sujeitos abordados conhecia o termo em questão com o sentido de rebrotar. No entanto, alguns dos inquiridos mais novos não o conhecia. Supõe-se, então, que *retonhar* seja uma forma que se encontra em fase de transição e seja do conhecimento apenas dos falantes mais velhos. Dessa forma *retonhar* poderá ser investigada posteriormente.

**Quadro XII – Parte II**  
**Produção de um conceito específico**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	1	1	Escolarizado	1	1	2	2
	Não Escolarizado	-		Não Escolarizado	-			-
II	Escolarizado	3	4	Escolarizado	2	3	7	5
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	1			2
III	Escolarizado	1	2	Escolarizado	1	3	5	2
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	2			3
Total	7			7			14	

Legenda:

S.T. = Subtotal

F.E. = Faixa Etária

O Quadro XII apresenta um número tão pequeno de dados que dispensa comentários sistemáticos das variáveis sociais. Chama-se a atenção para a coincidência no total dos dados de homens (7) e mulheres (7). Quanto às observações por questão deste item, apenas duas serão abordadas das quatorze respostas agrupadas:

- Questão 38: *O que você entende por instrumentos agrícolas?*

Verifica-se que 83,33% dos entrevistados preferiram citar os instrumentos agrícolas a conceituar a forma, conforme se constata nas respostas apresentadas abaixo:

Inf. I – *Ferramento /.../ Foice, machado, maçadêra.*

Inf. III – *Enxada, estrovenga, enxadeta, gadanho, pá.*

Inf. IV – *Enxada, a pá, gadanho.*

Inf. V – */.../ os aferramento /.../ enxada /.../ estrovenga, machado, martelo.*

Inf. VI – *É a enxada, foice, facão...*

Inf. VII – *As ferramenta? /.../ Enxada, gadanho...*

Inf. IX – */.../ enxada, a pá, o gadanho /.../*

Inf. X – *Enxada, enxadeta, foice, facão, istrovenga...*

Inf. XI – /.../ *é foice, estrovenga, ancinho, picareta, enxadeta.*

Inf. XII – /.../ *é enxada, foice, machado, enxadeta /.../*

- Questão 53: *O que você entende por praga?*

O informante IX citou *paca ou rosquinha* para especificar a praga.

Agrupando-se os dados dos Quadros XI e XII, constata-se que os informantes escolarizados (18) e os não escolarizados (20) produziram quase que coincidentemente o mesmo número de respostas positivas. Os dados deste item demonstram que, um pouco diferente do que vinha acontecendo anteriormente, os não escolarizados especificaram mais as respostas dadas às questões feitas. Quanto à faixa etária, o total dos dados dos dois quadros indica que os informantes da faixa etária entre 31 e 45 anos especificaram as informações mais (19) do que os de outras idades (6 e 13), ao contrário do que se constatou na categoria D, em que os mais novos generalizaram mais que os outros. Verifica-se também um número um pouco maior nos dados referentes às respostas dos homens (21) do que nos das mulheres (17). Assim, os homens responderam mais um pouco do que as mulheres. Se for comparado o resultado de cada um dos quadros, a Parte I apresenta mais dados (24) do que a II (14), como aconteceu em todas as categorias anteriores.

#### **F) O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta<sup>7</sup>**

A análise que se faz neste item é puramente lingüística, razão pela qual comentam-se todas as respostas agrupadas nesta categoria:

##### **Parte I**

- Questão 32: **Capina manual**

*Como se chama a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos?*

O informante I utilizou uma locução adjetiva em lugar do adjetivo ao proferir /.../ *limpeza cas mãos.*

---

<sup>7</sup> Devido ao pequeno número de respostas, dispensa-se a distribuição dos dados em quadros neste item.

## Parte II

- Questão 13: *O que você entende por tração animal?*

O informante IV, ao responder *de animais*, utilizou uma locução adjetiva pelo adjetivo.

- Questão 32: *O que você entende por capina manual?*

O informante III se apropriou de um adjetivo ao invés de usar a locução adjetiva: */.../ a capina é manual /.../*.

Todos os exemplos acima mostram que os entrevistados preferiram produzir formas próprias do seu vocabulário ativo.

## G) O informante utilizou um neologismo<sup>8</sup>

Todas as respostas agrupadas neste item são comentadas a seguir.

### Parte I

- Questão 10: **Relevo acidentado**

*A parte de cima do solo que tem muitas ondulações tem o nome de ...?*

- Questão 14: **Área com declividade**

*Uma área que não é plana é uma área com...?*

Chama-se a atenção para as questões 10 e 14, em que a forma *desencerta* apareceu produzida pelo mesmo informante IX. Neste caso, foram empregados dois prefixos de negação *des* e *en* (em lugar de *in*) pelo falante, o que demonstra que ele entendeu o que foi questionado como uma área irregular. Ressalta-se ainda o fato de a forma *desencerta* ter sido utilizada pelo mesmo informante para duas questões distintas. Assim observa-se que o traço mais significativo entre os itens lexicais *relevo acidentado* e *área com declividade* é exatamente a irregularidade que o homem do campo traduz como característica do que não é certo, regular. A citada forma *desencerta* não foi encontrada, nem no dicionário, nem no APFB.

---

<sup>8</sup> Devido ao pequeno número de respostas, dispensa-se a distribuição dos dados em quadros neste item.

- **Questão 27: Transplantar**

*Que nome se dá à retirada das mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo?*

Supõe-se que a criação do item lexical não dicionarizado, *mudação*, produzido pelo informante II, se fez pelo acréscimo do sufixo *\_ção*, morfema derivacional bastante recorrente na língua para dar idéia de processo, denominando a técnica de transplante de mudas. A forma *mudação* não se encontra registrada no APFB.

### H) O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível

Encontram-se, a seguir, os quadros XIII e XIV com a distribuição dos dados obtidos na pesquisa, em relação às variáveis sociais previamente definidas. Abaixo dos Quadros, correspondentes às Partes I e II, respectivamente, apresenta-se uma subdivisão dos dados agrupados neste item, em duas subcategorias H1 e H2. Na primeira, foram incluídas as respostas não pertinentes do ponto de vista técnico, mas relacionadas à área agrícola. Na segunda, reuniram-se as respostas também não pertinentes do ponto de vista técnico e não relacionadas com a área agrícola. Ressalta-se, no entanto que o aspecto primordial desta categoria se refere ao não entendimento da pergunta por parte do informante.

#### Quadro XIII – Parte I

##### Produção de uma resposta imprevisível

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	3	4	Escolarizado	10	32	36	13
	Não Escolarizado	1		Não Escolarizado	22			23
II	Escolarizado	9	14	Escolarizado	7	18	32	16
	Não Escolarizado	5		Não Escolarizado	11			16
III	Escolarizado	4	18	Escolarizado	8	14	32	12
	Não Escolarizado	14		Não Escolarizado	6			20
Total	36			64			100	

Legenda:  
 S.T. = Subtotal  
 F.E. = Faixa Etária

Analisando-se os dados relativos a este item, verifica-se que os homens escolarizados responderam menos (16) do que os não escolarizados (20). Percebe-se que os homens mais velhos responderam mais (18) do que os das outras faixas etárias (4 e 14).

O gênero feminino apresentou um número de dados menor para as escolarizadas (25) do que para as não escolarizadas (39). Quanto à faixa etária, percebe-se um número decrescente de respostas das mais jovens (32) para as mais velhas (14).

Agrupando-se os dados de homens e mulheres, fica evidente que os informantes homens escolarizados produziram menos dados não pertinentes (41) do que os não escolarizados (59) e que os mais novos responderam mais (36) do que os das outras faixas etárias, que coincidiram em quantidade (32). Pode-se verificar uma diferença significativa nas respostas dos informantes homens (36) em relação às mulheres (64), indicando que os homens compreenderam mais as perguntas feitas neste item do que as mulheres, o que não surpreende, tendo em vista que os homens estão mais envolvidos nas atividades agrícolas do que as mulheres.

Do total de 100 respostas, comentam-se seis, por serem consideradas pelo pesquisador como aquelas que contêm algum aspecto importante para ser destacado:

### **H.1 Relacionadas à área agrícola**

- **Questão 2: Ara (Arar a terra/aração)**

*Que nome se dá quando invertemos a parte de cima do solo, com a finalidade de afofar o terreno e enterrar o mato?*

Quando questionado sobre o nome dado para a inversão da parte de cima do solo, com a finalidade de afofar e enterrar o mato, o informante V respondeu /.../ *ciscá pra tocá fogo e plantá*, relacionando esta atividade à técnica de encoivramento. Ainda nesta mesma questão, o informante IX proferiu: *Tamos manteno ela pa ficá forte e dá o vigô bom* /.../ relacionando à conservação do solo.

- **Questão 3: Área de capoeira**

*Como se chamam as áreas cobertas por mato ralo, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?*

Quando questionados sobre as áreas cobertas por um mato ralo, alguns dos informantes associaram a existência de pouco mato ao fato de a terra estar fraca, precisando talvez de adubo.

Chama-se a atenção para a forma arrancador produzida pelo informante XII: *A gente chama arrancadô*. Michaelis (1998) define a citada forma como: *s.m. 1. o que arranca. 2. Instrumento para arrancar batatas. 3. V. arrancadouro [s.m. 1. Terreno em que houve roçado. 2. Sítio para pasto de gado e onde se fizeram anteriormente plantações de cereais]*. Cardoso & Ferreira (2000) apresentaram *arrancador* como uma lexia encontrada no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e registrando a seguinte acepção: *tipo de pastagem*. Observa-se que a forma produzida pelo informante, a definição que o dicionário apresenta e o glossário rural baiano não condizem com o sentido técnico dado à área de capoeira. No entanto, a resposta do informante aproxima-se da acepção dicionarizada e do sentido documentado no *APFB*.

- **Questão 14: Área com declividade**

*Uma área que não é plana é uma área com...?*

O informante XII nomeou para uma área que não é plana, área *complicada*. Chama-se a atenção para o fato de o agricultor relacionar a citada área à dificuldade de acesso ao terreno e de nele trabalhar.

- **Questão 33: Coroamento**

*Como se chama a capina realizada em volta das plantas?*

A forma limpação proferida pelo informante II tem o sentido em Michaelis (1998) de *s.f. 1. O mesmo que limpadeira [s.f. 1. Ato ou efeito de limpar 2. Pequena limpeza; limpeza superficial]*. Esta resposta reflete a linguagem mais informal do agricultor, relacionada com uma atividade que lhe é muito familiar. O vocábulo *limpação* não está presente no *APFB*.

- **Questão 51: Fungicida**

*Qual é o veneno utilizado para combater as doenças nas plantas?*

Quando o informante V respondeu */.../ eu esqueço... um pó branco, antes de fazê a plantação bota na terra que é pra num dá lendia /.../* confundiu fungicida com calcário.

- **Questão 54: Prevenção**

*Evitar que as pragas e doenças ataquem as culturas é chamado de quê?*

O informante VI respondeu *uma cultivacão* para denominar *prevenção*. No entanto *prevenção* e *cultivacão* têm um sentido muito distante um do outro.

## H.2 Não relacionadas à área agrícola

As respostas agrupadas nesta subcategoria apresentam um sentido bastante distante daquilo que era previsto pelo pesquisador. O informante demonstra não ter entendido a pergunta e formula uma resposta que não tem relação de coerência com a questão a ele dirigida, como se apresenta no exemplo a seguir:

- **Questão 4 : Correção (do solo)**

*Como se chama o processo que diminui a acidez do solo pela aplicação do calcáreo?*

Inf. II – *Uma casa /.../ uma roça.*

**Quadro XIV – Parte II**  
**Produção de um conceito imprevisível**

Homens				Mulheres			Total	
Faixa Etária	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Escolaridade	Ocor.	S.T. F.E.	Faixa Etária	Escol.
I	Escolarizado	-	5	Escolarizado	8	15	20	8
	Não Escolarizado	5		Não Escolarizado	7			12
II	Escolarizado	3	5	Escolarizado	3	19	24	6
	Não Escolarizado	2		Não Escolarizado	16			18
III	Escolarizado	10	26	Escolarizado	5	7	33	15
	Não Escolarizado	16		Não Escolarizado	2			18
Total	36			41			77	

Legenda:  
 S.T. = Subtotal  
 F.E. = Faixa Etária

No Quadro XIV, os informantes homens escolarizados apresentaram um número menor de dados (13) do que os não escolarizados (23). Já com relação à faixa etária, os mais velhos apresentaram um número bem maior de respostas (26) do que os mais jovens que coincidiram em número (5), demonstrando que não entenderam as perguntas.

As mulheres escolarizadas, como ocorreu com as respostas dos homens, responderam menos (16) do que as não escolarizadas (25). Quanto à faixa etária, percebe-se que as mulheres mais velhas entenderam mais as perguntas, devido ao número menor de dados (7) do que as outras faixas etárias (15 e 19).

Reunindo-se os dois gêneros, observa-se a existência de um número bem menor de dados nos informantes escolarizados (29) do que nos não escolarizados (48). No que tange à faixa etária, os dados apresentam números em ordem crescente do informante mais novo (20) ao mais velho (33).

Do total de 77 respostas, doze foram destacadas por apresentarem algum elemento relevante:

### **H.1 Relacionadas à área agrícola**

- Questão 14: *O que você entende por área com declividade?*

O informante I conceituou área com declividade como *ninguém pode chegar lá*, indicando que existe dificuldade de acesso ao terreno.

- Questão 23: *O que você entende por gemas da maniva?*

Quando entrevistado, o informante IV identificou a forma *gemas (da maniva)* como *Aquilo branco que tá no centro /.../ negocinho que fica dentro da manaíba, quando nós corta assim, pareceno uma massinha* relacionando ao que tecnicamente se denomina a medula da maniva.

- Questão 31: *O que você entende por amontoa?*

Dos 12 informantes, seis não apresentaram respostas distantes do que tecnicamente seria *amontoa* e disseram:

Inf. I – *Sei não, deve sê amontoado tudo junto /.../ plantá um atrás do outro.*

Inf. IV – *Pra mim é amuntuá um bucado de coisa assim e depois revolvê aquilo tudo e avoltá pra fazê a plantação.*

Inf. VIII – *Uma cova.*

Inf. IX – *A gente pode pegá o adubo, montoá numa área, num lugá pra depois distribuí pras planta /.../*

Inf. XI – *Vai fazê as ruma /.../ é entre uma carrêra e outra das plantas /.../ pode sê o adubo /.../ pra podê ele apodrecê, misturá ou /.../ uma espécie de cova pra já plantá em cada uma delas.*

Inf. XII – *Fazê plantação, né /.../ fazê a cova /.../ pra pessoa também plantá, ou maracujá, ou bananeira, ou coqueiro, ou dendezeiro...*

- **Questão 33: *O que você entende por coroamento?***

Quando perguntado o que seria coroamento, o informante IV disse: *Prantá assim alguma coisa na lêra e depois cobri do sol, protegê do sol*, relacionando à técnica de cobertura da sementeira contra os raios solares.

- **Questão 39: *O que você entende por adubação de cobertura?***

Os informantes IV, IX e XII explicaram a adubação de cobertura como sendo a proteção da sementeira que o homem do campo faz na leira, contra a incidência direta dos raios solares, conforme as respostas a seguir:

Inf. IV – *Plantá as coisa e cubri, fazê a cobertura pra protegê do sol /.../ a árvore, cubrino sobre as lêra pa o sol não maltratá as plantação.*

Inf. IX – */.../ alface /.../ flores /.../ nós tem que fazê uma cobertura /.../ por causa do sol, a gente tem que cubri pa ele nascê, depois que ele nasce, a gente descobre ele, que ele...*

Inf. XII – *Aí agora é de acordo as lêra, tem que cortá a paia, botá os pau assim pra ir cobrino as lêra.*

- **Questão 44: *O que você entende por NPK?***

Quando foi solicitado ao trabalhador rural, a identificação da forma NPK, o informante XII se expressou da seguinte forma: *O que peca moça, eu sei que peca é coco né, por causa do cacho, ele pega a pecá, pega a botá, pega a tirá os coco verde, aí ele vai pecá, não segura mais um coco.* O entrevistado estava, na verdade,

fazendo uma associação fonética entre a sigla do adubo – nitrogênio, fósforo e potássio – e o verbo *pecar*, cujo sentido é recorrente na área agrícola.

## H.2 Não relacionadas à área agrícola

- Questão 3: *O que você entende por área de capoeira?*

Ao ser questionado sobre o que seria uma área de capoeira, o informante II respondeu *um clube*, relacionando esse tipo de vegetação à dança – luta de origem africana que em geral se treina nos clubes e academias.

- Questão 13: *O que você entende por tração animal?*

Quando questionado sobre o que seria tração animal, o informante III se referiu aos cuidados que devem ser tomados com os animais: */.../ cuidá, dá banho, dá a alimentação correta, cortá casco, alimpá a orelha dele que sempre enche de cabelo, cortá a crina, deixá ele bonitinho.*

- Questão 26: *O que você entende por sulcos?*

Ressalta-se a identificação da forma *sulcos* feita pelo informante XII associando foneticamente a suco quando respondeu: *suco só maracujá /.../*

- Questão 30: *O que você entende por olerícola?*

Quando se queria saber o que o entrevistado entendia por *olerícola*, os informantes IV e XI responderam respectivamente: *É de fazê telha /.../* e *Dá a transparecê que é a parte de barro /.../ trabalhá com barro*, relacionando *olerícola*, foneticamente, a olaria.

- Questão 39: *O que você entende por adubação de cobertura?*

Adubação de cobertura para o informante II é: *Cobri /.../ com telha.*

- Questão 53: *O que você entende por praga?*

O informante II associou *praga* ao ato da pessoa jogar uma maldição em alguém, quando disse: *A pessoa joga praga ne outro.* Já o informante XII se referiu a algo semelhante a um piolho que dá na galinha e passa esta moléstia para o corpo das pessoas, atribuindo a uma praga, quando declara: *Praga que eu conheço é galinha /.../ que é a lendia /.../ que dá nas galinha, aí dá no corpo da pessoa, a pessoa vai pegá e fica cas mãos ruim. Doc. – E na plantação o senhô conhece alguma? Inf. – Não, nunca vi não.*

Pode-se verificar que, se forem agrupados os dados dos quadros XII e XIII, que os sujeitos escolarizados responderam menos (70) do que os não escolarizados (107), o que era esperado, pois tais quadros registram respostas consideradas imprevisíveis. Este resultado, apesar de oposto ao constatado na maioria das categorias anteriores, continua a comprovar a importância da escolaridade na interação entre falantes característicos desta pesquisa. Quanto à faixa etária, em ordem de quantidade de dados, observa-se que os mais velhos se sobressaíram (65) em relação aos outros, seguidos dos entrevistados mais novos e da faixa II, que coincidiram em quantidade (56). Nota-se também, claramente, um significativo número de respostas das mulheres (105) em relação aos homens (72), assegurando-se que o gênero feminino não entendeu a pergunta feita e respondeu algo muito distante daquilo que o documentador questionava, se comparado com o gênero masculino. Tal fato demonstra o distanciamento das mulheres em relação às atividades agrícolas. Quanto à análise dos totais, o Quadro XIV, que corresponde à Parte I, apresenta um total maior (100) do que o Quadro XV (77), que corresponde à Parte II. A aplicação do método onomasiológico continua a se destacar em relação à aplicação do Questionário que se refere à identificação das formas lexicais.

#### 4.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O *CORPUS*

Feita a análise das oito categorias criadas para o agrupamento dos respotas coletadas, restam ainda algumas considerações gerais a serem formuladas sobre os dados:

Apresentam-se algumas respostas em que o informante não sabia ou não lembrava o que responder:

##### **A. Parte I**

- Questão 11: **Textura (do solo)**

*Que nome se dá aos diferentes tamanhos de partículas que constituem o solo?*

##### **Parte II**

- Questão 11:

*O que você entende por textura do solo?*

No que tange à Questão 11, ressalta-se que, apesar de ter sido formulada com bastante cuidado, não foi obtida nenhuma resposta por parte dos entrevistados, demonstrando que os mesmos não entenderam a questão ou não tinham conhecimento da resposta que deveria ser dada. Dessa forma, por não haver nenhum elemento para ser comentado, a referida pergunta foi desconsiderada neste levantamento de dados.

#### **B. Parte I**

- Questão 34: **Desbaste (da plantação)**

*O trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças se chama como?*

Na questão 34, Parte I, o informante VII disse: *Sei não. Aqui no caso a gente não tira não, a gente deixa, deixa lá e muitos presta, muitos pega e queima, mela....* Convém chamar a atenção que o informante nesta questão disse que não sabia a denominação usada para a técnica e acrescenta ainda que não praticava a referida técnica, pois era como se não valesse a pena.

#### **C. Parte I**

- Questão 44: **NPK**

*Como se chama a mistura dos adubos nitrogênio, fósforo e potássio?*

Nesta Questão, o informante VII deu uma resposta totalmente incompreensível, ou seja, não foi possível ouvir o que o agricultor estava tentando dizer.

#### **D. Parte I**

- Questão 48: **Contaminação do plantio**

*Quando você utiliza um produto de má qualidade (água, adubo, semente) o que pode ocorrer com a lavoura?*

##### **Parte II**

- Questão 48:

*O que você entende por contaminação do plantio?*

A formulação da pergunta acima comprometeu a resposta dada pelos entrevistados, sendo desta forma tornada nula.

#### 4.4 AMOSTRA DE ITENS LEXICAIS DA PESQUISA PRESENTES NO *APFB* E NOS DICIONÁRIOS PESQUISADOS

Nesta seção será apresentado o levantamento de alguns itens lexicais encontrados no *corpus* e seus registros nos dicionários pesquisados e na zona rural da Bahia, constantes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, segundo Cardoso & Ferreira (2000). Chama-se a atenção para que, neste agrupamento, confronta-se o sentido do vocábulo explicitado pelo informante com as acepções dicionarizadas e descritas no *APFB*. Convém esclarecer que, por limitação de tempo a que se submetem trabalhos acadêmicos como o aqui apresentado, não foi possível incluir neste levantamento todos os itens lexicais documentados na pesquisa de campo. Assim, foram observados os sentidos dos itens que pareceram ao pesquisador pouco usuais e desconhecidos, ou ainda específicos da zona rural. Obteve-se a seguinte distribuição:

##### 1. *APFB*

- ❑ Com o mesmo sentido do encontrado na pesquisa:  
Brocotó (var. de Borocotó), Conjunção, Manaíba, Maniba e Tamanjuá.
- ❑ Com o sentido diferente do encontrado na pesquisa:  
Arrancador e Valeta (erosão e sulcos).
- ❑ Com o sentido próximo do encontrado na pesquisa:  
Conjunção
- ❑ Não foram encontrados no *APFB*:  
Aferramenta, Aferramento, Alimpando, Alimpar, Arrodear, Birro, Buraco (erosão e cova), Camaleão (var. de camalhão), Capora, Desencerta, Despenhar, Despenho, Estrume, Ferramento, Forrageira, Germinar, Grota, Horticultura, Imbacerado, Legume, Limpação, Linheira, Macaça, Macaçaá, Minador, Mudação, Mudança, Nascer, Natural, Olho, Rego (sulco), Replantar, Retonhar, Rodeiro, Troço (leia-se trôço), Valetão, Varjada, Verdura e Xarope.

## 2. DICIONÁRIOS

- Com o mesmo sentido do encontrado na pesquisa:  
Arrodear, Brocotó (var. de borocotó), Buraco (cova), Conjunção, Estrume, Germinar, Grota, Manaíba, Maniba, Mudança, Nascer, Natural, Olho, Rego (sulco), Retonhar, Rodeiro, Valeta (erosão) e Xarope.
- Com o sentido próximo ao encontrado na pesquisa:  
Camaleão (var. de camalhão), Forrageira, Horticultura, Legume, Replantar, Troço (leia-se trôço - segundo Michaelis) e Verdura.
- Com o sentido diferente do encontrado na pesquisa:  
Aferramento, Arrancador, Birro, Buraco (erosão), Despenhar, Despenho, Limpação, Linheira, Macaça, Minador e Valeta (sulco).
- Não dicionarizados:  
Aferramenta, Alimpando, Alimpar, Capora, Desencerta, Ferramento, Imbacerado, Macaçá, Mudação, Tamanjuá, Valetão e Varjada.

## 3. APFB/DICIONÁRIOS/CORPUS

- Encontrados no *APFB* e nos dicionários investigados, com o mesmo sentido do encontrado na pesquisa:  
Brocotó, Conjunção, Manaíba e Maniba.
- Encontrados no *APFB* e nos dicionários investigados, com o sentido diferente do encontrado na pesquisa:  
Arrancador e Valeta (sulco).
- Encontrado no *APFB* com o sentido diferente do encontrado na pesquisa e localizado nos dicionários investigados, com o mesmo sentido da pesquisa:  
Valeta (erosão).
- Não encontrados no *APFB*, nem nos dicionários:  
Aferramenta, Alimpando, Alimpar, Capora, Desencerta, Ferramento, Imbacerado, Macaçá, Mudação, Valetão e Varjada.

- ❑ Não encontrado nos dicionários, mas encontrado no *APFB*:  
Tamanjuá.
- ❑ Não encontrados no *APFB*, mas encontrados nos dicionários:  
Aferramento, Arrodear, Birro, Buraco (cova e erosão), Camaleão (var. de camalhão), Despenhar, Despenho, Estrume, Forrageira, Germinar, Grotta, Horticultura, Legume, Limpação, Linheira, Macaça, Minador, Mudança, Nascer, Natural, Olho, Rego (sulco), Replantar, Retonhar, Rodeiro, Troço (leia-se trôço), Verdura e Xarope.

#### 4.5 QUADROS RESUMOS

A partir daqui, os dados, que correspondem aos totais dos quadros relativos às Partes I e II das variáveis extralingüísticas e os seus resumos, foram organizados em quadros – Quadro XIV, Quadro XV e Quadro XVI – seguidos das observações construídas a partir da pesquisa.

Elaboraram-se os quadros, agrupando-se as categorias em subtotais, segundo a compreensão do agricultor nas questões aplicadas. Desta forma, o subtotal I corresponde às respostas em que o homem do campo compreendeu as questões e respondeu de acordo com as expectativas técnicas. Neste subtotal, consideram-se as categorias correspondentes às letras A e B. O subtotal II enquadra os dados em que o objetivo da comunicação foi alcançado, no entanto, as respostas não estavam de acordo com as expectativas técnicas e sim com a experiência do informante. Aqui reuniram-se as letras C, D, E, F e G descritas acima. Serão considerados os dados da letra H isoladamente, que integram as respostas em que os informantes não compreenderam o que estava sendo questionado e deram uma informação imprevisível. A seguir, apresentam-se os Quadros com os seus respectivos comentários:

## Quadro XV – Parte I

### Resumo

	A <sup>9</sup>	B <sup>10</sup>	Subtotal I	C <sup>11</sup>	D <sup>12</sup>	E <sup>13</sup>	F <sup>14</sup>	G <sup>15</sup>	Subtotal II	H <sup>16</sup>
<b>Escolarizado</b>	21	60	<b>81</b>	95	14	9	1	2	<b>121</b>	<b>41</b>
<b>Não Escolarizado</b>	14	49	<b>63</b>	70	10	15	-	3	<b>98</b>	<b>59</b>
<b>Faixa I</b>	6	36	<b>42</b>	40	10	4	1	1	<b>56</b>	<b>36</b>
<b>Faixa II</b>	18	37	<b>55</b>	56	6	12	-	4	<b>78</b>	<b>32</b>
<b>Faixa III</b>	11	36	<b>47</b>	69	8	8	-	-	<b>85</b>	<b>32</b>
<b>Gênero Masculino</b>	20	58	<b>78</b>	89	9	14	-	2	<b>114</b>	<b>36</b>
<b>Gênero Feminino</b>	15	51	<b>66</b>	76	15	10	1	3	<b>105</b>	<b>64</b>
<b>TOTAL</b>	105	327	<b>432</b>	495	72	72	3	15	<b>657</b>	<b>300</b>

Procedendo-se à análise do Quadro XV, referente à aplicação do método onomasiológico, constatam-se os mesmos resultados concernentes às variáveis extralingüísticas, tanto da união das categorias A e B, como do subtotal I. Dessa forma, os informantes escolarizados produziram um número de respostas superior às emitidas pelos não escolarizados. Isto posto, fica claro que a escolaridade apresenta-se aqui como elemento fundamental neste tipo de comunicação assimétrica. Quanto à faixa etária, percebe-se que os informantes entre 31 e 45 anos deram mais respostas tecnicamente esperadas, do que os entrevistados das outras idades. Supõe-se que esta faixa etária, de que

<sup>9</sup> A) O informante produziu ou conceituou a forma técnica nas perguntas do questionário.

<sup>10</sup> B) O informante registrou uma resposta correta segundo o técnico, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia.

<sup>11</sup> C) O objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, no entanto, não apresentou uma resposta correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência.

<sup>12</sup> D) O informante respondeu a questão fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência.

<sup>13</sup> E) O informante respondeu a questão fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência.

<sup>14</sup> F) O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta.

<sup>15</sup> G) O informante utilizou um neologismo.

<sup>16</sup> H) O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível.

estão excluídos os mais jovens e os mais velhos, apresenta-se mais acessível às inovações técnicas. Os informantes do gênero masculino apresentaram dados superiores aos informantes do gênero feminino, indicando que esses agricultores estão mais próximos ao trabalho do campo neste agrupamento.

A reunião das categorias C, D, E, F e G não apresenta aspectos tão uniformes. Quanto à escolaridade, percebe-se que, nos itens C, D e F, bem como no subtotal II, os informantes que freqüentaram mais a escola se sobressaíram em relação aos que a freqüentaram menos. Nas categorias E e G, os não escolarizados foram exceção deste agrupamento e também daquilo que em geral vinha acontecendo, ou seja, os não escolarizados tenderam a especificar as informações e a criar lexias mais do que os escolarizados. Já a faixa etária apresentou uma diversidade nos resultados quanto ao agrupamento ora comentado. Percebe-se que os informantes entre 15 e 30 anos se destacaram nas categorias D e F, ou seja, generalizaram mais os dados e utilizaram formas do seu vocabulário ativo. Sendo assim, observa-se uma tendência destes sujeitos a simplificar as informações, o que é compreensível nesta faixa de idade, tendo em vista serem estes agricultores os mais novos da pesquisa. A faixa etária compreendida entre 31 e 45 anos demonstrou-se superior nas categorias E e G, pois os trabalhadores rurais dessa faixa especificaram e criaram mais lexias. A faixa etária III se destacou na categoria C, assim como no subtotal II, evidenciando-se que a experiência foi um dado relevante na compreensão da questão e que as respostas estão relacionadas com os seus ambientes. As respostas dos informantes do gênero masculino destacaram-se nas categorias C e E, bem como no subtotal II, se comparadas às respostas dos informantes do gênero feminino, nas quais predominaram as categorias D, F e G. A quantidade de respostas referentes a estes resultados comprova que a vivência dos homens na lavoura auxilia na interação *técnico/homem do campo*, pois estes sujeitos relacionaram mais as questões com a sua experiência e especificaram mais as informações.

Os dados da letra H, que integram as respostas em que os agricultores não entenderam as questões e apresentaram respostas imprevisíveis, indicam que os lavradores não escolarizados se sobressaíram em relação aos escolarizados. Confrontando-se estes resultados com os subtotais I e II, no que diz respeito à compreensão do camponês, tal fato

corroborar a importância da escolaridade na comunicação entre sujeitos com conhecimentos distintos, por serem paradoxais os referidos resultados. No que concerne aos dados da faixa etária, percebe-se que os dados da faixa de idade I encontram-se um pouco superiores (36), aos das faixas etárias II e III, que são coincidentes (32). Comparando-se estes resultados com os dos subtotais I e II, em que as respostas são opostas, verifica-se que a predominância dos dados, no que se refere aos informantes acima de 31 anos nos citados subtotais, atesta mais uma vez que o fator vivência no meio rural contribui para uma interação eficaz no campo. No que tange ao gênero, as mulheres tiveram uma predominância nos dados (64) se comparadas aos homens (36). As mulheres, então, compreenderam menos as questões apresentadas pelo documentador do que os homens, por não disporem talvez de tempo integral no trabalho de campo. Os resultados dos subtotais I e II confirmam esta afirmação, por serem o inverso da compreensão do lavrador, pois apresentam uma predominância de respostas dos informantes do gênero masculino em relação ao feminino.

Prosseguindo-se com a análise, observa-se o Quadro XVI, que se refere à Parte II do Questionário, em que os informantes teriam que identificar as formas técnicas:

## Quadro XVI – Parte II

### Resumo

	A <sup>17</sup>	B <sup>18</sup>	Subtotal I	C <sup>19</sup>	D <sup>20</sup>	E <sup>21</sup>	F <sup>22</sup>	G <sup>23</sup>	Subtotal II	H <sup>24</sup>
<b>Escolarizado</b>	7	54	<b>61</b>	48	11	9	1	-	<b>69</b>	<b>29</b>
<b>Não Escolarizado</b>	1	32	<b>33</b>	38	6	5	1	-	<b>50</b>	<b>48</b>
<b>Faixa I</b>	3	17	<b>20</b>	13	6	2	-	-	<b>21</b>	<b>20</b>
<b>Faixa II</b>	3	40	<b>43</b>	35	5	7	2	-	<b>49</b>	<b>24</b>
<b>Faixa III</b>	2	29	<b>31</b>	38	6	5	-	-	<b>49</b>	<b>33</b>
<b>Gênero Masculino</b>	4	44	<b>48</b>	38	11	7	-	-	<b>56</b>	<b>36</b>
<b>Gênero Feminino</b>	4	42	<b>46</b>	48	6	7	2	-	<b>63</b>	<b>41</b>
<b>TOTAL</b>	24	258	<b>282</b>	258	51	42	6	-	<b>357</b>	<b>231</b>

Nesse Quadro, observa-se uma ligeira coincidência de algumas variáveis no que se refere tanto ao resultado do subtotal, quanto à junção das categorias A e B, em que os agricultores entenderam a questão formulada e responderam de acordo com a técnica. Constata-se que os informantes escolarizados responderam mais do que os não escolarizados, no que diz respeito às categorias A e B, assim como no subtotal I. Isto posto, comprova-se que a escolaridade continua sendo um elemento substancial na comunicação entre o técnico e o homem do campo. Verifica-se também que a faixa etária intermediária identificou mais as formas técnicas do que as outras faixas etárias, nas categorias analisadas aqui e no subtotal I. Salienta-se, ainda, que os camponeses mais novos coincidiram em

<sup>17</sup> A) O informante produziu ou conceituou a forma técnica nas perguntas do questionário.

<sup>18</sup> B) O informante registrou uma resposta correta segundo o técnico, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia.

<sup>19</sup> C) O objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, no entanto, não apresentou uma resposta correta segundo o técnico, embora relacionada com sua experiência.

<sup>20</sup> D) O informante respondeu a questão fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência.

<sup>21</sup> E) O informante respondeu a questão fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência.

<sup>22</sup> F) O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta.

<sup>23</sup> G) O informante utilizou um neologismo.

<sup>24</sup> H) O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível.

número, na categoria A, com a faixa etária intermediária, já descrita anteriormente. Desta forma, percebe-se que os sujeitos compreendidos entre 15 e 45 anos, na categoria A, e aqueles que correspondem à faixa II, na categoria B e no subtotal I, apresentaram resultados mais próximos das expectativas técnicas, em relação aos lavradores rotulados como mais velhos nesta pesquisa. No que diz respeito ao gênero, fica nítida a coincidência em número, tanto nas respostas dos homens como nas das mulheres na categoria A. Quanto à categoria B e ao subtotal I, os dados demonstram uma diferença pequena entre os agricultores de gêneros distintos, indicando um comportamento semelhante entre eles. Sendo assim, tanto os homens como as mulheres identificaram as formas no que se referem aos pressupostos técnicos. Tal constatação foge às expectativas do pesquisador, que supunha que a proximidade maior do homem no trabalho de campo facilitasse a interação com os profissionais técnicos.

Analisando-se o segundo agrupamento do Quadro, que reúne as categorias C, D, E, F e G, em que o homem da zona rural identificou as formas, relacionando-as com a sua experiência, observa-se que:

- (a) Com exceção das categorias F e G, em que consta pouco e nenhum dado, respectivamente, as categorias C, D, E e o subtotal II apresentaram mais dados na variável escolarizado do que na não escolarizado. Este resultado indica que os sujeitos que freqüentaram a escola por um tempo maior relacionaram mais as respostas, estabelecendo uma ligação entre o que era questionado e sua vivência na lavoura, generalizando ou mesmo especificando as informações, do que os sujeitos que freqüentaram menos a escola.
- (b) Quanto à idade, os resultados indicam, neste item, que o homem do campo da faixa etária III, no que se refere à resposta do informante, tendo em vista a experiência que dispõe no trabalho rural (C), à generalização das informações (D) e ao subtotal II, foi superior ao de outras faixas etárias, confirmando a importância do amadurecimento do lavrador na interação entre o profissional e o camponês. Tal afirmação é confirmada, pois a faixa etária II se destacou em relação aos mais novos no subtotal II, que coincidiu com o resultado da faixa III, e nas categorias E e F. Ressalta-se que ocorreu uma igualdade nas

respostas dos informantes mais novos e mais velhos, na categoria generalização da informação, fugindo do conjunto de resultados, supondo-se que o trabalhador rural mais novo simplificou mais ao responder as questões. Vale a pena chamar a atenção para o fato da não ocorrência de nenhum dado na categoria G, que corresponde à criação de lexias, nesta parte do Questionário.

- (c) Um pouco diferente do que se esperava, ocorreu com a variável gênero neste agrupamento, pois o gênero feminino se destacou nas categorias C, E, em que os dados coincidiram com os dos homens, F e no subtotal II. Apenas na categoria que corresponde à generalização das informações, os homens se destacaram. Como este resultado se apresentou tão distante das expectativas, seria necessária a coleta de mais dados, a fim de que o pesquisador pudesse apresentar um comentário eficaz quanto a esta questão.

Tendo em vista que os resultados enquadrados na letra H demonstraram o não entendimento do homem do campo em relação à pergunta a ele dirigida, o que o leva a emitir respostas paradoxais, os dados desta categoria confirmam, em alguns momentos, o que já fora descrito: as respostas do homem da zona rural que frequentou menos a escola predominaram (48) em relação às do que frequentou mais a escola (29). Tal fato confirma os resultados de todas as categorias anteriores a este quadro, pois a escolaridade apresenta-se ainda como um fator fundamental na interação entre os falantes com conhecimentos distintos. Referindo-se à idade, constata-se uma tendência diferente do que era esperado – a experiência como elemento importante para diminuir a distância entre *técnico/homem do campo*. Na realidade, os informantes mais velhos não compreenderam as questões formuladas e apresentaram mais respostas imprevisíveis (33) do que os das outras idades (20 e 24). Confrontando o resultado desta categoria com os do subtotal II, C e D, percebe-se que os sujeitos enquadrados na faixa etária III também se sobressaíram em relação aos outros; o que surpreende por serem opostos. O gênero feminino apresenta-se superior (41) em relação ao masculino (36), conforme o previsto, pelo fato de a mulher não dispor de tempo integral no trabalho da lavoura. No entanto, se comparado aos resultados comentados no agrupamento anterior, este aspecto se confirma apenas nas categorias D e E, em que os homens ocuparam posição de destaque.

O Quadro XVII resume os resultados dos quadros XV e XVI, que se referem às Partes I e II do Questionário. No entanto, salienta-se que os dados que compõem o quadro referido integram a soma dos subtotais I e II dos respectivos quadros. A adição destes subtotais se refere ao agrupamento dos dados em que o agricultor compreendeu as questões a ele dirigidas: estando de acordo com as expectativas técnicas, ou de acordo com a sua experiência, ou generalizando, ou mesmo especificando, ou utilizando formas de seu vocabulário ativo, ou criando lexias. Foram excluídos, desta reunião final, os dados concernentes à letra H, que se opõem aos resultados dos subtotais I e II, pois são relativos às respostas cujas perguntas não foram compreendidas pelos informantes:

**Quadro XVII**  
**Quadro resumo**

	<b>PARTE I</b>	<b>PARTE II</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Escolarizado</b>	202	130	<b>332</b>
<b>Não Escolarizado</b>	161	83	<b>244</b>
<b>Faixa I</b>	98	41	<b>139</b>
<b>Faixa II</b>	133	92	<b>225</b>
<b>Faixa III</b>	132	80	<b>212</b>
<b>Gênero Masculino</b>	192	104	<b>296</b>
<b>Gênero Feminino</b>	171	109	<b>280</b>
<b>TOTAL</b>	<b>1089</b>	<b>639</b>	<b>1728</b>

Analisando-se os totais da Parte I, verifica-se que, de acordo com as tendências observadas até aqui, os escolarizados destacaram-se (202) em relação aos não escolarizados (161) e os informantes acima de 31 anos sobressaíram-se (133 e 132) em relação aos mais novos (98). No tocante ao gênero, os homens apresentaram mais respostas (192) do que as mulheres (171).

Prosseguindo a referida análise, no que tange à Parte II, percebe-se que os resultados são quase semelhantes aos da Parte I, ou seja, os escolarizados continuam sendo superiores (130) em relação aos não escolarizados (83) e os sujeitos acima de 31 anos se destacaram mais, se comparados aos mais novos. No entanto, o destaque recai na faixa

etária intermediária, que apresenta uma pequena diferença para maior (92), em relação à faixa etária III (80). Já com relação ao gênero, na identificação das formas, as mulheres apresentaram-se um pouco superiores (109) aos homens (104).

Verificando-se os totais das Partes I e II, observa-se a mesma tendência quanto às variáveis extralingüísticas, pois os resultados permaneceram quase iguais aos totais isolados. Os escolarizados se destacaram (332), em relação aos não escolarizados (244), indicando que a escolaridade é um fator fundamental na interação *técnico/homem do campo*. Os dados dos informantes enquadrados na classificação acima de 31 anos predominaram em relação aos mais novos – a faixa etária II se destacou um pouco mais (225) da III (212). A experiência e o amadurecimento foram elementos importantes na comunicação assimétrica. E finalmente o gênero, que apresentou resultados diferentes se comparados às duas Partes já descritas. Na Parte I, sobressaíram-se os dados dos informantes homens. Na Parte II, os dados um pouco superiores integram as respostas das mulheres. O total das duas partes do Questionário juntas dá aos homens uma relevância (296) em relação às mulheres (280), uma vez que esses informantes dispõem de tempo integral no trabalho do campo, influenciando na sua interação com os profissionais.

Confrontando-se o total da Parte I, com a Parte II, observa-se um número bem maior quando da aplicação do método onomasiológico (1.089) do que da identificação das formas (639). Sendo assim, percebe-se que o vocabulário técnico é um dos traços de distanciamento interacional entre o homem do campo e o profissional, dificultando a comunicação entre estes falantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos dados coletados que compõem o *corpus* desta pesquisa, fica comprovada a dificuldade de comunicação entre o técnico e o homem do campo. Para corroborar esta afirmação, traçam-se algumas considerações quanto às variáveis extralingüísticas e lingüísticas decorrentes do processo investigativo:

1 Quanto à análise das variáveis extralingüísticas, os totais constantes no Quadro XVI, indicam que:

1.1 A escolaridade é um fator fundamental neste tipo de interação, pois ao longo da descrição dos dados, poucas são as vezes, em que os informantes não escolarizados se destacaram, em relação aos escolarizados.

1.2 No que concerne à faixa etária, observou-se que os trabalhadores rurais acima de 31 anos se destacaram em relação aos mais novos, indicando que a experiência e o amadurecimento exercem grande influência na interação entre falantes com características socioculturais distintas.

1.3 Na Parte I e no total final, que reúne as partes I e II do Questionário, o gênero masculino se destacou mais do que o gênero feminino. Isto comprova que o trabalho na lavoura facilita a interação no discurso assimétrico. No entanto, os dados indicam também que a mulher não está tão distante das atividades do campo, como se imaginava, pois, apesar de não dispor de tempo integral na lavoura, o gênero feminino apresentou um pouco mais de respostas, no tocante à identificação das formas técnicas, do que o gênero masculino.

2 Quanto à análise das variáveis lingüísticas, apresentam-se aspectos que se referem à linguagem técnica e aspectos inerentes especificamente ao léxico:

2.1 Aspectos que se referem à linguagem técnica:

Extraíram-se partes dos depoimentos dos dois profissionais entrevistados em que estes declaram perceber o obstáculo que se processa entre eles e o trabalhador rural. Para amenizar esta situação, o técnico procura formas facilitadoras ou mudanças nas estratégias da comunicação, para apresentar as informações novas ou antigas ao agricultor, de maneira que os objetivos na interação verbal sejam

alcançados. Destacam-se partes dos textos transcritos destes depoimentos, para exemplificarem tal afirmação:

*/.../ É, eles chamam tudo de uréia, então a forma mais fácil que eu consegui pra passá pra eles o que seria o NPK – que é o nitrogênio, o fósforo e o potássio – /.../ então pra passar isso pra eles eu fazia assim, se você consome feijão, arroz e carne, você sobrevive? Sobrevive... a planta também, se você fornecer nitrogênio, fósforo e potássio, ela vai sobreviver, vai viver, vai crescer e reproduzir, agora existem outros nutrientes que você consome, que a planta também consome, que não é que não sejam tão importantes, mas que tornariam no caso ela mais... essa adubação mais complexa e mais cara; então, se vocês fizerem só a adubação com NPK, vocês dariam dando condições pra planta se desenvolvê, crescê e se desenvolvê /.../.<sup>1</sup>*

*...então a dificuldade que nós temos de transmitir a eles essas tecnologias que todo mundo já conhece, pra gente nós temos tendo dificuldade ainda porque nossa agricultura não é modernizada. Também, na questão da adubação, existe uma cultura, isso aí entre aspas, entre eles, de alguns até adotarem a adubação, mas eles fazem apenas pela cabeça deles, chega na casa comercial e dizem ‘eu quero tal adubo’, normalmente eles dizem o que chamam de dez-dez, que seria nitrogênio e fósforo, mas eles não sabem nem o que é isso, pra que serve, de que maneira vai melhorar e como usar, então nós procuramos sempre dizer a eles o seguinte que no preparo do solo, fez a gradeação e fez... (+) ele tem que observá e fazê a análise de solo e aí nós procuramos explicá também o que é analisá o solo /.../.<sup>2</sup>*

Outra ocorrência que merece destaque se refere ao fato de que, em um determinado momento, um dos informantes ter criticado a técnica do coroamento quando disse que, para ele, esta técnica de limpeza *num presta* e que a limpeza deve ser feita no terreno todo: *Uns chama rodá o coqueiro, agora rodá coqueiro num dá, dá pa limpá tudo de fora a fora /.../ pra ficá tudo limpo /.../ ali é rodá o*

---

<sup>1</sup> Informante I.

<sup>2</sup> Informante II.

*coqueiro, num presta /.../ fica esse mato ali /.../ chupa ele aqui /.../ limpá de fora a fora.*

Prosseguindo as observações, salienta-se que, ao ser questionado sobre a denominação dada pelo agricultor para o trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças, declara: *Sei não. Aqui no caso a gente não tira não, a gente deixa, deixa lá e muitos presta, muitos pega e queima, mela....* Convém chamar a atenção que o informante disse não saber a terminologia específica para a referida técnica e acrescenta ainda que não a praticava, pois era como se não valesse a pena aplicá-la.

Quando se perguntou a um dos informantes, o que ele entendia por controle de pragas e doenças, obteve-se como resposta: *O controle é o técnico ficá observano as planta, estudano que tipo de praga tá dano e procurá ver qual é o produto que deve sê usado pra combatê.* Assim, este lavrador está declarando que, em alguns momentos, confia na competência do técnico.

Referindo-se ao depoimento de outro agricultor – */.../ eu já até usei aqui no tomate, mas a gente comprô uma vez, mas Keno usou, ele se sentiu mal porque os cara lá da fazenda não expricou a ele e eu cheguei aqui não li a bula que era pra usá com máscara, de macacão, de bota e de luva /.../ aí ele se sentiu mal, quase... mas ficou... deu uma dô de cabeça que eu pensei que ia morrê /.../ me zanguiei, joguei fora /.../ e num comprei mais nunca /.../* – observa-se que esta declaração atesta o fato de que as pessoas que comercializam, assim como as que trabalham com agrotóxicos devem redobrar o cuidado, quanto às precauções na venda, no preparo e uso destes produtos.

Constatou-se também que o homem do campo, de um modo geral, não consegue fazer as distinções específicas das informações técnicas, como, por exemplo, a utilização de herbicida, fungicida, inseticida e formicida; ou as peculiaridades na aplicação dos adubos, associando a terminologia à função de cada um para cada cultura, e outros.

Percebeu-se, então, que a linguagem técnica impede que a comunicação entre o técnico e o homem do campo flua sem interferências. Para eliminar estes ruídos na comunicação, o técnico poderá utilizar a linguagem mais popular do

homem do campo e, com a continuidade do desenvolvimento dos projetos rurais, o homem do campo poderá também estar mais familiarizado com alguns vocábulos técnicos. Percebeu-se ainda que, em alguns momentos, o agricultor discorda, levado pela experiência na lavoura, daquilo que o técnico preconiza. E que, em outros momentos, confia na competência deste profissional. Finalmente, deduziu-se que o trabalhador rural desconhece as minúcias inerentes à tecnologia, relacionada à terminologia específica, que lhe é apresentada pelo técnico, para que haja eficácia na produtividade da lavoura.

## 2.2 Aspectos inerentes especificamente ao léxico:

Ressalta-se que, na aplicação do método onomasiológico, dos cinquenta e nove itens lexicais que foram questionados, apenas treze foram emitidos, no mínimo, uma vez pelos agricultores, segundo as expectativas técnicas. Destacam-se as formas obtidas na pesquisa: *aração, área de capoeira, erosão, gradear, IBAMA, relevo acidentado, brotar, cova, adubo orgânico, adubo químico, uréia, praga e pulverizar*. Assim como na aplicação do Questionário que se refere à Parte II, dos cinquenta e nove vocábulos pretendidos, apenas seis formas – *destorrear, gradear, brotar, época do plantio, adubação de cobertura e pulverizador costal* – foram identificadas. Chama-se a atenção para o fato de essas formas lexicais estarem lingüisticamente relacionadas a expressões mais familiares às atividades rurais desenvolvidas pelos lavradores.

A Parte I do Questionário, referente ao método onomasiológico, destacou-se consideravelmente na aplicação do instrumento investigativo, ou seja, o agricultor tem forte tendência a compreender a descrição da técnica ou atividade agrícola do que a identificar a terminologia específica. Sendo assim, considera-se o vocabulário técnico como elemento de distanciamento entre *técnico/homem do campo*. Isto posto, fica comprovada a dificuldade que o agricultor experimenta para identificar as formas da terminologia técnica.

Referindo-se aos itens lexicais destacados neste trabalho, sem levar em consideração o sentido, destacam-se os que, coincidentemente ou não, encontram-se ou não nos dicionários pesquisados e no *APFB*:

*Aferramenta, Aferramento, Alimpando, Alimpar, Arrancador, Arrodear, Birro, Brocotó, Buraco (cova e erosão), Camaleão (var. de camalhão), Capora, Conjunção, Desencerta, Despenhar, Despenho, Estrume, Ferramento, Forrageira, Germinar, Grota, Horticultura, Imbacerado, Legume, Limpação, Linheira, Macaça, Macaçá, Manaíba, Maniba, Minador, Mudança, Mudação, Nascer, Natural, Olho, Rego (sulco), Replantar, Retonhar, Rodeiro, Tamanjuá, Troço (leia-se trôço), Valeta (erosão e sulco), Valetão, Varjada, Verdura e Xarope.*

Constata-se então que, independente da acepção em que foram empregados os vocábulos acima e independente de serem neologismos ou não, estas lexias foram produtivas na comunicação. Desta forma, levando-se em consideração a questão da diversidade lingüística, os falantes devem adaptar-se mutuamente à linguagem utilizada, objetivando o sucesso na interação verbal entre falantes com conhecimentos distintos, especificamente os que fizeram parte desta pesquisa: *o técnico e o homem do campo.*

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, 1999.

AGUILERA, Vanderci de A. (Org.) *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

ALDRIGUE, Ana Cristina de S.. *A linguagem do seringueiro no Estado do Acre*. 1986. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.

ALMEIDA, Joyce E. *Discurso rural: uma perspectiva ideológica*. 1996. 123 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1996.

ALVES, Iêda M<sup>a</sup>. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, Maria Margarida. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 189-198.

ANDRADE, Nadja. Comunicação interdialeto médico-paciente na anamnese. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: UFBA, 1988. p. 199-207.

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. *Lingüística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A UNIÃO, 1983.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2. ed. bras. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5v. v. 5.

BAKHTIN, Mikhail. *O marxismo e a filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Luz. São Paulo: Hucitec, 1979.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BERLO, David K. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. Tradução de Jorge Arnaldo Fortes, Revisão de I. B. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BIDERMAN, Maria Tereza C.. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.11-20.

BOONS, Jean-Paul. Sinonímia, antonímia e fatores estilísticos em alguns relatórios científicos. In: TODOROV, Tzvetan et al. *Semiologia e lingüística*. Tradução de Lígia M. P. Vassallo e Moacyr Cirne. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 68-107.

BORTONI, Stella Maris. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 167-180.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2.ed. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice M. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. Especial, p. 233-255, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice M. A geolinguística no Brasil. *Qvinto Império*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 11-24, 2º sem. 1996.

CARDOSO, Suzana Alice M.; FERREIRA, Carlota da S. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: UFBA, 2000.

CARDOSO, Suzana Alice M.; FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

CASTILHO, Ataliba. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. p. 237-285.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectología*. Tradução de Carmem M. González. Madrid: Visor Libros, 1994.

CICCO, Cláudio de. Comunicação no Brasil rural e no Brasil urbano. In: SAITO, Hiroshi (Org.) *A comunicação e alguns problemas rurais*. São Paulo: COM-ARTE, 1973. p. 1-17.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

CONCEIÇÃO, Manuel Célio. Terminologias em português: uma questão de sobrevivência. *Revista Internacional de Língua Portuguesa - RILP*, Lisboa, n. 15, p. 25-29, jul. 1996.

CORRÊA, Luiza; MARTINE, Castro. Análise da constituição e reprodução no discurso médico-paciente: uma abordagem sociolinguística interacional. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 239-268.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Maria Cristina R. *O léxico de profissões e ofícios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

CUNHA, Antônio G. *Índice do vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986. V.1, A, p.45, col.b.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FARIA, Vidal P.. A difícil tarefa de informar. *Revista Balde Branco*, São Paulo, 395. ed., ano 33, n. 8, p. 8, set. 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H.. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota. A geografia lingüística no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 255-277, 1995.

FERREIRA, Carlota. Polimorfismo e léxico (*Rótula* em Sergipe) In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: UFBA, 1988. p. 103-108.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. Um panorama da dialectologia no Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa - RILP*, Lisboa, n. 14, p. 91-105, dez. 1995.

FERREIRA, Manuela B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Org.) *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1996. p. 479-502.

FERREIRA, Raimundo R.. *Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem*. 1997. 178 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca D. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOOFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 11-15.

GUMPERZ, John J. Convenção de contextualização. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

GUMPERZ, John J.; BLOM, Jan-Petter. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 31-56.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.

ISQUERDO, Aparecida N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 89-98.

KOCH, Ingedore G. V. *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário ilustrado* / [direção geral, Abraão Koogan; Supervisão editorial, Antônio Houaiss]. 4. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

LABOV, William. A hipercorreção na classe média baixa como fator de mudança lingüística. Tradução de Zélia G. Miguel e Simone M<sup>a</sup> R. Oliveira, para uso didático no curso de graduação em Letras da UFBA. In: \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEANDRO, Paulo R. L. Considerações sobre comunicação rural. In: SAITO, Hiroshi (Org.) *A comunicação e alguns problemas rurais*. São Paulo: COM-ARTE, 1973. p. 18-27.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística*. Tradução de Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MIRANDA, Aleãda P.. *História de Sítio Novo*. Catu: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Alzir. *O léxico da rapadura*. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras), 1978.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 107-113.

PINTO, Edith P.. *A língua escrita no Brasil*. São Paulo: Ática, 1986.

PONTES, Antônio L. *Dicionário de termos da cultura do caju*. Fortaleza, [199-?]. 3p. digitadas.

PONTES, Antônio L. *O léxico da cultura e industrialização do caju, em Pacajus-CE*. 1982. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 1982.

PONTES, Antônio L. *Os termos da cultura e industrialização do caju*. 1996. 273 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis (S. P.), 1996. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.

POP, Sever. *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. Seconde partie. Louvain: Chez l'Auteur, 1950.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo literário*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

PRIETO, Claudete R.. *O léxico e as variações extra-linguísticas*. 1980. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1980.

PRUDÊNCIO, Sandra C.. Unidade e diversidade no português do Brasil. In: *Revista Científica Semestral do Instituto de Letras da UFBA – Hyperion*, Salvador, EDUFBA, n. 5, p. 109-118, 2º sem. 1998.

ROSSI, Nelson et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. A dialectologia. *ALFA*, Marília, n. 11, p. 8-115, mar. 1967.

SALOMÃO, Maria Margarida M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas – Revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-39, jul-dez. 1997.

SANTOS, Denise G. D. *O léxico da casa de farinha*. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

SANTOS, Maria Francisca O. *Professor-aluno: as relações de poder*. Curitiba: HD, 1999.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolinguística: teoría y análisis*. España: Ed. Alhambra, 1989.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Org.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE. 1998. p. 120-141.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

THIBAUT, Paul J. *The Dynamics of signs in social life*. London and New York: ROUTLEDGE, 1997.

WEINRICH, Uriel et al. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Andréia Caricchio Café et al., sob a coordenação da Profª Drª Célia Marques Telles, para uso didático no curso de Pós-graduação em Letras. Salvador: ILUFBA, 1998. 103 p. digitadas.

WETZELS, Leo W. As línguas não têm dono. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 3, 1997, Porto Alegre. *Anais...Org.* Maria da Glória Bordini. Porto Alegre : PUC – WETZELS, Leo W. As línguas não têm dono. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS RS, 1997. p. 144-153.

**ANEXOS**

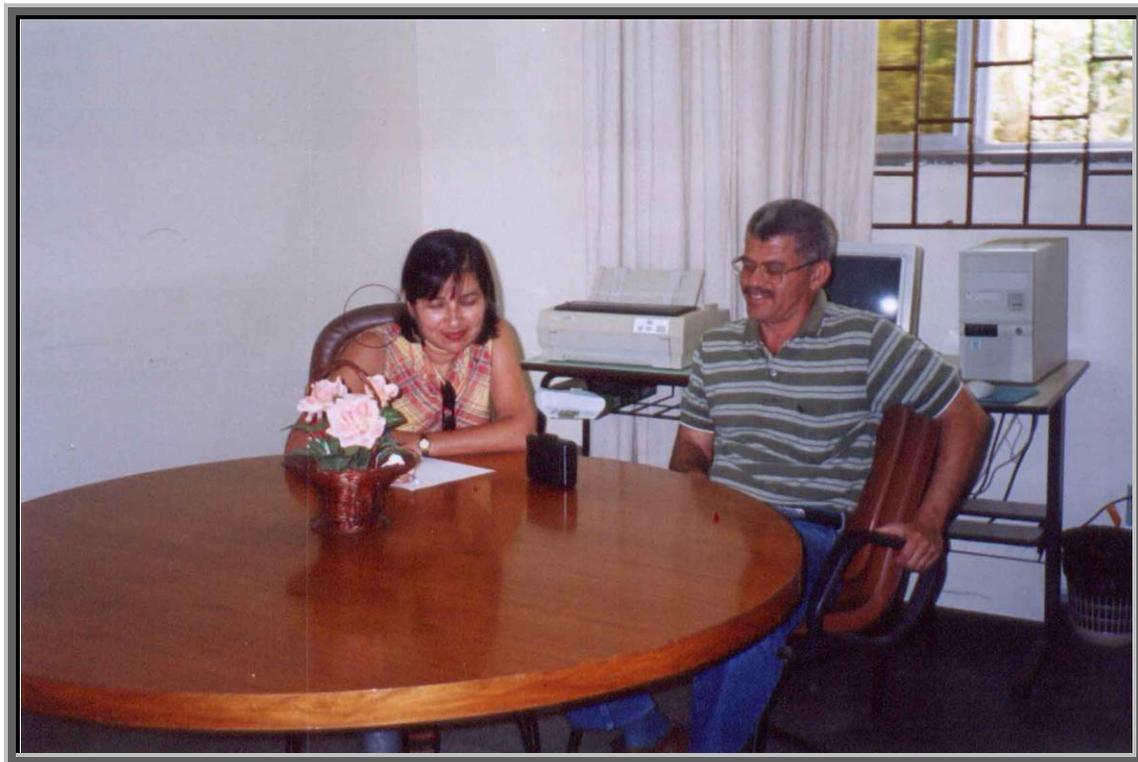
## Anexo I

## FOTOS

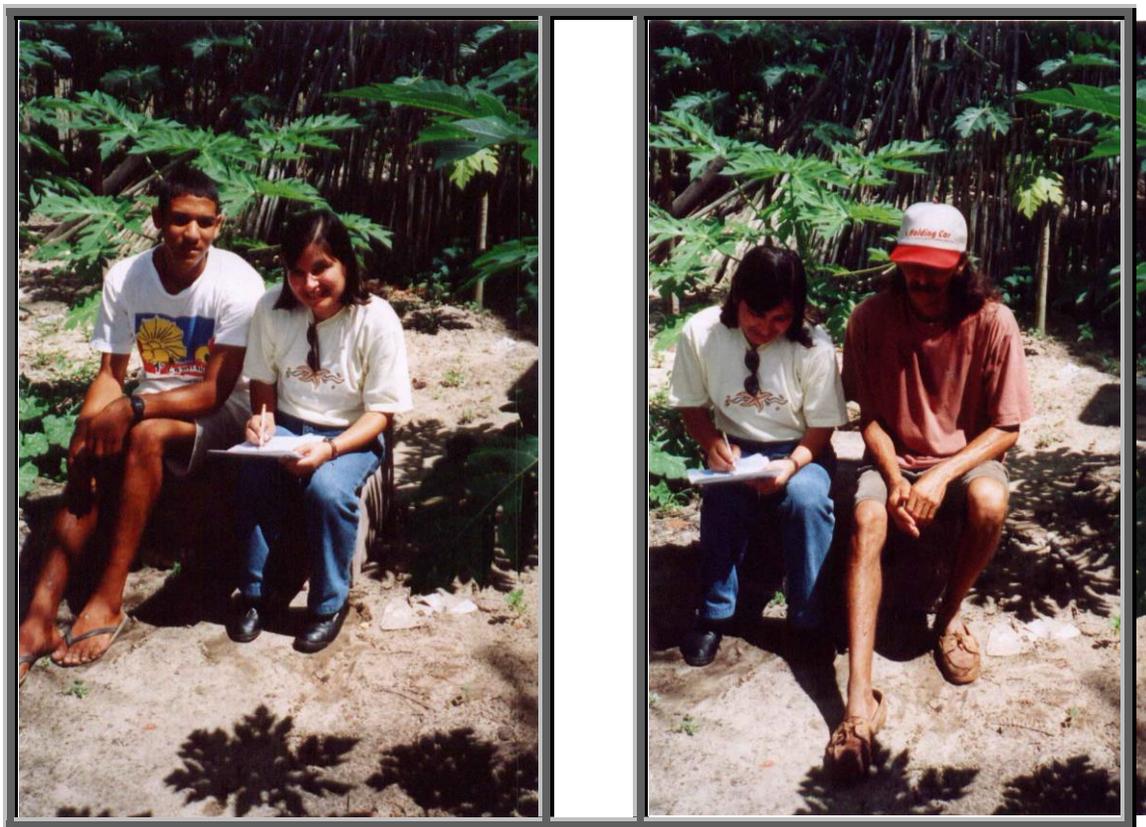
Panorama da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA



Entrevista com os técnicos

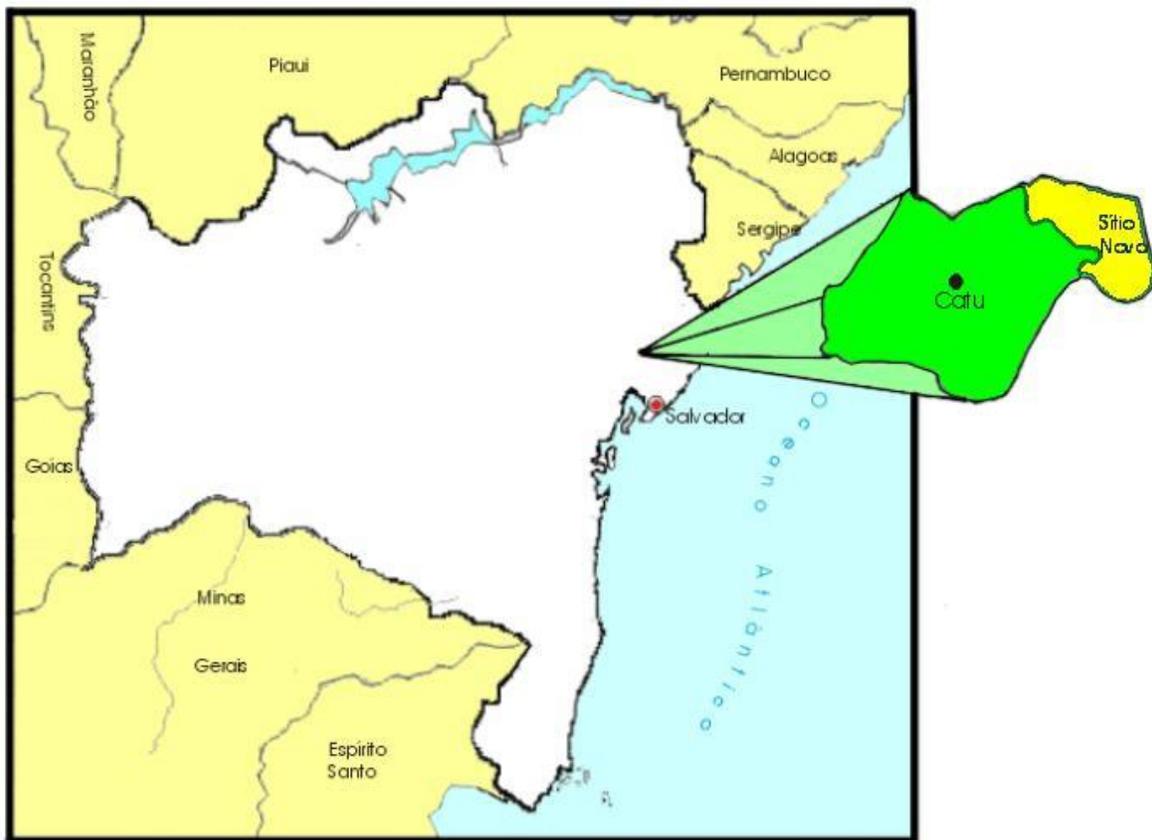


Entrevista com os informantes da zona rural



## Anexo II

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO



## **Anexo III**

### **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO TÉCNICO**

Identificação:

Gênero:

Idade:

Estado civil:

Local de nascimento:

Curso à nível de 2º grau:

Escola:

Escolaridade:

Curso:

Ano de conclusão:

Escola:

Cidade onde localiza-se a escola:

Empresa em que trabalha:

Área de atuação:

Tempo de trabalho na região:

Observações suplementares:

Local e data da entrevista:

## Anexo IV

### ENTREVISTAS COM OS INFORMANTES – TÉCNICOS

#### INFORMANTE I

Doc. – Esta entrevista será com o informante I, ex-aluno da Escola Agrotécnica Federal de Catu e é... (+) desenvolveu, desenvolveu projetos, é... (+) de assistência ao produtor rural neste município. Marcos, inicialmente, nós gostaríamos de... (+) vou dar a você algumas... (+) algumas etapas... (+), nós vamos... (+) eu queria que você descrevesse etapas é... (+) sobre o plantio, né? Com relação ao preparo do solo, o que é que você poderia dizer, quando você vai descrever essa questão de preparo do solo em qualquer projeto de agricultura?

Inf. – Olhe, professora, antes do preparo do *solo (1)*, eu acho que cê tinha que escolher a área, (+) porque a dependê da escolha da área é que você vai fazer um tipo de preparo de solo diferente de outro.0

Doc. – Com relação ao preparo do solo, as atividades são diferentes?

Inf. – Não, repare, (+) você qué plantá uma *forageira (2)*, então uma área de declive ou uma área de topografia mais acentuada, serviria. Agora, cê qué plantá frutíferas, né? cê tem que usá de artifícios, dentro do preparo do solo pra podê favorecê... pra evitá *erosão (1)*, desgaste do terre... etc.

Doc. – Então eu gostaria que

você...

Inf. – [[ Que eu comece do preparo do solo?

Doc. – [[ ...se detivesse nas culturas do milho, mandioca, feijão, laranja e olericultura.

Inf. – Diversificadas, né?... que tem ciclo curto e ciclo longo e anuais...

Doc. – Então, a gente pode dividir isto...

Inf. – Certo.

Doc. – ...aí você pode ir por partes, com relação ao preparo do solo, é... (+) com relação ao milho, mandioca, feijão e laranja, eles podem ser agrupados? Como é?

Inf. – Podem, aqui... (+) o milho, a mandioca e o feijão, um grupo; a laranja, outro e a *olerícola* (2), outro.

Doc. – Então vamos lá...

Inf. – Então, as culturas anuais, no caso milho, mandioca e feijão, no preparo do solo: (+) primeiro a escolha da área, né? (+) Escolha de uma área, avaliaria a *topografia* (1), *textura* (1) e *estrutura do solo* (1) e a forma de como você fazê esta limpeza, porque cê tem que sabê se esta área tá limpa, já foi desmatada, nunca foi desmatada, já foi trabalhada, não foi trabalhada, (+) que condições tá essa área? (+) É uma mata? (+) É um campo? (+)

Doc. – Então, leve em consideração, é... (+) etapas diferentes...

Inf. – Bom, se fô uma mata, primeiro autorização do *IBAMA* (1) para podê fazê o desmatamento, né? caso esta autorização venha, desmatava, destocava, fazia análise do perfil e... caracterização do solo, aí entraria com a *correção* (1), *adubação* (4), né? nivelamento, pra podê entrá com o plantio, que pode ser mecanizado ou manual.

Doc. – E a outra...?

Inf. – Se fô uma área já limpa, a dependê como ela está limpa, se for uma *área de capoeira* (1), capoeira é aquela que você corta a mata, (+) toca fogo, aí abandona aí tem o que eles chamam de retonha, que é o nascimento da vegetação que fica... de sementes, raízes, que ainda ficaram da mata anterior que vai *brotar* (2), rebrotar no caso, aí você faz o corte ou seria (incompreensível) não é isso, pode tocá fogo ou não, e daí se for manual ou mecanizada, vai diferenciá, se for mecanizada, pessoal toca fogo e planta, se for mecanizada, entra com o tratô *destocando* (1) ela toda, *ara* (1), *gradeia* (1), se for o caso, corrige, aduba e planta, (+) manual ou mecanizada.

Doc. – Sei...

Inf. – Pronto, aí foi mandioca...

Doc. – Milho, mandioca e feijão...

Inf. – Mandioca, milho e feijão. Agora, a laranja além destes tratos que foram dado, teriam o quê? O *piqueteamento* (2), se cê vai plantá em linha contínua ou em triângulo... né?

Doc. – Contínua?

Inf. – Ou em triangular, depende da declividade do terreno, (+) abre-se as covas, né? abre a *cova* (2), planta (+) a laranja, abrindo a cova, a camada abre prum lado, a camada pro outro, mistura-se a terra da camada pra baixo (incompreensível), mistura com o adubo por cima fechando a cova, com as mudas piqueteadas. Agora, a adubação e a correção é de acordo com a análise do solo e também você poderia determinar... por isso que eu falei da parte de preparo... escolha da área, porque uma área pra se plantá laranja, cê tem que observá o *perfil do solo* (1), ele tem que sê mais profundo do que uma área para plantá mandioca, feijão, milho ou olerícolas, porque a *raiz pivotante* (2), é uma frutífera... é um arbusto, então seria mais exigente em profundidade de solo e as olerícolas como são culturas de ciclo curto, que geralmente são exploradas pequenas áreas, mas também já podem sê trabalhadas, tanto manualmente como mecanicamente, mecanizado, seguiria aquelas etapas, derruba da mata, *derrubada* (1) da mata, limpeza, destoca, (+) correção, adubação, preparo dos canteiros e plantio.

Doc. – A questão da gradagem entra aonde?

Inf. – Olha, você... (+) um solo arenoso geralmente não se ara, só gradeia, a aração que é que ela faz? Ela pega a terra que tá embaixo na camada inferior e coloca pra camada superior, pega a camada superior e coloca na camada inferior, ele faz uma troca na camada superficial do solo e a gradagem ela só faz uma quebra, um *destorroamento* (1), em solo arenoso.

Doc. – Destorroamento...?

Inf. – É, quebra... que quando você ara, você cria torrões, então ela vem pra quebrá esses torrões e fazê um nivelamento da área, com o solo muito arenoso não se deve ará, deve só gradeá.

Doc. – Ok, bom, então isso aí é o preparo do solo, não é isso? Então vamo ver com relação ao plantio: verificando que você agrupou em milho, mandioca e feijão né? primeiro grupo; laranja, segundo grupo e olerícola, no terceiro grupo; com relação ao plantio esses... essas é... agrupamento que você fez ainda continuam?

Inf. – Continuariam...

Doc. – Então, vamo vê com relação ao plantio, como é que você descreveria o plantio dessa... desse agrupamento que você fez?

Inf. – Milho, mandioca e feijão, primeiro grupo de *culturas anuais* (2) poderia sê feito tanto manual como mecânico. Manual, se abre a cova com o auxílio da enxada, uma cova rasa, se joga a semente, duas ou três e se fecha com o pé, isso é o que faz, que o *coveamento* (2) aqui, né? A mandioca, no caso, o feijão, o milho é assim. A mandioca faz o sulco ou naquela... (+) na amontoa que você trabalha a área em duas direções deixando aqueles montizinhos, parecendo umas corcundazinhas no solo e planta a manaíva ou maniva, nesse montinho, a mandioca...

Doc. – Sei, e com relação à laranja?

Inf. – Agora a laranja, já é abertura de covas, cê abre... vai piqueteá a área, abri as covas e fazê o plantio da laranja, da muda...

Doc. – E as olerícolas?

Inf. – As olerícolas, são em canteiros né? Na sua maioria (+) cê prepara o canteiro, deve sê na largura de um metro e o comprimento é indeterminado... depende da quantidade de plantas que você qué por ciclo, (+) agora nunca deve ultrapassar 10 metros.

Doc. – Sei, é... (+) eu não... (+) será que você... essa questão de marcação?

Inf. – Eu tinha falado no outro...

Doc. – Hum, hum... E a curva de nível?

Inf. – A marcação do piqueteamento. A *curva de nível* (2) é feita no preparo do solo, por isso que eu falei que na escolha da área, você sabê como prepará esse solo, cê vai escolhê uma área, pra plantá laranja, se ela é uma *área com declividade* (2), você vai tê que usá curva de nível, aliás qualquer plantio em declividade tem que usá curva de nível, mas isso taria no preparo do solo.

Doc. – E o espaçamento?

Inf. – Vai sê determinado pela declividade.

Doc. – E eles têm diferenciação de... com relação...

Inf. – A cultura?

Doc. – A cultura?

Inf. – Têm mais em relação ao solo.

Doc. – Sei...

Inf. – Né, agora, no caso da laranja cê podia fazer em... em... (+) Como é? Palanques? Não, *taludes* (2)? Eu não lembro mais direito não... é aquele que cê faz, são... (+) como é o nome Marcos Bessa? São taludes, são *patamares* (2), patamares...

Doc. – Sei, patamares...

Inf. – Patamares.

Doc. – E com relação a época de plantio?

Inf. – A *época de plantio* (2) deve ser na sua maioria, no caso mandioca, milho, feijão, laranja e olerícola; olerícola, não, que geralmente trabalha mais com a irrigação, não sendo irrigado as outras quatro, cê... a laranja e as anuais na época do início das chuvas.

Doc. – Certo...

Inf. – Que aqui na região o pessoal faz assim, ele começa a desmatar em novembro... novembro, dezembro ele corta a mata, toca fogo e prepara o solo, faz capina, *amontoa* (3), sulco, o que for, abre as covas, quando tem os primeiros dias de março, dezenove de março, que é São José, ele vai e planta o milho, feijão mandioca...

Doc. – É sempre em São José?

Inf. – É, em São José...

Doc. – É... vamo vê com relação aos tratos culturais, já foram descritos estes tratos culturais?

Inf. – Não.

Doc. – Então vamo vê aí o que você poderia falá sobre isso.

Inf. – O *trato cultural* (3), seria os tratos que a cultura vai recebê pra podê ela tê um bom desenvolvimento, então: adubação, capina, limpeza, poda (+) é... (+) com relação a pragas e doenças, *controle de pragas e doenças* (5).

Doc. – Hum, hum, é...

Inf. – *Escarificação* (3) no caso de olerícolas, né?

Doc. – O que seria escarificação?

Inf. – Escarificar é você através de... com o escarificador você...

Doc. – Remexer...

Inf. – Tipo um garfinho, você quebra, destorroa, a camada superficial da leira que ela endurece com o sol e impede a passagem da água e do ar, aí você escarifica pra favorecê a passagem de ar e água.

Doc. – Sei, e a enxertia? O que seria a enxertia?

Inf. – A *enxertia* (3) já seria uma... quando você qué melhor ou produzir no caso da laranja uma muda com as mesmas qualidades de outra planta, você... planta um limão cravo, ele vai nascê, quando tivé na espessura de um lápis mais ou menos, você corta...

Doc. – De um lápis...?

Inf. – É... no calibre de mais ou menos um lápis, você corta e faz a enxertia, pode sê *garfagem* (3); na laranja, faz mais garfagem.

Doc. – E amontoa?

Inf. – Amontoa, na mandioca e no milho, na primeira capina, você chama a terra pro pé da planta, fazendo essa amontoa da parte do *colo da planta* (2)...

Doc. – Sei...

Inf. – Do caule.

Doc. – O desbaste ou raleação, seria o quê?

Inf. – O *desbaste* (3), aí poderia ser na laranja, tirando os galhos que chama “galho ladrão”, não é? São as brotações laterais e o desbaste ou...?

Doc. – Raleação...

Inf. – Raleação... a raleação também poderia sê no caso aí das olerícolas, quando cê planta o coentro em linha, aí...

Doc. – O coentro...?

Inf. – O coentro.

Doc. – Sim.

Inf. – Planta em linha, aí se você concentrou demais a quantidade de semente, que até foi um erro de plantio, você vai tê que diminui a quantidade de plantas por área, pra favorecê um maior desenvolvimento das plantas, aí você tiraria...

Doc. – Seria então o desbaste...

Inf. – Ou então do milho também, que às vezes, cê bota três sementes não confiando no potencial de germinação dele, nasce as três, aí você tiraria duas, as menos desenvolvidas e deixaria a maior...

Doc. – E o coroamento?

Inf. – *Coroamento (3)*, mais na laranja né, que é você retirá a vegetação da área de atuação da raiz da planta pra evitá a competição do mato ou do capim com a planta, no caso a laranja.

Doc. – Marcos, como seria a her... as herbicidas?

Inf. – *Herbicidas (3)* são produtos químicos que você utiliza pra matá o mato, pra eliminá o mato e mato é tudo aquilo que não se sabe pra que é que serve ainda. O herbicida tem que ser utilizado com muito cuidado, porque pode provocar a *esterilidade no solo (1)*.

Doc. – Sei...

Inf. – Né?

Doc. – Vamo lá...

Inf. – E a finalidade é essa é tipo uma...o herbicida poderia entrar aí como um controle da vegetação da área, não é uma capina, não é não... e você poderia trabalhá com o herbicida e roçar...

Doc. – Sei...

Inf. – Deixar apagada lá...

Doc. – Fale um pouquinho...

Inf. – Que seria uma proteção do solo, que seria uma cobertura morta.

Doc. – Cobertura morta, fale um pouquinho sobre a adubação.

Inf. – Adubação básica é *NPK (4)* – nitrogênio, fósforo e potássio.

Doc. – Para qualquer uma dessas culturas?

Inf. – É, é tipo eu...eu gostava de falar assim oi, prossora, quando eu ia explicá NPK pra eles..., porque o pessoal aqui quando você fala de *adubo químico (4)* ele só sabe *uréia (4)*, só conhece uréia, todo adubo químico pra ele é uréia.

Doc. – Quem? Os trabalhadores?

Inf. – É, eles chamam tudo de uréia, então a forma mais fácil que eu consegui pra passá pra eles o que seria o NPK – que é o nitrogênio, o fósforo e o potássio – o

nitrogênio é o responsável pela parte de... verde, a parte verde de crescimento ou seja, o alface precisa de uma quantidade maior de nitrogênio, capim, couve, salsa, as culturas olerícolas no caso que você tem interesse econômico na folha.

Doc. – Sei...

Inf. – Então o nitrogênio taria pra essa parte de folha e crescimento da planta, o fósforo é responsável pela floração consequentemente frutificação, então seria a laranja, né? o milho também; e o potássio é mais a parte de sanidade da planta e fortalecimento da raiz que taria a mandioca, então pra passá isso pra eles eu fazia assim, se você consome feijão, arroz e carne, você sobrevive? Sobrevive... a planta também, se você fornecer nitrogênio, fósforo e potássio, ela vai sobreviver, vai viver, vai crescer e reproduzir, agora existem outros nutrientes que você consome, que a planta também consome, que não é que não sejam tão importantes, mas que tornariam no caso ela mais... essa adubação mais complexa e mais cara então, se vocês fizerem só a adubação com NPK, vocês tariam dando condições pra planta se desenvolvê, crescê e se desenvolvê. (+) Agora existem as duas adubações, a orgânica e a química, né? que o adubo orgânico também tem NPK.

Doc. – Sei...

Inf. – O *adubo orgânico* (4) é aquele que você extrai diretamente da natureza é o adubo de boi, o composto orgânico, sabe o que é composto?

Doc. – ((Sorriu)) Mais ou menos...

Inf. – Composto, é assim, por exemplo, você na sua propriedade tem gado de leite ou o que for, gado... bovino ou suíno, caprino o que for... e tem o resto que você coloca da... cê tem *silagem* (6), fornece silagem pros animais, você corta capim pra servir de cama, os restos orgânicos da cozinha, da casa, então você vai arrumando isso em camadas, uma camada de adubo, uma camada de (incompreensível) uma camada de resto de cocho, o lixo orgânico dentro de casa, casca de banana, laranja, ovos, vai arrumando isso em camadas, umidece ele e vai revirando com a seqüência de uma vez por semana, de quinze em quinze dias, uma vez por mês e vai haver uma decomposição desse material, né? Através de uma forma, aí no caso aí, aeróbica com ar, com a presença de ar, a *fermentação aeróbica* (4), e ele vai

fermentar esse material e esse material vai se tornar adubo que é um composto orgânico.

Doc. – É o que você utiliza depois?

Inf. – É, não esse material todo vai virá adubo, porque as fezes dos animais não são adubos, são fezes de animais, depois que eles passam pelo processo de fermentação, aí pode ser *anaeróbica* (4) ou aeróbica, com ou sem a presença de ar, aí é que ele vai se transformar em adubo.

Doc. – Então vamos continuar, com relação ao controle de pragas e doenças, que é que você poderia dizê, eles são diferenciados... essas etapas?

Inf. – Olhe o controle de pragas e doenças, já é uma coisa... a praga e a doença geralmente aparece porque existe um desequilíbrio da natureza.

Doc. – Sei...

Inf. – Né? A formiga, o pulgão, o *ácaro* (5), as doenças das plan... da laranja, ferrugem, *antracnose* (5), essas coisas, isso tudo em decorrência de um desequilíbrio ecológico que houve na área, porque você desmatou e introduziu uma cultura.

Doc. – E o que é que pode ser feito?

Inf. – O controle, eu acho que se você trabalha com... já a parte... vamo pegá primeiro a parte orgânica, né? Cê não utiliza produtos químicos, então você preserva os inimigos naturais (+) das pragas e doenças e fazê um cinturão verde, um cinturão de mata, em volta do plantio, cê desmata uma área, por exemplo, um hectare, toda a borda dele, você deixa a vegetação natural que tinha antes, então isso já auxilia no controle de pragas e doenças. Existem agentes, insetos, organismos que você pode soltá dentro da sua cultura, pra que eles se alimente de pragas e doenças e também eliminá essas pragas, então é um *controle biológico* (5) e existem algumas fórmulas orgânicas que você faz também que auxiliam o controle de pragas e doenças e existe o *controle químico* (5) que aí seria através de herbicida, ou de herbicida o quê? *Inseticida* (5), *acaricida*, *fungicida* (5) e por aí vai. Bom, isso é aplicado através de quê? Ou você faz iscas ou você pulveriza as áreas, com máquinas ou manualmente, né?

Doc. – Sei...

- Inf. – A *pulverização* (5) e na verdade para essas... essas culturas elas são mais ou menos iguais, a única coisa que difere é exatamente a praga, né? que ela é específica da cultura; da cultura, que pode sê que você tenha, talvez, até inclusive a rotação de culturas na área, cê planta milho, depois cê planta feijão, depois cê planta mandioca, cê planta milho de novo, feijão, mandioca; isso já é uma prevenção, pro controle de pragas e doenças.
- Doc. – É, e com relação à colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto, né? É, essas... esse agrupamento que você fez das culturas aqui pode continuá, como é que vocês poderiam me descrever isso?
- Inf. – Oh, vamo pensar, as culturas... a laranja, que é uma cultura perene, você faz a colheita (+) dos frutos, que já estão em estado de maturação suficiente para serem colhidos, aí é feito uma limpeza nesse fruto, encaixotamento e vai pra comercialização. A mandioca, o feijão e o milho... o milho geralmente aqui na região é *sazonal* (2), porque o pessoal não tem irrigação, então só planta milho, essa época do ano, pra colhê pro São João, colhe como? Colhe o milho verde na sua maioria, que é pra comercializar pro São João, fazer canjica, milho... assá, cozinhá o milho, então o milho ainda num estado verde.
- Doc. – Precisa ter algum cuidado de armazenagem?
- Inf. – Geralmente, esse milho que é colhido pro São João ele quebra o milho na roça, né? traz pra... e já traz direto pra feira, ele já é consumido diretamente, ele quebra uma quantidade pra ele vendê na feira.
- Doc. – Sei...
- Inf. – Ele pode deixar uma parte amadurecê pra podê fornecê pros animais mas, geralmente é a parte que ele não consegue vendê ou seja ele tá quebrando uma mão de milho, né? uma mão são cinqüenta espigas.
- Doc. – Sei...
- Inf. – Ele levô pra feira tá sobrando, ele, na outra feira ele já vai levá menos ou mais, também depende da proximidade da época de São João, porque o milho aqui é mais pra isso, aí. O feijão é pra consumo próprio, geralmente aqui na região, ele planta o feijão pra consumo próprio, ele deixa o feijão amadurecê, ficá seco, colhe,

bate e armazena em tambor ou então em... (+) antigamente eles armazenavam naquelas cabaças que tinham grandes, a senhora sabe qual é?

Doc. – Sei...

Inf. – Umas cabaças assim imensas.

Doc. – Sei...

Inf. – Abre a cabaça, limpa e armazenavam nela... (+) o feijão, hoje em dia deve tá mais naqueles... bujão de ferro ou então de plástico.

Doc. – O que é “bate”, você disse ele bate...

Inf. – Ele bate... porque aqui o pessoal não tem a máquina de separar a vagem do feijão, do grão.

Doc. – Debulhar?

Inf. – Não, debulhá? Seria uma debulha também, uma debulhação como faz com o milho né? Que o milho quando você colhe ele com máquina ele já se separa, ele separa a palha, o sabugo, do caroço, que seria o grão. O feijão seria a mesma coisa, a máquina... cê tem uma máquina que chama máquina para batê o feijão, cê coloca ele com a vagem, o grão tá dentro da vagem, cê coloca dentro da máquina, ela limpa e separa o grão da vagem.

Doc. – Então, batê é isso?

Inf. – Só que eles não têm a máquina aqui.

Doc. – Ah, sim...

Inf. – Então que é que eles fazem? Eles chegam no terreiro, coloca a vagem seca e pega uma vara de pau e começa a batê ((fez o gesto de como é que o agricultor bate o feijão)).

Doc. – ((Sorriu))

Inf. – O milho também faz isso. Bota o milho no *estaleiro* (6) que chama, o estaleiro é o seguinte, ele faz um... ele arma um... tipo uma mesa, uma bancadazinha com quatro estacas de madeira e coloca um bocado de ripazinha no meio e bota o milho debu... sem a casca, só o... no caso a espiga de milho, que tá o grão e o sabugo, aí ele bate com a vara também e separa a espiga do grão,... ou então na mão.

Doc. – Eu sei...

Inf. – Né? E o feijão, eles fazem assim, ele bota no terreiro, pega a vara e tome a batê ((fez o gesto de novo)) bate, bate, bate até depois passa naquela, na peneira e jogando pra cima como faz com o café...

Doc. – Porque é tudo manual?

Inf. – É tudo manual, aí no caso como a casca é mais leve que o grão, a casca, o vento tira e fica só o grão.

Doc. – E a mandioca?

Inf. – A mandioca eles geralmente só retiram, só colhem aquilo que eles vão processá, no caso aqui na região de Catu, inclusive a única agroindústria que existe no campo é a produção de farinha de mandioca.

Doc. – Sei...

Inf. – Eles colhem o suficiente pra ele fazê aquela quantidade de farinha já determinada, que é mais ou menos o que ele consegue vendê, ele vai ao campo, quebra a parte aérea da planta, que seria a manaíva e as folhas, que inclusive eles não aproveitam, joga fora, fica por lá mesmo, retiram as raízes, quebram ela do caule, aí coloca nos cacoás, aqueles cacoás que bota nos animais e leva pra casa de farinha, lá eles limpam, depois descasca, raspa ela toda, aí vai triturá e fazê o processo pra fazê farinha mesmo.

Doc. – Então aqui é dessa forma que deve ser feito?

Inf. – Tudo manual...

Doc. – Mas aqui na região é...

Inf. – É tradicional...

Doc. – É tradicional e manual?

Inf. – Manual.

Doc. – Veja bem...

Inf. – Agora, as hortaliças é que teriam uma diferença que... colhe geralmente o que vai vendê no dia também.

Doc. – Sim...

Inf. – Eles colhem, amarram em molhos, que tem diferença, tem o molho da feira e o molho do supermercado.

Doc. – Sei...

- Inf. – O molho de supermercado, ele é menor do que o molho da feira.
- Doc. – Ah, sei...
- Inf. – E na feira geralmente eles agrupam, por exemplo o coentro, a salsa e a cebolinha, num molho só e no supermercado não, botam tudo separado.
- Doc. – E tem algum cuidado com pré-resfriamento, acondicionamento e transporte?
- Inf. – Aqui na região ninguém tem esses cuidados, porque...
- Doc. – Mas esses cuidados devem ser tomados?
- Inf. – Devem ser tomados...
- Doc. – Quais são os tomados?
- Inf. – No caso...
- Doc. – ...os cuidados que devem ser tomados?
- Inf. – Se você vai levá esse material, no caso aí seriam hortaliças, né? que seriam resfriadas, pra um local mais distante...
- Doc. – Sim.
- Inf. – ...que geralmente prossora, as hortaliças... onde é que ficam as hortaliças? Chamam o cinturão verde em volta da cidade, cê não acha, o cara não planta a horta a vinte... a cem, duzentos quilômetros de onde ele vai vendê, geralmente... porque, primeiro que ele não tem nem transporte, se for uma horta... comercialmente falando, eu tô falando a uma coisa mais ligada ao produtô que a gente tem aqui na área...
- Doc. – Sei...
- Inf. – A gente não acha esse produtô que plante hortaliças para mandar pra Salvador, por exemplo, aqui que eu conheço, um só né? que faça isso, ele colhe pra mandá pra Salvador, aí sim ele lava...
- Doc. – E quais são os cuidados que devem ser tomados?
- Inf. – Ah sim, aí no caso, você falando tecnicamente, você teria no caso só da hortaliça, porque da laranja, milho, feijão e mandioca não vai resfriá, as olerícolas mesmo assim algumas delas que seriam resfriadas, praticamente nenhuma prossora.
- Doc. – É?
- Inf. – Porque folha se você resfriar, queima.
- Doc. – E para acondicionar? E transportar?

Inf. – Ah, tudo bem, você resfriaria ela, você faria a colheita, a limpeza, a amarração nos molhos, aí fazia uma lavagem em água clorada, *acondiciona* (6) em caixas, daquelas caixas de grade, né? Aí pode resfriar no armazenamento, *armazenar* (6) resfriando, quando for comercializar, vai em caminhão... naqueles baús frios.

Doc. – E pra transportar eles vão nessas caixas?

Inf. – É, vão na caixa...

Doc. – Tá bom...

Inf. – Mas aqui ninguém... aqui na região é tudo manual, a gente tá produzindo farinha ainda na época do descobrimento.

Doc. – ((Sorriu)) Tá bom, então eu agradeço a sua colaboração.

Inf. – Tá às ordens.

## INFORMANTE II

Doc. – Oh, vou lhe explicar exatamente o que é que cê... ((sorriu)) estamos entrevistando o informante II é... (+) informante técnico, é...técnico ex-aluno da Escola Agrotécnica de Catu. Osvaldo, é... eu vou dá pra você as etapas do plantio e você vai descrevê pra mim como é que você trabalha com o homem do campo na hora que você vai passá as informações técnicas, por exemplo com relação ao preparo do solo?

Inf. – Bom, a orientação nossa é que eles façam o preparo do solo, hoje, com maquinários e também que se faça a *análise do solo* (1), caso eles utilizem adubação. Então veja só, o trabalho que nós desenvolvemos aqui é justamente pra incentivar essa parte do uso de máquinas.

Doc. – Hum...

Inf. – Pra podê adiantar, porque hoje o pessoal tá tendo uma dificuldade maior com relação de mão-de-obra para prepará o solo, então, a prefeitura tá dando essa cessão de maquinário, pra que eles preparem o solo. Então basicamente hoje nós orientamos de uso de máquinas, certo? Raramente em algumas propriedades o pessoal faz o uso de aração com *tração animal* (1).

Doc. – E como é que cê faz a questão de derrubada, por exemplo, se o terreno ainda tivé com a mata né? Como é que você utiliza isso?

- Inf. – Veja só, nós aqui não temos tido esse tipo de problema, porque infelizmente a maioria dos lugares hoje aqui em Catu, que nós trabalhamos já são áreas sem matas, que eles tão trabalhando, então são áreas que eles já têm feitas, há algum tempo, já derrubou mata, então eles tão trabalhando sempre naquelas mesmas áreas, então nós não estamos aqui abrindo novas fronteiras, certo?
- Doc. – E quando cês vão fazê a limpeza na área, que tipo de informação você daria pra ele?
- Inf. – Bom, a informação que nós damos quando vai fazê uma limpeza da área é principalmente com relação a queimadas, não é? A preocupação é que o pessoal não utilize a queimada como rotina, para podê se vê livre daquele *material orgânico* (4), a gente diz, orienta eles que, caso realmente exista necessidade, que ele faça os *aceiros* (1) pra tê o cuidado de evitá que o fogo se propague e faça o monte né? Por exemplo, pra podê a queimada ser controlada, não ser um negócio à toa, então normalmente a gente orienta eles com relação à queimada. O preparo do solo, por exemplo, na hora que... quando eles usam o trator, eles pedem que a gente deixe por trinta dias, pra que primeiro, faz a aração, trinta dias mais ou menos eles esperam pra que haja uma decomposição mediana da matéria orgânica e depois com a grade, seja incorporada ao solo. Quando eles fazem a manual é que eles faz a queimada, fazem o fogo.
- Doc. – E depois manual depois que eles fazem a queimada, tem que fazer alguma coisa, questão da destoca por exemplo?
- Inf. – Eles fazem... é como eu disse a você, normalmente essas áreas já são áreas limpas que não estão fazendo destocas.
- Doc. – É, veja bem, (+) as... (+) é... (+) as culturas que foram selecionadas aqui na região de Sítio Novo foram milho, mandioca, feijão, laranja e olerícolas, então eu queria que você falasse pra mim um pouquinho sobre o plantio, levando em consideração mais ou menos estes tipos de culturas, (+) como é que você passaria isso para...?
- Inf. – Oh, eu gostaria inclusive de acrescentar mais um aí, que apesar de não tê um valô econômico expressivo mas, ele em determinada época do ano participa de forma efetiva da economia de alguns produtores rurais, que é o amendoim...
- Doc. – Certo, nessa época de...

Inf. – É, nessa época de março até agosto, nós temos a safra do amendoim que isso é significativo no bolso dos agricultores e que é quando eles tiram a cultura do amendoim e entram com a mandioca...

Doc. – E como que você orienta, os orienta... com relação a este plantio?

Inf. – Bom, a questão da mandioca, a questão da mandioca, ela... eles ainda têm resistência com relação à introdução de algumas novidades na área do plantio: uma das recomendações que a gente diz sempre a eles é que eles não plantem... normalmente Catu como tem o *relevo acidentado* (1), eles têm a tendência de plantá morro abaixo ou seja, as fileiras descendo o morro, quando nós orientamos que eles faça as *fileiras transversais* (2) pra diminuir o impacto das águas, né? Então uma das coisas que nós sempre estamos orientando eles é com relação a isso... outra coisa no implante da formação da cova, uns plantam com cova, outros plantam em *camalhões* (2) e aí ele discute muito isso, a gente procura mostrá a eles que na realidade não tem uma significação maior uma e outra, é sempre aquela que seja melhor utilizada por eles e mais fácil de ser trabalhada, tá certo? Com a questão ao tamanho das manivas, as manivas, eles... (+) quando retiram, que armazenam eles não têm um determinado cuidado com as manivas, então nós orientamos a eles que, ao tirar as manivas que vai ser pra reprodução, elas devam ser tratadas melhor, não deixar elas exposta ao sol, deixar sobre o sombreamento, certo? Sempre cobri elas para que elas possam armazenar energia e ter condições de brotar. E o tamanho também, o tamanho, normalmente, eles botam o tamanho muito grande, a gente recomenda que ele bote um pedaço de maniva que tenha mais ou menos umas quatro *gemas* (2), gemas viáveis, isso vai dar em torno de mais ou menos dez a quinze centímetros de tamanho da maniva, tá certo?

Doc. – Com relação à marcação, como é que você orienta a questão da marcação?

Inf. – A marcação... a *marcação* (2) é o seguinte, nós... é... inclusive esse experimento que nós fizemos há pouco com a EBDA e a EMBRAPA é justamente pra mostrar a eles dois aspectos: não só a questão da adubação, como também a parte de marcá, de fazê as covas, de fazê os camalhões certo, por quê? Porque a gente observa que dentro de uma área, de uma mesma área, onde a gente planta dentro de uma técnica, obedecendo uma certa distância, uma certa marcação, o

aproveitamento da área é maior, então nesse experimento mesmo, nós mostramos a eles que (incompreensível) numa área eles tão tendo uma perda de quase vinte por cento, então é uma perda grande, perda que a gente fala de aproveitamento de área, então eles têm que procurá fazê *balizamento* (2) corretamente pra que ele não haja perda dessa área, porque de qualquer forma, ele tem plantado cinco tarefas, mas na realidade quanto é que significa cinco tarefas? Vinte por cento, não é isso? Então ele perde vinte por cento só em área, ele já perde vinte por cento, só em área, então nós tamo mostrando a ele, que se ele está fazendo o plantio com balizamento, fazendo a coisa corretamente, eles vão ter só em área um ganho de vinte por cento.

Doc. – Tá bom, então vamos continuar, cê falô da mandioca, né?

Inf. – Da mandioca... bom, a questão do feijão, o feijão é uma agricultu... é uma cultura que nós estamos também procurando desenvolvê na região principalmente porque é uma fonte de... não só uma fonte de renda, como também de alimentação pro nosso povo, como é que nós estamos trabalhando eles? Nós estamos procurando mostrar a eles, que existe essa importância dessa cultura e que ela também deve sê trabalhada dentro de uma técnica, pra que eles obtenham resultados. Dentro da mesma maneira como a mandioca, nós procuramos adotar uma técnica que seja capaz de viabilizar a parte econômica dessa cultura, o que nós fazemos? Voltando a questão do relevo, nós temos também o problema do relevo, aí o que acontece é o seguinte, a gente sabe, a gente procura explicá a eles que a maneira como eles plantam, que eles dizem de morro abaixo, é uma maneira que não está... que não torna viável, porque pode não haver a questão da erosão e pra que eles possam fazê o plantio e que venha a resultá em frutos pra eles, eles devem ter alguns princípios básicos como por exemplo a questão de curva de nível, quando a gente chega na questão da curva de nível, eles têm dificuldade de entender porque as ondulações, porque as curvas, né? E aí nós procuramos explicá a eles que essa curva de nível ela vai deter a força da água, quando ela está descendo o morro e também facilitá o trabalho dentro da própria cultura, porque aí permite que o agricultor não trabalhe só em linhas diretas, mas que ele possa realmente evitar a erosão, então ele pergunta o que é a erosão? A gente fala pra ele, a erosão é os

buracos que a água provoca dentro da camada do solo. Então essa dificuldade nós temos tendo porque, o nosso agricultor aqui em Catu, ainda, infelizmente, nós temos vivendo há cinquenta anos atrás, então a dificuldade que nós temos de transmitir a eles essas tecnologias que todo mundo já conhece, pra gente nós temos tendo dificuldade ainda porque nossa agricultura não é modernizada. Também, a questão da adubação, existe uma cultura, isso aí entre aspas, entre eles, de alguns até adotarem a adubação, mas eles fazem apenas pela cabeça deles, chega na casa comercial e dizem ‘eu quero tal adubo’, normalmente eles dizem o que chamam de dez-dez, que seria nitrogênio e fósforo, mas eles não sabem nem o que é isso, pra que serve, de que maneira vai melhorar e como usar, então nós procuramos sempre dizer a eles o seguinte que no preparo do solo, fez a gradeação e fez... (+) ele tem que observá e fazê a análise de solo e aí nós procuramos explicá também o que é analisá o solo, agora veja bem. Você que, você qu’eu diga...(incompreensível).

Doc. – Vamo continuá...

Inf. – Bom, basicamente a cultura da laranja, na cultura da laranja, é... que hoje nem muita gente tá plantando em Catu, mas os que pouco plantam, a gente procura sempre orientá a eles... têm mudas de boa qualidade e dizê a eles que as mudas selecionadas são as mudas de melhor qualidade. Com relação ao preparo do solo... da laranja como toda e qualquer cultura, nós procuramos dizê a eles que essa cultura precisa de tê um certo ordenamento, aí o que nós falamos que ele deve ser plantada fazendo um balizamento, né? O balizamento, pra que a cultura tenha um ordenamento dentro do solo. Primeiro, pra ele ganhá o máximo possível, botá o máximo de plantas possíveis dentro da área; segundo respeitá o espaçamento entre as árvores; terceiro, facilitá... facilitá o trato cultural na área, então como nós falamos essas questões de balizamento, trato cultural, adubação do solo, *adubação foliar* (4), a gente sente neles alguma dificuldade de compreensão e nós temos que transformar essa parte técnica de maneira que eles venha compreender com mais facilidade, que muitas vezes que você fala apenas uma palavra técnica, e não transforma essa palavra técnica, no vocabulário dele, ele nunca vai dizer que ele não entendeu, ele sempre vai dizer que tá tudo certo, que tá entendido e se você não procura fazê essa transformação, cê pode ter certeza que a frente, cê vai

encontrá o erro porque eles não... por motivo de vergonha, a realidade é essa, eles não procuram sabê o que é aquela palavra, então eles aceitam, ouvem e diz já sei o que é, mas na realidade muitos deles não sabem.

Doc. – Então fale pra mim como seria o plantio do milho?

Inf. – Milho. O milho, o nosso produtor rural tem uma crença aqui muito deficiente, porque eles hoje plantam, eles tavam plantando, aliás, tavam plantando milho com espaçamento de um metro entre pés, o espaçamento entre linhas, eles tavam plantando, até corretamente, em torno de cinqüenta centímetros, cinqüenta a oitenta centímetros, mas entre linhas...

Doc. – E como é que deve ser feito?

Inf. – Entre linhas, eles tavam plantando com um metro, nesse caso o plantio de milho também faz o preparo do solo, análise do solo pra se fazê a adubação, caso necessário, e ele pode tê um espaçamento de vinte centímetros, então nós dizemos a ele que o espaçamento onde ele pode obtê uma cultura economicamente viável seria de vinte centímetros, por que isso? Porque nós tamo mostrando nas pesquisas, já também mostramo a eles... que na prática como funciona e a forma do plantio, então o que eles tinham na mente é que eles botavam uma enxada de distância ou seja na hora que ele batia a enxada no solo, era mais ou menos um metro de distância e ele fazia a cova e plantava o milho, então na parte técnica a gente dizendo a ele que tem que encurtar, diminui o espaçamento porque o efeito positivo será...

Doc. – Maior...

Inf. – Melhor, tá certo?

Doc. – E com relação às olerícolas... vamo falá um pouquinho sobre as olerícolas, agora.

Inf. – Bem, a questão de plantio de olerícolas, a orientação que nós fazemos para os produtores rurais é que... o importante é que eles saibam escolhê as áreas, evitá as áreas muito encharcadas e procurarem sempre trabalhar com o solo de boa qualidade. Existe alguma resistência de alguns produtores de trabalhá olerícolas em algumas...em algumas... em solo de declividade leve, porque eles acham que só se planta olerícolas, se planta hortaliças na... em áreas planas porque eles acreditam que fica mais fácil, mas a gente sempre procura mostrá a eles, que se

nós adotarmos também as técnicas de curva de nível na confecção dos canteiros, nós podemos também fazer um plantio sem prejuízo. Então na questão do preparo dos canteiros, observando sempre essa questão como já falei, a parte de umidade, evitá a umidade excessiva, fazê o levantamento do canteiro, respeitando uma altura que permita à planta se desenvolvê, no caso aí, nós consideramos em torno de vinte centímetros de altura, por um centímetro... por um metro de largura e variando o tamanho dos canteiros, em média com dez metros de comprimento. Algumas culturas que são feitas em plantio definitivo, nas linhas, o orientação é feita pra que ele procure fazê um plantio definitivo, mas que ele não esteja muito próximo de uma planta a outra. Aquelas plantas que precisa de ter, de serem transplantadas também a gente procura sempre orientá eles com relação ao espaçamento, não só entre linhas como também entre plantas, como por exemplo o alface que eles utilizam bastante, por exemplo, já o coentro eles utilizam praticamente sem espaçamento, o *espaçamento entre planta (2)* é quase nenhum justamente pra facilitá a colheita .

Doc. – E deve ser sem espaçamento mesmo?

Inf. – É, entre plantas, deve ser sem espaçamento.

Doc. – Certo...

Inf. – Porque ele vai distribuindo a semente no canteiro com o dedo e ele não tem o espaçamento definitivo, quando a planta cresce, que ele corta, ela sempre vai rebrotando, depois, então não há necessidade, na realidade isso é um ganho que eles têm inclusive de área, não é? Porque eles acrescenta mas, por exemplo nós sabemos que o couve ele não precisa de ter um canteiro, ele precisa têm uma área destinada a ele e que ele pode preparar esse solo e plantá, *transplantá (2)* o couve do canteiro, onde ele foi plantado, na *sementeadeira (2)* e ele ser transplantado pra área definitiva, aí sim respeitando-se os espaçamentos pra ele possa realmente crescê, que o tamanho do couve, gira em quase de um metro né? chega a parte de um metro.

Doc. – E com relação ao milho, que é que você poderia falá pra gente?

Inf. – Não, o milho como eu já disse, a questão é o preparo do solo que ele tem que sabê fazê um preparo do solo perfeito, um bom destorramento prá que a semente não

fique pressionada por um torrão maior, então quando ele trabalha com a máquina não fazê um aprofundamento do disco demais porque senão a planta tem dificuldades e também fazê um bom destorramento com a grade, posteriormente ele... se ele plantá, ele plantando milho, a semente ele procura fazê um plantio utilizando em torno de três sementes por cada área, que ele planta, obedecendo um espaçamento de vinte centímetros entre plantas, em torno de oitenta centímetros entre linhas, o que nós procuramos mostrá a ele é que com esta...esta... este espaçamento vai facilitá o trabalho de trato cultural porque eles acham, que se eles aumentarem o espaçamento tá mais fácil pra eles, mas nós mostramos que aumentando o espaçamento existe perda de área, conseqüentemente a *produtividade* (6) vai caí e isso é fundamental... também observá o seguinte em áreas em declive, plantá obedecendo uma curva de nível pra que eles possam também fazê a contenção das águas, pra evitá que haja a erosão, tá certo? A época do plantio do milho aqui, eles plantam o milho só em uma oportunidade, que é o milho para fornecê pro São João. Nós não temos aqui a cultura de plantá o milho para colheita dos grãos e sim de milho verde, então a época do plantio aqui normalmente vai... inicia-se, em março e a colheita, em junho.

Doc. – Fale um pouquinho pra mim sobre o amendoim, que você disse que é uma cultura bastante desenvolvida, né, na região.

Inf. – O amendoim, nós...eu chamei a atenção sobre o amendoim porque aqui em Catu nós temos realmente grandes áreas do plantio do amendoim, haja vista a quantidade de sementes que nós distribuimos durante esse período, então você veja o seguinte, o amendoim ele entra realmente na receita de alguns produtores nós temos algumas regiões que são... como dizê assim? Produtoras, onde o pessoal mais cultiva que é a região de... um pouco de Sítio Novo, Panelas, Bolandeiras e alguma área de Estanques, o pessoal que faz o plantio do amendoim. Essa cultura aqui também, nós orientamos eles a tê um segmento próximo do feijão, a parte, a questão do preparo do solo, a questão da adubação, que normalmente eles usam orgânica. É... o espaçamento entre plantas, porque a cultura do amendoim ele precisa, ele...como ele dá na raiz ele precisa tê um espaço maior não é? aí o que é que acontece? Normalmente eles fazem, a gente orienta pra eles façam os sulcos e

dentro desses sulcos eles possam ir chegando terra pra que possa a planta crescê com bastante...

Doc. – Vitalidade?

Inf. – Vitalidade, certo?

Doc. – Veja bem... hum...

Inf. – Então, com relação a esses *sulcos* (2), a gente também orienta eles que não se faça muito profundo porque nós procuramos dizê a eles o seguinte: que o plantio em sulco facilita, primeiro porque sai um ordenamento, a planta saí bem... o plantio sai ordenado, não existe entre e sai dentro das fileiras, apenas eles mantêm um ordenamento né? E com o sulco facilita o trabalho deles, pra que eles possam também realizá a colheita da planta.

Doc. – Veja bem com relação a tratos culturais nós temos a capina né, a limpeza, fale um pouquinho dessas questões até que cê já falô no início no preparo do solo, tem alguma coisa específica dessas culturas.

Inf. – Tem...

Doc. – Que podem sê...é...?

Inf. – Tem, no caso o seguinte: a mandioca, a mandioca nós orientamos a eles fazerem dois tratos culturais ou três a dependê da época, quais são esses tratos culturais basicamente? Seria a capina da área o... a... juntando esse material orgânico no pé da planta, também, realizá o *controle sanitário* (5), caso haja necessidade e também a gente procura fazê... (+) também é só, então basicamente nós temos na mandioca a capina, certo? Porque eles já plantam num espaço adequado que não existe intervalo.

Doc. – A capina é manual ou é...?

Inf. – A capina é manual, todos eles fazem a *capina manual* (3)...

Doc. – Com a enxada?

Inf. – Com a enxada.

Doc. – E com relação a poda? Existe poda nessas culturas aí...

Inf. – Poda... a poda é utilizada na laranja, a laranja quando ela já está com uns dois, três anos normalmente pra que ela... ele mantenha o crescimento dela controlado, orientamos que seja feita a *poda* (3), uma poda onde também haja o

direcionamento do crescimento da planta, então na realidade nós orientamos a poda desde a planta nova pra que ele oriente não só o crescimento, como também o tamanho da copa da planta, certo? Então na laranja nós observamos esse trato, além da poda e pra o controle do crescimento da planta e também do tamanho da copa, é feito também a capina, que é a limpeza da área, pra evitá que o mato, que ele se estabeleça.

Doc. – E pra fazê essa poda, que tipo de *instrumentos agrícolas* (3) são utilizados?

Inf. – Bom, aqui em Catu, a maioria deles utilizam... utilizam... a enxada, quando o plantio não é grande, mas utilizam a máquina, normalmente a roçadeira quando o plantio já se estende a mais de três ou quatro tarefas, a dependê do plantio ele pode utilizá... ele usa a enxada, que é uma mão de obra familiar.

Doc. – No caso da limpeza...

Inf. – No caso da limpeza, ou então usam o maquinário com roçadeira.

Doc. – E no caso da poda?

Inf. – Não, aí eles utilizam, como é que diz, o material próprio da poda, os *podões* (3), o serra, o serrotzinho pra fazê a poda.

Doc. – Veja bem, Osvaldo com relação a enxertia, que tipo de... nessas culturas aí como é que é feita a enxertia?

Inf. – Nós não produzimos mudas... o produtor, ele compra a muda da laranja pronta onde nós poderíamos fazê aqui o implante, fazê essa enxertia seria na laranja..., só que nós já compramos a muda pronta, a enxertia nós não temos aqui produtores que forneçam mudas de laranja.

Doc. – Tá bom...

Inf. – Nós já compramos as mudas prontas.

Doc. – Prontas pra usar?

Inf. – Prontas pra o plantio...

Doc. – É... com relação a escarificação, nessas culturas aí, que tipo de cultura é utilizada?

Inf. – A escarificação, ela nesse caso aqui nosso, ela é utilizada apenas numa cultura permanente, que é a laranja, quando o terreno já está compacto, nós orientamos ele, fazê essa escarificação, arejar o solo, né? Então nós procuramos dizê a ele o seguinte: que há um momento que ele escarifica o solo, o solo... vai sê possível

oxigenar mais, ocorrerá uma maior quantidade de oxigênio e conseqüentemente a planta vai melhorar a absorção dos elementos. Outra coisa que a escarificação também, nós mostramos pra eles é que com essa escarificação, a absorção dos... da adubação química e orgânica também ela se faz com maior, ela se faz com maior perfeição.

Doc. – E essa adubação, digamos, indo então para adubação, tipo de adubo é que utilizado nessas culturas?

Inf. – Na maioria hoje é utilizado, a exceção das olerícolas, nós temos por exemplo na laranja, nós temos... eles fazem adubação orgânica normalmente no plantio e posteriormente eles fazem... eles fazem adubação química (incompreensível) adubação como eu lhe disse na parte da laranja, tendo feito a adubação orgânica e química normalmente no plantio, após ao plantio é... e feito posteriormente a *adubação de cobertura* (4).

Doc. – É...veja bem, voltando à questão dos tratamentos culturais, como é... o que é amontoa, como é que é feita a amontoa...? na hora que você vai conversar com eles?

Inf. – A amontoa, nós dizemos o seguinte, que o produtor rural ele ao fazer a limpeza da área, aquilo ali é matéria orgânica, então o que ele deve fazer com aquele material, é normalmente ele deixar sobre o solo, em forma de linhas pra'quele material se decomponha e ele possa aproveitá-lo como adubação orgânica, tá certo?

Doc. – E o desbaste?

Inf. – Bom, o desbaste nós usamos normalmente... ele é utilizado, orientamos ele a utilizá-lo, quando... principalmente no caso de olerícolas, quando você faz o plantio, normalmente o plantio de algumas plantas que são definitivas e que... por exemplo, cenoura, quando ele tá plantando cenoura, que o plantio saiu muito denso, ou seja saiu muitas plantas dentro de uma pequena área, a gente orienta pra que ele faça o desbaste e o desbaste, de que maneira? Ele tem que retirá-las aquelas plantas consideradas mais fracas pra que aquela planta que fica, ela possa se desenvolvê-las bem.

Doc. – Bem, Osvaldo, com relação ao coroamento, como é que você passa esta questão de coroamento para o produtor rural?

Inf. – Bom, nós utilizamos normalmente o coroamento nas culturas permanentes e orientamos eles que esse coroamento é importante, porque é como dizemos a eles que é a limpeza do pé da planta, então esse coroamento serve pra você abrir o pé da planta, a raiz, pra que ela fique livre do mato, então normalmente a orientação é pra que faça o coroamento e deixe normalmente em volta da... mais ou menos em torno da copa da planta. Esse coroamento ele faz mais ou menos em volta da coroa da planta, ele tem como base a....

Doc. – A copa...

Inf. – A copa da planta, que é justamente quando ele vai usá esse coroamento pra fazê também a adubação de cobertura.

Doc. – É, nessa região aqui é utilizado muito herbicida?

Inf. – O herbicida aqui normalmente não é utilizado nos plantios nosso.

Doc. – Mas quando você vai... se você vai... é... a... o objetivo do herbicida seria o quê?

Inf. – Veja só... alguns produtores rurais eles têm dificuldade de mão-de-obra, nesse momento o que a gente observa que ele tem dificuldade de mão-de-obra, nós orientamos a ele utilizá o herbicida, o herbicida considerando sempre, a gente procura orientá ele que considere sempre o tipo de planta que tá sendo utilizado pra usar o herbicida de maneira correta, não só pensando na planta como também pensando em quem está aplicando e aí nós orientamos que ele deve tê sempre a proteção ideal, como usá o macacão, luva, máscaras, um chapéu pra protegê, deixá o menor possível da parte do corpo descoberto, pra evitar uma intoxicação e nessa aplicação de herbicida eles observarem também como a questão de segurança pessoal o... é... na aplicação, evitar está contra o vento e também nessa aplicação do herbicida eles saberem utilizá o herbicida no momento certo, não deixá a planta em crescimento demasiado, nem também utilizá a planta com crescimento muito pequeno, porque se não o custo seria muito alto.

Doc. – Com relação, voltando à questão da adubação, é... tem algum é... adubo né, que é próprio para ser utilizado na plantação de qualquer uma dessas culturas que foram selecionadas?

Inf. – Como eu lhe disse, a questão da adubação, o pessoal que trabalha com olerícolas, elas trabalham..., a gente orienta o trabalho basicamente adubação orgânica,

utilizando o quê? Utilizando o esterco de galinha ou de gado, gado bovino, basicamente a parte orgânica de adubação utilizada nas olerícolas é a base de esterco de galinha e de gado bovino, (+) muito pouco de adubação química é utilizado aqui, na parte dessa..., quando eles fazem adubação química, eles fazem adubação química foliar, pra essas culturas folhosas e aí eles normalmente utilizam a uréia, como precursor do crescimento dessas folhas.

Doc. – É, vamo vê a questão da pulverização... eles...

Inf. – Deixe eu aqui trabalhá as outras culturas...

Doc. – Ah, sim...

Inf. – A adubação das outras culturas: a mandioca, a mandioca quando nós iniciamos trabalhá aqui, eles trabalhava apenas com dois tipos de elementos, que seria o nitrogênio e o fósforo, nós procuramos mostrá a ele que nem sempre adubá, usá a adubação química, ela surte o efeito desejado e procuramos mostrar a ele que se ele trabalhar só com o fósforo, com o elemento fósforo, o rendimento dele vai sê igual ou maior ao que ele tá usando, também utilizando o nitrogênio e o custo dele vai sê menor. No caso do feijão, do milho e do amendoim fazê... orientamos eles sempre a fazê uma adubação no plantio e uma adubação de cobertura, mais ou menos trinta dias após o plantio, trinta a quarenta e cinco dias após o plantio, a dependê do desenvolvimento da planta.

Doc. – Como é a adubação de cobertura?

Inf. – A adubação de cobertura é aquela adubação que é feita diretamente no solo, em cima do solo, então a dependê da planta e o que nós desejamos com ela, nós vamo utilizá (+) ou o fósforo e o potássio ou apenas o fósforo, certo? O nitrogênio normalmente a gente utiliza só na base, não fazemos de cobertura.

Doc. – Então, com relação ao controle de pragas e doenças como é que é feita a pulverização?

Inf. – Bom, questão de pragas e doenças, no caso do milho, feijão e amendoim, na ocorrência de pragas nós orientamos eles utilizarem inseticidas e como nossas culturas não são culturas de grande... como nossa cultura aqui não são (incompreensível) eles usam... é recomendado utilizar o *pulverizador costal* (5).

- Doc. – Tem alguma recomendação quando ele vai utilizar o pulverizador costal, que deve ser passada pra ele?
- Inf. – Sim, a recomendação são aquelas mesmas que nós passamos para o uso do herbicida, a proteção individual: macacões, luvas, chapéu, máscara e evita contato direto com o... a *calda do inseticida* (5), evita também aspirar o vento que está levando o inseticida, evita crianças, evita fumá, então são essas precauções que nós sempre orientamos eles e ao terminar de fazê o uso da pulverização, lavar o equipamento, tomar banho e lavar as roupas.
- Doc. – Hum... vamo vê a questão dos defensivos, dos inseticidas e fungicidas, não é? que eu acho que estão todos na mesma...
- Inf. – É, os *defensivos* (5) no caso inseticidas e inseticidas, eu falei... fungicidas recomendamos apenas pra as laranjas, quando elas tiver apresentando a incidência de *fungos* (5). Nós normalmente costumamos orientá eles é... utilizá o menos possível desses defensivos, que... dizemos a eles o seguinte: que é fácil eles realmente trabalharem com inseticidas, com herbicida, mas procurá sempre agredir o mínimo possível a natureza, então é uma preocupação que nós temos também com o meio ambiente, a destinação das embalagens, então a gente procura sempre dizê a eles que trabalhem com a parte orgânica, evitando que haja esta *contaminação do plantio* (5), agora, eu gostaria também de chamar a atenção duma questão sobre pragas, nós temos um problema muito sério de formigas, aqui em Catu, que ataca principalmente a mandioca, o feijão, a laranja, quando nova, e o milho, aí é uma *praga* (5) que infelizmente tá difícil o controle, porque o agricultor ele, apesar das orientações, por uma questão financeira, ele não está utilizando de maneira correta o combate à formiga.
- Doc. – E não tem nenhuma prevenção que pode ser feita antes do plantio?
- Inf. – Tem, a *prevenção* (5) que pode ser feita é a gente tratar todos os formigueiros, todas as panelas de uma maneira uniforme, então a orientação que nós deixamos pra eles é que ele trabalhe todos os olhos de formigas, onde tem formigueiro, utilizando normalmente ou a pulverização, polvilhando os formigueiros, ou utilizando iscas, mas a dificuldade nossa nessa absorção desse conhecimento é uma... é uma questão financeira, porque eles não utilizam, eles não têm a condição

financeira de comprar o *formicida* (5) em quantidade suficiente pra atacá todo o formigueiro, eles ficam utilizando paliativos e paliativo não resolve a situação, permanece, então é uma dificuldade que nós temos e que...

Doc. – Prejudica, né?

Inf. – ...apesar deles entenderem... já entenderem que é uma necessidade fazê isso, mas prejudica o andamento dos trabalhos.

Doc. – Veja bem, com relação à colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto, que é que cê pode falá pra gente quanto às culturas que foram selecionadas?

Inf. – Bom, milho como já disse, o milho, a colheita dele é feita mais ou menos três meses, depois de plantado, ocorre na época de junho, a julho para atendê ao mercado de milho verde, né isso?

Doc. – É manual?

Inf. – A colheita é manual, então a colheita é feita de forma manual, eles acondicionam normalmente em cacoás e eles transportam esse material para a feira livre, então a colheita é feita: a manual se coloca em cacoás, no lombo de animais, é transportado pra casa e muitas vezes eles vêm de caminhão para a feira, né? para vendê o material. Com relação ao amendoim, o amendoim no caso eles fazem a colheita também manual, fazem a limpeza da... (+) da... (+) fazem a limpeza da vagem do amendoim, tiram a terra, né? Tiram a parte de folha, a parte de terra, alguns deles vendem o *amendoim in natura* (2) para terceiros comercializar, enquanto outros faz todo o processo da cadeia do amendoim, ele planta, ele colhe, ele beneficia e ele vende. A mandioca, a colheita também é manual utilizando nesse caso já instrumentos que pode ser enxada, eles arrancam, levam pra... também no lombo de animais, ou de carros, ou em carros, eles levam para a propriedade e lá eles fazem o *beneficiamento* (6), limpeza, fazem o trabalho com farinha, a produção de farinha e também prá produção de beijus, aqui em Catu, basicamente utilizam a mandioca pra produção de farinha. O feijão, o feijão também a *colheita* (6) é manual, normalmente existe a colheita do feijão verde, que o *feijão* plantado aqui é aquele tipo *macaçá* (2), pra colhê verde.

Doc. – Tipo o quê?

Inf. – Tipo macaçá.

Doc. – Certo.

Inf. – Aquele feijão verde.

Doc. – Maçacá é o nome técnico?

Inf. – É... não, é o nome vulgar, é o feijão de corda que eles conhecem como feijão de corda, normalmente esse feijão eles colhem pra vendê verde, então ele praticamente, o único beneficiamento que eles fazem no feijão é a retirada das ramas, das folhas e fazem pacotes em amarros, eles amarram em pacotes e vendem na feira.

Doc. – Então é uma forma de armazenagem ?

Inf. – É, a forma de armazenamento, exatamente. A laranja, a laranja também aqui... é feita, é colhida manualmente colocada em caixas de plástico, alguns vendem diretamente ao consumidor transportando esse material pra feira livre ou eles vendem para intermediários, vendê em grandes centros comerciais. As olerícolas, as olerícolas também são colhidas de forma manual, cada uma da cultura tem um procedimento próprio por exemplo... os... o coentro é vendido em molhos, o alface normalmente vendido em amarros de duas plantas, o couve também é colhida as folhas e normalmente as olerícolas não sofrem maior beneficiamento e também são vendidas diretamente no comércio pelo produtor ou por terceiros.

Doc. – Se essas culturas, né, essas culturas que foram selecionadas digamos elas fossem ser vendidas para as empresas, esses também seriam os cuidados técnicos que deveriam sofrer?

Inf. – Veja bem, nós sabemos o seguinte que quanto mais beneficiamento você obtém na planta, menor perda nós vamos tê, como nossa produção aqui não é uma produção de uma escala comercial muito alta, normalmente são esses tratos que eles dão, esse beneficiamento que eles dão, mas nós sabemos também que é importante mostrá a eles que uma das etapas de conservação da planta, vai fazê com que eles, conservação que eu falo depois de colhida, então ele colheu, ele tem que procurá preservá a sua planta, então ele tem que fazê a limpeza dessa planta, tirá se possível, as folhas que estão estragadas, fazê uma limpeza na planta, né? tirá as folhas estragadas, fazê... limpá essas folhas, fazê o amarramento, amarrá elas em molhos e em alguma etapa quando a produção é grande, a informação que se passa

é que eles deve transportar para os grandes centros comerciais, transportá em caminhão fechado e se possível sob resfriamento, para que não haja perda dessas plantas pra que elas possam chegá no centro comercial em bom estado pra que o consumidor goste de comprar a planta, tenha a satisfação de comprá, porque mostramos a ele o seguinte, se ele colhe a planta vai chegá ao consumidor normalmente com vinte e quatro horas, ao consumidor, então a planta normalmente é colhida pela manhã, ela sofre beneficiamento, ela é transportada pro centro comercial, vai estar a disposição do consumidor mais ou menos de doze a vinte quatro horas, isso já estaria com a planta comprometida, então com o uso do resfriamento, a planta manteria suas qualidades sem mostrar um definhamento, sem mostrar um murchamento da planta.

Doc. – Veja bem, Osvaldo é... eu gostaria de lhe agradecê pela colaboração que você nos deu, a oportunidade de trazê essas informações e queria perguntá se você tem alguma observação pra fazê pra que fique registrado né, nessa pesquisa que a gente tá fazendo.

Inf. – Eu acho que, quem agradece somos nós por te sido lembrado num trabalho importante como esse e dizê que estaremos sempre a disposição não só de você, como também da escola que você tá fazendo seu trabalho e em termos de sugestões... (+) qual é a sugestão que nós poderemos dizê desse teu trabalho aqui? Você hoje tá trabalhando com a parte técnica, os técnicos e os produtores...

Doc. – Isso...

Inf. – Não é isso? Onde você vai dar um encontro de informações pra que você tenha um resultado comparável.

Doc. – Isso.

Inf. – A minha sugestão, apesar de você já ter colocado mas a questão só de reforçar é que esse realmente seja levado ao conhecimento da parte técnica e também fazê assim um trabalho de... de incentivo, principalmente às instituições para levar um melhor conhecimento ao nosso produtor, no caso de Catu, porque Catu ainda está longe de assistência técnica digna para os nossos produtores, nós tamos fazendo aqui na prefeitura um trabalho pequeno pra o significado que é a agricultura do nosso município. Precisamos que esses órgãos que são responsáveis, os órgãos

oficiais que são responsáveis por essa parte de agricultura procure incentivar mais a nossa agricultura no município, porque infelizmente como eu disse no início, a nossa agricultura está distanciada das outras por mais de cinquenta anos, a adoção de técnicas aqui ainda...

Doc. – É pouca...

Inf. – É muito pouco e nós precisamos é... incentivá o produtor rural a adotá essas técnicas, não só adotá a técnica, mas fazê com que eles realmente vejam que existe um ganho positivo nesse trabalho, que eles possam de maneira efetiva aumentar sua renda e também que haja uma proximidade dos agentes financeiros com o nosso produtor rural, que também existe um distanciamento, muito grande entre o produtor rural e os agentes financeiros.

Doc. – Dificulta, né?

Inf. – Muito, muito, muito a burocracia é muito grande, a gente precisa não só a parte técnica, mas nós precisamos também de levar a parte financeira pro produtor. Sabemos que não faz parte da pesquisa, mas a gente aproveita a oportunidade pra... ((sorriu)).

Doc. – Tá bom, muito obrigado...

Inf. – Ok.

## Anexo V

### FICHA DE IDENTIFICAÇÃO HOMEM DO CAMPO

Identificação:

Nome por que é conhecido:

Gênero:

Idade:

Estado civil:

Local de nascimento:

Já viajou ?:

Tempo, em anos, de residência na localidade:

Nível de instrução escolar:

Profissão:

Onde exerce:

Naturalidade do pai:

Profissão do pai:

Naturalidade da mãe:

Profissão da mãe:

Naturalidade do cônjuge:

Profissão do cônjuge:

Quantos filhos?

Onde estudam?

Vive só?

Meios de comunicação disponíveis em sua residência:

Aparelho fonador:

Sem defeito visível:

Irregularidades visíveis:

Perfil psicológico aparente: tímido?.....sagaz?.....

sarcástico?.....agressivo?.....

Espontaneidade de elocução: total?.....grande?.....média?.....fraca?.....

Extensão da propriedade:

Tipos de cultivo:

Autônomo:

Parceria:

Recinto e circunstâncias do inquérito:

Observações suplementares:

Local e data da entrevista:

## Anexo VI

### QUESTIONÁRIO EXPERIMENTAL

#### I) Processo do preparo do solo:

**1. Aceiros**

O que deve ser feito para isolar uma determinada área a ser queimada, de forma que o fogo não passe para outros locais?

**2. Ara (arar a terra/aração)**

Que nome se dá quando invertemos a camada superficial do solo, com a finalidade de afogar o terreno e enterrar o mato?

**3. Área de capoeira**

Como se chamam as áreas cobertas por mato fechado, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?

**4. Correção (do solo)**

Como se chama o processo de equilíbrio de acidez do solo pela aplicação do calcáreo?

**5. Derrubada (da mata)**

Como é que se diz quando o produtor rural corta as árvores mais altas de uma área, pra começar a fazer o plantio?

**6. Destocando (destocar)**

Como é que se diz quando o trabalhador rural retira os tocos de uma área que vai ser cultivada?

**7. Destorroamento (destorrear o solo)**

Qual é a finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém arada?

**8. Erosão**

Como chamamos os buracos que a chuva faz quando bate nas encostas ou morros?

**9. Esterilidade do solo**

O que provoca a morte de todas as plantas cultivadas ou que nascem em uma determinada área de terra?

**10. Estrutura do solo**

A forma das partículas do solo e o modo como elas estão arrumadas no terreno é chamada como?

**11. Gradeia (gradear)**

O que deve ser feito para desmanchar as leiras e torrões que ficam numa área após a aração?

**12. Perfil do solo**

Como se chamam as diferentes camadas do solo, a partir da superfície?

**13. Relevo acidentado**

A superfície do solo com muitas ondulações tem o nome de...?

**14. Solo**

De onde as plantas cultivadas retiram os nutrientes necessários ao seu desenvolvimento?

**15. Textura (do solo)**

Que nome se dá aos diferentes tamanhos de partículas que constituem o solo?

**16. Topografia**

Quando nós falamos da superfície de uma determinada área de terra, nós estamos falando de sua...?

**17. Tração animal**

Como chamamos os implementos agrícolas puxados por animal?

**II) Plantio:****• Processo:****18. Área com declividade**

Como se chamam as áreas sujeitas ao processo de erosão?

**19. Balizamento**

Que técnica deve ser usada no plantio de laranjeira para que todas as plantas formem uma linha reta?

**20. Brotar (a planta)**

O que acontece com a semente ao ser jogada ao solo, após o plantio?

**21. Camalhões**

Que nome se dá às barreiras de terra ou montes construídos na superfície do solo para se fazer o plantio da mandioca?

**22. Coveamento**

Qual é o nome dado ao preparo do solo para o plantio feito com a enxada?

**23. Culturas anuais**

Tipos de vegetais de ciclo curto cultivados e colhidos dentro de um ano agrícola?

- 24. Curva de nível**  
O plantio feito obedecendo o nível do terreno é chamado como?
- 25. Época do plantio**  
O melhor período de plantio de cada cultura é chamada de...?
- 26. Espaçamento entre plantas**  
Distância entre as plantas usadas para que estas tenham água e luz necessárias ao crescimento?
- 27. Fileiras transversais**  
As fileiras de um plantio que cortam as enxurradas no terreno têm o nome de...?
- 28. Gemas (da maniva)**  
Como se chama a parte da maniva que brota quando plantamos?
- 29. Marcação**  
O que deve ser feito antes de começar a levantar os canteiros?
- 30. Patamares**  
Como chamamos o corte do terreno feito nas encostas dos morros em forma de degraus?
- 31. Piqueteamento**  
Que nome se dá à marcação do local exato do plantio das culturas permanentes?
- 32. Sazonal**  
Que nome se dá às plantas que só produzem em determinada época do ano?
- 33. Sementeadeira<sup>1</sup>**  
Qual é o nome do implemento agrícola utilizado na sementeira?
- 34. Sulcos**  
A abertura de valas rasas no terreno com a finalidade de se fazer o plantio tem o nome de quê?
- 35. Taludes**  
Como se chamam as barreiras de terra construídas para evitar a erosão?
- 36. Transplantá (transplantar)**  
Que nome se dá à retirada das mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo?

---

<sup>1</sup> Não dicionarizada

- **Variedade das plantas:**

**37. Amendoim *in natura***

Como chamamos os grãos de amendoim debulhados, ainda crus?

**38. Feijão macaça**

Como se chama o feijão que produz vagens em ramas espalhadas pelo chão?

**39. Forrageira**

Que nome se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal?

**40. Olerícola**

Que nome se dá às plantas cultivadas em uma horta?

**41. Raiz pivotante**

Que nome se dá às raízes que alcançam grandes profundidades no solo em busca de água e nutrientes?

**III) Tratos Culturais:**

**42. Amontoa**

Que nome se dá na lavoura de mandioca, quando o agricultor por exemplo chega um pouco de terra junto ao pé da planta?

**43. Capina manual**

Como se chama a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos?

**44. Coroamento**

Como se chama a capina realizada em volta das plantas?

**45. Desbaste (da plantação)**

O trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças se chama como?

**46. Enxertia**

Que nome se dá às mudas de laranjeiras e de outras frutíferas e que produzem frutos mais cedo do que as que nascem da semente?

**47. Escarificação (escarificar o solo)**

A quebra da superfície impermeável de um canteiro feita com um escarificador para melhorar a infiltração de água e a aeração se chama...?

**48. Garfagem**

Qual é o tipo de enxertia que você tem feito para produzir mudas de laranja?

**49. Herbicida**

Qual é o veneno que você usa para matar a planta ou o mato?

- **Instrumentos Agrícolas:**

**50. Instrumentos agrícolas**

Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?

**51. Poda**

A atividade de retirada dos galhos mortos ou ramos ladrões das plantas é chamada de...?

**52. Podões**

Qual é o nome da ferramenta de trabalho usada para se fazer a poda?

**IV) Adubação:**

**53. (Fermentação) anaeróbica**

Que tipo de fermentação ocorre quando o agricultor coloca fezes dos animais em um depósito totalmente fechado por alguns dias sem a presença de oxigênio?

**54. Adubação (adubar)**

Como se chama o processo de aplicação do adubo químico ou orgânico nas plantas?

**55. Adubação de cobertura**

Que nome se dá ao ato de colocar adubo ao redor da planta e cobrir com um pouco de terra?

**56. Adubação foliar**

Que nome se dá ao ato de colocar adubo dissolvido em água e aplicar nas folhas das plantas?

**57. Adubo orgânico**

Como se chama o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas, pra fazer com que elas cresçam mais vigorosas?

**58. Adubo químico**

Qual é o tipo de adubo utilizado na (adubação foliar)?

**59. Fermentação aeróbica**

Que tipo de fermentação ocorre com os montes de esterco deixados ao ar livre?

**60. Material orgânico**

Que nome se dá à mistura de esterco de galinha, gado e folhas, após sua decomposição?

**61. NPK**

Como se chama a mistura dos adubos químicos nitrogênio, fósforo e potássio?

**62. Uréia (adubo)**

Qual é o adubo químico mais recomendado para se fazer a adubação de cobertura ou foliar nas culturas com o objetivo de acelerar o crescimento da parte aérea das plantas?

**V) Controle de pragas e doenças:****63. Ácaro**

Como se chamam aqueles insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas?

**64. Antracnose**

Qual é a doença que ataca as mudas de plantas nos canteiros causando o amarelecimento das folhas e o tombamento das mudas?

**65. Calda do inseticida**

Que nome se dá a uma mistura de água com um fungicida ou inseticida?

**66. Controle de pragas e doenças**

O que deve ser feito na lavoura, quando as pragas e doenças atacam?

**67. Controle biológico**

Que nome se dá ao controle das pragas quando utilizamos os seus inimigos naturais?

**68. Controle químico**

Qual é o método mais rápido para se controlar pragas e doenças na lavoura?

**69. Controle sanitário**

Como chamamos as medidas usadas para prevenir e curar as doenças?

**70. Defensivos (agrícolas)**

Produtos usados para controle de pragas e doenças nas culturas agrícolas?

**71. Formicida**

Qual é o veneno que você utiliza para controlar a formiga?

**72. Fungicida**

Qual é o veneno utilizado para combater as doenças nas plantas?

**73. Inseticida**

O que utilizamos para controlar as pragas de uma cultura?

**74. Praga**

Que nome se dá aos insetos que atacam as culturas causando prejuízo?

**75. Prevenção**

Combater as pragas e doenças antes que elas ataquem as culturas é chamado de quê?

**76. Pulverização**

O que estamos fazendo quando aplicamos calda de inseticida ou fungicida com o pulverizador na lavoura?

**77. Pulverizador costal**

O aplicador de inseticida e fungicida em pulverizações carregado pelo agricultor tem o nome de quê?

**VI) Colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto:****78. Acondiciona(r)**

O que você faz com os produtos da horta que serão transportados para a feira?

**79. Armazenar**

O que deve ser feito com os produtos agrícolas quando se quer esperar uma melhora nos preços?

**80. Beneficiamento (do produto)**

O que deve ser feito com os produtos agrícolas, após a colheita para que sejam comercializados e consumidos seguindo as normas de qualidade?

**81. Colheita**

Como se chama a retirada dos frutos maduros de uma plantação?

**82. Estaleiro**

Armação de madeira usada para ajudar no crescimento das plantas que enramam, como o chuchu?

**83. Produtividade**

Que nome se dá ao resultado da divisão da quantidade de produto colhido pela área cultivada?

## Anexo VII

### QUESTIONÁRIO DEFINITIVO

#### I) Processo do preparo do solo:

**1. Análise do solo**

Como podemos saber a quantidade de nutrientes (nitrogênio, fósforo, potássio...) existentes em uma amostra de solo?

**2. Ara (arar a terra/aração)**

Que nome se dá quando invertemos a parte de cima do solo, com a finalidade de afofar o terreno e enterrar o mato?

**3. Área de capoeira**

Como se chamam as áreas cobertas por mato ralo, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?

**4. Correção (do solo)**

Como se chama o processo que diminui a acidez do solo pela aplicação do calcáreo?

**5. Destorroamento (destorrear o solo)**

Qual é a finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém arada?

**6. Erosão**

Como chamamos os buracos que a chuva faz quando bate nas encostas ou morros?

**7. Estrutura do solo**

Como chamamos a maneira como estão arrumadas as partículas que formam o solo?

**8. Gradeia (gradear)**

O que deve ser feito para desmanchar os torrões que ficam numa área após a aração?

**9. IBAMA**

Qual é o órgão responsável pela preservação do meio ambiente?

**10. Relevo acidentado**

A parte de cima do solo com muitas ondulações tem o nome de...?

**11. Textura (do solo)**

Que nome se dá aos diferentes tamanhos de partículas que constituem o solo?

**12. Topografia**

Quando nós falamos da superfície de uma determinada área de terra, nós estamos falando de sua...?

**13. Tração animal**

Como chamamos a força que se utiliza para puxar os implementos agrícolas com a ajuda dos animais?

**II) Plantio:****• Processo:****14. Área com declividade**

Uma área que não é plana é uma área com.....?

**15. Brotar (a planta)**

O que acontece com a semente ao ser jogada ao solo, após o plantio?

**16. Camalhões**

Que nome se dá às barreiras de terra ou montes construídos para proteger o solo da erosão?

**17. Colo da planta**

Como se chama a parte aérea da planta que fica junto ao chão?

**18. Cova**

Que nome se dá ao plantio realizado em pequenos buracos?

**19. Coveamento**

Qual é o nome dado ao preparo do solo para o plantio feito com a enxada?

**20. Culturas anuais**

Tipos de vegetais de vida curta cultivados e colhidos dentro de um ano agrícola?

**21. Curva de nível**

Como se chama o plantio que é realizado cortando as águas da chuva?

**22. Época do plantio**

O melhor período para se plantar uma cultura é chamado de...?

**23. Gemas (da maniva)**

Como se chama a parte da maniva que brota quando plantamos?

**24. Marcação**

O que deve ser feito antes de começar a levantar os canteiros?

**25. Piqueteamento**

Que nome se dá à marcação do local exato do plantio das culturas permanentes?

**26. Sulcos**

A abertura de valas rasas e contínuas no terreno com a finalidade de se fazer o plantio tem o nome de quê?

**27. Transplantá (transplantar)**

Que nome se dá à retirada das mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo?

- **Variedade das plantas:**

**28. Feijão macacá**

Como se chama o feijão que produz vagens em ramas espalhadas pelo chão?

**29. Forrageira**

Que nome se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal?

**30. Olerícola**

Que nome se dá às plantas cultivadas em uma horta?

**III) Tratos Culturais:****31. Amontoa**

Que nome se dá na lavoura de mandioca, quando o agricultor, por exemplo, chega um pouco de terra junto ao pé da planta?

**32. Capina manual**

Como se chama a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos?

**33. Coroamento**

Como se chama a capina realizada em volta das plantas?

**34. Desbaste (da plantação)**

O trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças se chama como?

**35. Escarificação (escarificar o solo)**

A quebra da superfície mais dura de um canteiro feita com um escarificador para facilitar a entrada da água se chama...?

**36. Herbicida**

Que produto você usa para matar a planta ou o mato?

**37. Tratos culturais**

Como chamamos o conjunto de atividades que você utiliza na plantação?

- **Instrumentos Agrícolas:**

**38. Instrumentos agrícolas**

Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?

**IV) Adubação:****39. Adubação de cobertura**

Que nome se dá ao ato de colocar adubo ao redor da planta e cobrir com um pouco de terra?

**40. Adubação foliar**

Que nome se dá ao ato de colocar adubo dissolvido em água e aplicar nas folhas das plantas?

**41. Adubo orgânico**

Como se chama o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas, pra fazer com que elas cresçam mais bonitas?

**42. Adubo químico**

Qual é o tipo de adubo utilizado na adubação foliar?

**43. Material orgânico**

Que nome se dá à mistura de esterco de galinha, gado e folhas, após seu apodrecimento?

**44. NPK**

Como se chama a mistura dos adubos químicos nitrogênio, fósforo e potássio?

**45. Uréia (adubo)**

Qual é o adubo químico mais recomendado para se fazer a adubação de cobertura ou foliar para acelerar o crescimento da parte aérea das plantas?

**V) Controle de pragas e doenças:****46. Ácaro**

Como se chamam aqueles insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas?

**47. Antracnose**

Qual é a doença que ataca as mudas das plantas nos canteiros causando o amarelecimento das folhas e o tombamento das mudas?

**48. Contaminação do plantio**

Quando você utiliza um produto de má qualidade (água, adubo, semente) o que pode ocorrer com a lavoura?

**49. Controle de pragas e doenças**

O que deve ser feito na lavoura, quando as pragas e doenças atacam?

**50. Defensivos (agrícolas)**

Produtos usados para controle de pragas e doenças nas culturas agrícolas?

**51. Fungicida**

Qual é o veneno utilizado para combater as doenças nas plantas?

**52. Fungos**

Que nome se dá ao causador de mofo nas plantas?

**53. Praga**

Que nome se dá aos insetos que atacam as culturas causando prejuízo?

**54. Prevenção**

Evitar que as pragas e doenças ataquem as culturas é chamado de quê?

**55. Pulverização**

O que estamos fazendo quando aplicamos produtos líquidos sobre a lavoura?

**56. Pulverizador costal**

O aplicador de produtos líquidos carregado nas costas pelo agricultor tem o nome de quê?

**VI) Colheita, pós-colheita e beneficiamento do produto:****57. Beneficiamento (do produto)**

O que deve ser feito com os produtos agrícolas, após a colheita para que sejam comercializados e consumidos seguindo as normas de qualidade?

**58. Produtividade**

Que nome se dá ao resultado da divisão da quantidade de produto colhido pela área cultivada?

**59. Silagem**

Processo de armazenamento de forragens verdes para se utilizar na alimentação dos animais na época da seca?

## Anexo VIII

### CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

#### A) O informante produziu ou conceituou a forma técnica nas perguntas do questionário:

##### Parte I

Questão 2 – Inf. III (V.N.F.) – *Aração.*

Questão 3 – Inf. III (V.N.F.) e Inf. X (V.B.S.) – *...capora.*

Questão 6 – Inf. XI (J.P.S.) – *Erosão.*

Questão 8 – Inf. VII (V.J.S.) – *Gradeá.*

Questão 9 – Inf. IV (M.A.S.S.), Inf. X (V.B.S.) e Inf. XI (J.P.S.) – *IBAMA*

Questão 10 – Inf. X (V.B.S.) – *Acidentado.*

Questão 15 – Inf. VI (J.S.S.) – *Ela vai blotá aquele olho bonito. Doc. – Como é que a gente chama? Inf.- Brotá*

Inf. IX (D.A.F.) – *Ela vai brotá*

Questão 18 – Inf. I (R.S.F.), Inf. II (M.J.B.), Inf. III (V.N.F.), Inf. IV (M.A.S.S.), Inf. VI (J.S.S.), Inf. VII (V.J.S.), Inf. XI (J.P.S.) e Inf. XII (A.J.) – *Cova*

Questão 41 – Inf. IV (M.A.S.S.) e Inf. XI (J.P.S.) – *Adubo orgânico*

Questão 42 – Inf. III (V.N.F.), Inf. VII (V.J.S.), Inf. IX (D.A.F.), Inf. X (V.B.S.) e Inf. XI (J.P.S.) – *Adubo químico.*

Inf. XII (A.J.) – */.../ Doc. – Esse que não é o clínico /.../ não é o de galinha, não é o de gado /.../ a gente chama aquele adubo como? Inf. - Adubo clínico.*

Questão 45 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ oréia /.../ sal grosso, que bota sempre em redor de planta, quer dizê não bota perto que se não mata o pé da planta /.../*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Uréia.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Dez-dez /.../ ...é um adubo, ele parece com a oréia /.../ agora ele não é branco, ele vem com uma mistura, vem bucado de pedrinha rosada, cinza; aí se botá muito encostado ao pé da planta, aí não cubri mata, tem que tê muita água pra não queimá a plantação.*

Inf. IX (D.A.F.) e Inf. XI (J.P.S.) – *O dez-dez ou a oréia.*

Inf. X (V.B.S.) – *A oréia.*

Questão 53 – Inf. IV (M.A.S.S.) e Inf. VII (V.J.S.) – *Praga.*

Questão 55 – Inf. III (V.N.F.) – *Pulverizando.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Vai poverizá.*

##### Parte II

Questão 5 – Inf. I (R.S.F.) – *Terra seca /.../ quebrá os torrão.*

- Questão 8 – Inf. III (V.N.F.) – *Ará /.../ gradeá é tirá o cisco que o arado já passô e vem a grade pra gradeá e tirá o cisco pra a terra tá pronta pra o plantio.*
- Questão 15 – Inf. VII (V.J.S.) – *Nasceu...*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Não sei não /.../ nascê.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Nascê.*
- Questão 22 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ é a época de chuva /.../ pra podê fazê o plantio, a não sê que seja terra irrigada /.../ não precisa tê época.*
- Questão 39 – Inf. III (V.N.F.) – *É colocá adubo ne um pé de planta e cobri de terra, não pode colocá perto /.../ da planta /.../ pode sê que o adubo venha a matá e ele colocado longe /.../ a umidade vai puxando e chega até o pé da planta.*
- Questão 56 – Inf. III (V.N.F.) – *Aquilo que a gente carrega nas costas pra pulverizá as planta.*

**B) O informante registrou uma resposta correta segundo o técnico, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia.**

### Parte I

- Questão 1 – Inf. XI (J.P.S.) – *Eu teria que procurá um técnico para vim estudá o solo.*
- Questão 2 – Inf. I (R.S.F.) – *Limpano, fofano a terra.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Alguns usa revirano o terreno, rebateno, recortano.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Eu dou virá a terra, virá e rebatê.*
- Questão 3 – Inf. VI (J.S.S.) – *É área abandonada...*
- Questão 5 – Inf. IX (D.A.F.) – */.../ pra recortá mais o terreno, pra fofá pra o ligume dá melhô /.../.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ pra misturá o terreno para podê ficá mais fácil para o plantio, trabalhá ou fazê lêra ou cova, outras coisa.*
- Questão 6 – Inf. I (R.S.F.), Inf. III (V.N.F.) e Inf. XII (A.J.) – *Grota.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *A gente chama buraco.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *O povo chama de minador.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Valeta.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Não sei /.../ brocotó.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *Valetão.*
- Questão 8 – Inf. I (R.S.F.) – *Passá a enxada de novo.*  
 Inf. III (V.N.F.) – *Batê com a enxada, trabalhá com a enxada que aí vai desmanchano /.../ fazeno cova.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ nós pega a enxada e quebra os pedaço tudo /.../*
- Questão 10 – Inf. III (V.N.F.) – *É altos e baixos /.../ relevo /.../ montanha mais alta...*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ cheio de altas e baixa ou pequenos relevo.*

- Questão 13 – Inf. I (R.S.F.) – *Carro de boi.*  
 Inf. II (M.J.B.) – *Carroça, animal.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ com o gado /.../.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Aí moça, conheço arado, ara cum boi Doc. – Sim e quando o senhô tá arano com o boi, que o senhô tá puxano tem um nome que a gente dá pra força /.../? Inf.- Quem puxa é o boi.../.../ conheço arar a terra, pega o gado, três canga de boi e vai ará, agora não é todo lugar que ara a terra com o boi /.../ só ara onde tivé toco, terra chã, maiada /.../.*
- Questão 15 – Inf. I (R.S.F.) – *Nasce.*  
 Inf. II (M.J.B.) – *Ele pega /.../ nascê.*  
 Inf. III (V.N.F.) – *Ela vai germiná e nascê/.../.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Vai nascê /.../.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Nascê /.../.*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Nasça.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Nasce. Doc. – Tem outro nome pra nascê? Inf. - Não, se tem eu num sei.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *Ela vai nascê...*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Elas começa a germiná.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Cinco dia pra nascê /.../ agora mandioca é três semana.*
- Questão 16 – Inf. XII (A.J.) – *É rêgo mesmo, escorrer água pra num bobá a terra.*
- Questão 18 – Inf. V (M.A.M.N.) e Inf. VIII (J.S.S.) – *Eu chamo buraco.*
- Questão 19 – Inf. I (R.S.F.), Inf. VI (J.S.S.) e Inf. XII (A.J.) – *Cova.*  
 Inf. II (M.J.B.) – *Buraco.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *Tem vários tipos de trabalho... lêra, cova...*
- Questão 21 – Inf. III (V.N.F.) – *Inverso /.../*
- Questão 22 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ a gente pranta aqui o milho pra colhê São João, é no dia dezenove de março /.../ é o milhô tempo de se plantá, depende de chovê.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Observá o tempo /.../ o tempo e a data /.../ porque se nós perdê a data de plantá, aí fica difícil nos culhê, uma culheta boa.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *As chuvas /.../ a época de plantá.*
- Questão 23 – Inf. I (R.S.F.), Inf. II (M.J.B.), Inf. III (V.N.F.), Inf. VII (V.J.S.), Inf. VIII (J.S.S.), Inf. IX (D.A.F.), Inf. XI (J.P.S.) e Inf. XII (A.J.) – *Olho.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Mandioca /.../ Doc. - /.../ sempre sai alguma coisinha aqui, que vai brotá, que va saí, que vai nascê /.../ o fruto /.../ o olho.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ a raiz Doc. – Não, cê plantô a maniva aqui... Inf. – ...a manaíba Doc. – Isso, a manaíba, aquilo que sai...? Inf. – O olho.*

- Inf. VI (J.S.S.) e Inf. X (V.B.S.) – *Troço (leia-se trôço)*
- Questão 24 – Inf. I (R.S.F.) – *O nive /.../ uma reta /.../ medi.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Medi o terreno pra podê fazê as lêra toda certa pra dá condições de se passá entre uma lêra e outra /.../ adubá, plantá, limpá.*
- Questão 26 – Inf. III (V.N.F.) e Inf. VII (V.J.S.) – *Rego.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Valeta.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Sei chamá de valeta mesmo, rego.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ nós chamamos de valetas, valetinhas.*
- Questão 28 – Inf. I (R.S.F.), Inf. II (M.J.B.), Inf. III (V.N.F.), Inf. IV (M.A.S.S.), Inf. V (M.A.M.N.), Inf. VI (J.S.S.), Inf. VII (V.J.S.), Inf. VIII (J.S.S.), Inf. X (V.B.S.), Inf. XI (J.P.S.) e Inf. XII (A.J.) – *Feijão de corda.*
- Questão 30 – Inf. X (V.B.S.) – *Pode sê várias plantação, né? /.../ hortaliça.*
- Questão 33 – Inf. VI (J.S.S.) – *Vamos rodá ele aqui /.../ ...fazê aquelas banca alta pra pudê eles carrega melhô.*
- Questão 35 – Inf. I (R.S.F.) – *Tamos afofano a terra.*  
 Inf. III (V.N.F.) – */.../ fofano a terra.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Tá fofano a terra.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Fofá a terra.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Fofá.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Tamos fofano.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *Afofá a terra.*
- Questão 38 – Inf. II (M.J.B.) – *Ferramentas.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Enxada, foice /.../ as ferramenta.*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Os ferramenta.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – */.../ ferramenta.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Pegá as ferramentas.*
- Questão 41 – Inf. III (V.N.F.) – *Adubo natural de galinha.*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Tem adubo natural...*
- Questão 43 – Inf. X (V.B.S.) – *Sei estrumo tombém.*
- Questão 49 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Usá qualquer coisa pa combatê elas /.../ as pragas.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Botá remédio.*  
 Inf. IX (D. A. F.) – *Fazê jeito de matá as praga /.../.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *Tem que botá remédio.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Fazê a puerização, né?*  
 Inf. XII (A.J.) – *Aí tem remédio pa botá.*
- Questão 54 – Inf. IX (D.A.F.) – *Uma proteção.*
- Questão 55 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Botano remédio nas planta /.../.*
- Questão 56 – Inf. V (M.A.M.N.), Inf. VIII (J.S.S.), Inf. IX (D.A.F.), Inf. X (V.B.S.) e Inf. XI (J.P.S.) – *Bomba.*

Questão 58 – Inf. I (R.S.F.) – *Maior rendimento.*

Inf. III (V.N.F.) – *Rendeu mais /.../ teve rendimento.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Teve rendimento, teve mais rendimento.*

## Parte II

Questão 1 – Inf. IV (M.A.S. S.) – */.../ pra vê se tá preparado direitinho /.../ se tá limpo, se tá adubado /.../ se precisa de botá adubo mais.*

Inf. XI (J.P.S.) – *É estudá /.../ pra vê se... corriji.*

Questão 2 – Inf. I (R.S.F.) – *Ará /.../ limpá /.../ fofá.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Ará pra plantá, né /.../ limpano /.../ virano o terreno, que é pra depois plantá.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Pa ará a terra, a gente vai pidi, se pidi o arado, se num pidi, é nossos braço mesmo, é a inxada, pa cortá a terra /.../ Doc. – Quando cê corta a terra, cê faz o quê /.../ com o solo? Inf. – Cortano a terra, juntano dum lado pra outro, virano ela...*

Inf. IX (D.A.F.) – *Sei /.../ limpá e no fim nós cortá ela pra fazê a plantação /.../ tamo misturano o solo.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Ará é limpá, é fofá, folgá, é cortá.*

Inf. XII (A.J.) – */.../ quando num qué ará cum o boi, ara cum tratô, com o bisôro /.../ ará /.../ eu boto o tratô, aro a terra, volto recorto a terra, aí agora eu volto vou cavá /.../ Doc. – /.../ tá fazendo o quê com ela ((a terra))? Inf. - /.../ movimento com a terra.*

Questão 3 – Inf. I (R.S.F.) – *Mato ralo.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Só tem mato puro /.../ mato grande<sup>1</sup>.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Deve sê mato, né? Doc. – E que tipo de mato é alto, baixo? Inf. – Médio.*

Inf. IX (D.A.F.) – *A gente roça /.../ é uma área que tem o mato que num dá pra gente limpá de enxada /.../ mato grosso, que a gente não tem condições de limpá de enxada, a gente tem que roça pra limpá.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Capoeira é uma área coberta que tem pouca vegetação.*

Questão 4 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ iria estudá e iria colocá adubo /.../ Doc. - /.../ iria estudá pra quê? Inf. – Pra melhorá as condição de qualidade do terreno.*

Questão 5 – Inf. XI (J.P.S.) – *Destorrá é cortá, é virá, folgá /.../ Doc.– /.../ quando a gente tá destorrando, a gente tá tirando o quê? Inf. – Tirano (incompreensível) do terreno pa cortá, folgá, misturá.*

---

<sup>1</sup> A área de capoeira pode ser um mato ralo ou mais denso, tendo uma importância maior quanto à observação feita de ser uma área que ficou algum tempo sem ser cultivada.

- Questão 6 – Inf. III (V.N.F.) – *É aqueles buraco que... /.../ das terra rachá /.../ vem chuva, muita chuva, termina cavano aí fica aqueles buraco, grotta tão funda.*
- Questão 9 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ é o órgão das mata, dos bicho, dos animais /.../ dizem eles que eu ainda num vi eles fazê isso, que pega e bota no zoológico, num quê que desmate as mata pra protegê os animais.*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Vejo falá, mas não sei o que é não. Doc.- Não sabe pra que é que 'le serve? /.../ Inf. – Pra defendê as mata.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Já /.../ é pra num deixá matá os bicho /.../ e desmatá.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – */.../ pessoas que proíbe a destruição dos animais.*
- Questão 12 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Pra vê se é prano /.../ se é laderado, se é de curva.*
- Questão 14 – Inf. III (V.N.F.) – *Ela tá declive, tá desceno.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – */.../ uma área com dispenho /.../ dispenhada /.../ em declive.*
- Questão 15 – Inf. III (V.N.F.) – *Brotá é carregá? Brotou porque nasceu ou que já tem frutos? Doc. – /.../ Se ela é uma semente ainda /.../? Inf. – Nasceu.*
- Questão 16 – Inf. III (V.N.F.) – *É as leira /.../ de terra.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ é pra fazê espécie de lerinha /.../ pra fazê a plantação.*  
 Inf. XII (A.J.) – */.../ camaleão tem no rio. Doc. – Não é o camaleão do rio não /.../ no terreno, se Marcos dissesse assim pro senhô a gente vai fazê uns camaleão /.../ Inf. – Sei, ele saí cortano o terreno assim ói e fazeno aquela lêra /.../ aí chama camaleão.*
- Questão 17 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ acho que fica no miolo da planta /.../ no centro da planta /.../ em cima da flor /.../ o colo é ali a raiz /.../ ela tá entre o chão e o tronco.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *No pé da planta /.../ não sei não /.../ o pé é ali assim, fica embaixo /.../ com a raiz que desce /.../*
- Questão 18 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ eu tô fazeno a cova pra plantá /.../ manaíba /.../ com a enxada /.../ fofa, a gente cava, junta /.../ que é pra produzir a raiz.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *A gente cava /.../ cova de mandioca, existe também uma cova que a gente pode fazê pra plantá um pimentão, couve.*
- Questão 19 – Inf. II (M.J.B.), Inf. III (V.N.F.), Inf. IV (M.A.S.S.), Inf. VI (J.S. S.), Inf. IX (D.A.F.), Inf. XI (J.P.S.) e Inf. XII (A.J.) – *...as cova*
- Questão 22 – Inf. IX (D.A.F.) – *Por exemplo mesmo essa data que nós tamos hoje /.../ de milho e dagora por diante, a gente pode plantá, estano chuveno, a gente pode plantá qualquer coisa que nós querê.*

Questão 23 – Inf. III (V.N.F.) – *Os olhinhos, aqueles piquinho.*

Inf. VI (J.S.S.) – *A gente num conhece por gema, a gente conhece o olho da manaíba. Doc. – E o que é o olho da manaíba? Inf. – É um olhinho que tem na manaíba /.../ a gente tem que plantá ele certo /.../ pra frente pra não saí pra trás, porque se plantá com ele com o olho pra trás /.../ as raiz dele sai pra cá, quando a gente limpá /.../ quando a gente metê a enxada, encontra logo a raiz da mandioca e corta.*

Inf. X (V.B.S.) – *Por esse nome eu não conheço não. Doc. – E por outro nome, qual é o outro nome? Inf. – Os birros da maniva. Doc. – É, o birro? E o que é o birro da maniva? Inf. – É aqueles caroçozinhos que ela tem, é aonde nasce o pé da mandioca.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ ali onde está o olho.*

Inf. XII (A.J.) – *Doc. – E as gemas da maniva /.../ da maniva, da manaíba, da maniba /.../ ? Inf. - /.../ é o olho.*

Questão 24 – Inf. I (R.S.F.) – *O espaço /.../ midindo /.../ com o metro.*

Inf. III (V.N.F.) – *Marcá /.../ marcano alguma coisa, indicano alguma coisa /.../ da horta, do canteiro, do plantio /.../*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ faz o alinhamento, aí já é uma marcação /.../ bota uma linha lá, outra cá, tamos fazeno uma marcação de uma lêra, aí disso por diante a gente vamo fazê a lêra.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ vai medi pra determiná como cavá ou cortá ou plantá.*

Inf. XII (A.J.) – */.../ nivelá as lêra /.../ e deixá tudo em níve.*

Questão 25 – Inf. III (V.N.F.) – *Piquete é a gente enfincá um pau pa fazê um piquete /.../ ou vai enfincá alguma coisa pra fazê uma cerca ou cercado /.../ Doc. – /.../ tem que observá o quê? Inf. – A direção.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Piquete /.../ marcá o lugares pra prantá as coisa, ajeitiano os pauzinho /.../ a gente sai midino, botano os pauzinho pra depois voltá prantano, pra prantá certo.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Fazê aqueles piquetinho pra... porque tem gente que pranta as coisa e marca, né os piquetinho /.../ ou de cimento ou de pau e numera /.../.*

Inf. XII (A.J.) – *É botá o ponto.*

Questão 27 – Inf. I (R.S.F.) – *Rancá de um lugar e botá ne outro.*

Inf. III (V.N.F.) – *É mudá de um lugá pra outro.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Tirá de uma lugá e passá para outro.*

Inf. VI (J.S.S.) – *É tirá de um canto pra o outro.*

Inf. VII (V.J.S.) – *A gente vai fazê uma muda. Doc. – E fazê o quê com a muda? Inf. – Plantá em outro local.*

- Inf. VIII (J.S.S.) – *Mudá /.../ as muda.*
- Inf. XI (J.P.S.) – */.../ vai tirá de um lugá pra outro.*
- Inf. XII (A.J.) – *Mudá, né?*
- Questão 28 – Inf. III (V.N.F.) – *Tenho pra mim que é feijão de corda.*
- Inf. IX (D.A.F.) – *Feijão macaça ((observar a pronúncia ‘macaça’)) é o de corda.*
- Questão 32 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Rancá com a mão /.../ os matinho.*
- Inf. VII (V.J.S.) – *Fazê a limpeza de mão.*
- Inf. VIII (J.S.S.) – *Na mão.*
- Inf. IX (D.A.F.) – *A gente vamos rancá os matinho que tem na lêra e vamos fofá /.../ com a própria mão.*
- Questão 33 – Inf. III (V.N.F.) – *Limpá em redô.*
- Questão 35 – Inf. III (V.N.F.) – *É limpá pra podê afofá a terra pra podê a água entrá /.../ Doc. – /.../ escarifica com o quê? Inf. – Escarificadô.*
- Inf. IX (D.A.F.) – */.../ vamos fofá o solo.*
- Questão 41 – Inf. II (M.J.B.) – *Bosta /.../ boi /.../ cavalo.*
- Inf. III (V.N.F.) – *É tipo uma lama /.../ que coloca no pé da planta, na raiz /.../ é uma mistura de tanta coisa /.../ bosta de adubo de boi com o da galinha com folha e se torna um adubo orgânico.*
- Inf. VIII (J.S.S.) – *Botá no chão /.../ adubo de galinha, adubo de gado.*
- Inf. X (V.B.S.) – *Pode sê o adubo de galinha e o de gado.*
- Questão 42 – Inf. V (M.A.M.N.) – *Esse eu sei /.../ o adubo crínico, ele é uns carocinho, misturado de várias cores, a pessoa compra e sai botano numa tampinha de caixa de fósforo no fundo da cova /.../*
- Questão 49 – Inf. XI (J.P.S.) – *O controle é o técnico ficá observano as planta, estudano que tipo de praga tá dano e procurá vê qual é o produto que deve sê usado pra combatê.*
- Questão 50 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ são esses inseticidas que vai colocá nas planta ou nas frutas pra evitá que o inseto mate a planta ou estrague a fruta /.../*
- Questão 52 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ é uma doença que dá nas planta /.../*
- Questão 53 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Praga é uns inseto que dá nas planta, que a pessoa num tivê, num vê, matam /.../ gafanhoto, tem uma tal de uma rosca que a senhora planta um pé de tomate aqui, ela vem por baixo e puxa aquele pé de tomate, ela puxa pra debaixo do chão.*
- Questão 54 – Inf. III (V.N.F.) – *Privinino das pragas das (incompreensível ) que tivé nas plantas.*
- Inf. IV (M.A.S.S.) – *Fazê alguma coisa pra preveni, pra não ficá continuano os fungo /.../.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Vamo previni ou pro sol num matá ou a chuva, qualquer uma coisa /.../ os bicho, galinha, animal são essas coisa assim que eu acho que a gente deve previni.*

Inf. XI (J.P.S.) – *É colocá remédio no solo para evitá...*

Questão 55 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *É coisá com aquele negócio que bota nas costa..., o remédio nas águas.*

Inf. X (V.B.S.) – *Deve sê por veneno /.../ É a gente colocá uma bomba nas costas e sai provisano tudo...*

Questão 58 – Inf. I (R.S.F.) – *Rendeu mais.*

**C) O objetivo da comunicação foi alcançado, uma vez que o entrevistado entendeu a questão, no entanto, não apresentou uma resposta correta segundo o técnico, embora, relacionada com sua experiência:**

### Parte I

Questão 1 – Inf. III (V. N. F.) – */.../ Eu conheço assim, a terra tá fraca, eu coloco adubo, agora não tem quantidade, quer dizê que o adubo daqui é adubo da galinha de quintal e adubo de boi.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Nós pega e olha se tá precisano de adubo /.../ nós mermo olha aí a terra tá fraca, nós bota adubo.*

Questão 2 – Inf. X (V.B.S.) – *Eu sei que é afofá o terreno...*

Questão 5 – Inf. I (R.S.F.) – *Pra afofá a terra.*

Inf. III (V.N.F.) – *Pra gente fazê o plantio de milho ou feijão ou mandioca... fica a terra fofa, viu? Fica boa de sê trabalhada.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Aqui /.../ passa o arado, eles mermo vêem /.../ ara a terra e depois ele vorta com... /.../ pra rebatê a terra toda de novo /.../ pra prantá.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Pra plantá /.../*

Inf. XII (A.J.) – *Aí vai rebatê a terra /.../ rebate, ara, aí agora volta, recorta com o arado, recorta /.../ duas vezes, ara, volta, recorta, aí recorta três vezes que é pra terra ficá fofa.*

Questão 8 – Inf. VI (J.S.S.) – *Na minha mente a gente chama, vamo pegá a enxadeta ou a picareta e cortá a terra, vamos cortá aquela terra ali, pra gente podê cultivá.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Depende né? quebrá na enxada, quebrá na enxadeta.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Quebrá /.../.*

Inf. X (V.B.S.) – *É rebatê.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Pegamo a ferramenta e sai bateno, quebrano tudo pra misturá /.../ misturá.*

Inf. XII (A.J.) – *Recortá a terra de enxada.*

- Questão 9 – Inf. VI (J.S.S.) – *Né a REFLORA, não?*
- Questão 10 – Inf. V (M.A.M.N.) – *Cheio de alto, quando a terra é prana, a gente chama prana.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Morro.*
- Questão 13 – Inf. III (V.N.F.) – *Doc. – /.../ usando uma... Inf. – Força bruta.*
- Questão 14 – Inf. III (V.N.F.) – *É alta /.../ montanha /.../.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Ladeira /.../ montanha.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ de alto.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *É alto, é um alto...*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Morro.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Com morro /.../ e alto.*  
 Inf. X (V.B.S.) – *É alto...*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Cheia de relevo, ou altos e baixas ou acidentada.*  
 Inf. XII (A.J.) – *A gente trata aqui alto.*
- Questão 16 – Inf. I (R.S.F.), Inf. II (M.J.B.), Inf. IV (M.A.S.S.) e Inf. X (V.B.S.) – *Cova.*  
 Inf. III (V.N.F.) – *A gente chama /.../ as cova /.../ os montinho de terra, pa podê plantá, porque a mandioca plantada de buraco ela não é correta, tá entendeno? Na hora de arrancá ela é muito ruim, é dura; e feito as cova /.../ é mais fácil /.../ o feijão é a mesma coisa /.../ Doc. – Eu não entendi uma coisa, qual é a diferença que a senhora entende entre buraco e cova? Inf. – Aquele que a gente bate com a enxada assim, é buraco e aquele que a gente faz as ruminha é cova.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Aqui a gente chama cova de plantá mandioca.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Cova. Doc. – E aqueles montinhos /.../? Inf. – Eu sei chamá de cova.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Uma proteção, né?*  
 Inf. XI (J. P.S.) – *Regos ou valetinhas.*
- Questão 17 – Inf. VII (V.J.S.) e Inf. X (V.B.S.) – *Tronco.*
- Questão 21 – Inf. VI (J.S.S.) – *A gente chama valeta /.../ Doc. – E essas valetas /.../ tem um nome que a gente diz, usano em quê, a senhora sabe? Inf.- Num sei não.*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Fazeno as valetas.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *A gente estamos fazeno uma valeta pra protegê.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Formação de regos /.../.*
- Questão 22 – Inf. I (R.S.F.) – *As festa /.../ a época de junho, no início das festa /.../.*  
 Inf. II (M.J.B.) – *O mês de maio /.../.*  
 Inf. III (V.N.F.) – *A chuva /.../.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Na conjunção boa, na conjunção. Doc. - E o que é conjunção pra senhora? Explique aí pra eu entendê. Inf. – Pra mim a conjunção que a gente fala /.../ quando a gente vai plantá, a conjunção da lua, tá entendeno? Qui num pode sê também na lua cheia e nem no minguate, quer dizê a gente chama crescente /.../ aí a gente vai, pranta aquele milho, qu'ê pra ele num dá bichado, num dá largata, porque plantano nessas conjunção forte, ele só dá largata.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Doc. – ...observar a...? Inf. – ...data.*

Inf. XII (A.J.) – *Planta milho em mauço, dia de São José e na lua nova de abril /.../ porque dá milhê, na crescente se plantá, bicha /.../ quando secá, vai guardá, bicha toda, é feião, é milho /.../ Doc. – /.../ tá na época de...? Inf. – ...plantá milho.*

Questão 24 – Inf. III (V.N.F.) – *Uma lêra /.../ limpa o lugar, aduba /.../ e depois vai colocano a semente /.../ vai ajeitano, vai cortano a terra, vai pilano, vai bateno sempre a enxada pra podê ela ficá naquela alturinha certa.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ uma cova /.../ coisá tudo com a enxada, acertá tudo com a enxada /.../ ajuntá um monte de areia /.../ nós pega a enxada e arruma ela pra podê saí certinha.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Dependê da pessoa sabê fazê, trabalhá pra fazê elas pranazinha e direitinho pra prantá /.../ Doc. – E pra ela saí certinha assim, tem alguma coisa que é feita antes? Inf. – Não, dependê da pessoa, tem que fazê com a enxada mermo.*

Inf. VI (J.S.S.) – *A rente tem que cortá o terreno todo /.../ pra podê levantá as leira. Doc. – E pra ela saí certinha assim /.../ a gente tem que fazê o quê, a senhora sabe? Inf. – Num sei não.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Aí eu tenho de fazê as valetas /.../ fazê /.../ as primeira fila de cova e aí pronto eu começo a fazê as outra tudo igual.*

Inf. VIII (J. S. S.) – */.../ faz um rego de um lado e de outro depois recorta a terra e faz... /.../ faz no olho mesmo.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Tem que botá um prumo, bota uma linha reta e começa a cavá as valeta pra sair certinha /.../ tamos fazeno uma nivelação que saia certo.*

Inf. X (V.B.S.) – *É limpá /.../ abri as valetinhas, cortá, fofá o terreno, aplainá e plantá /.../ Doc. – Por que que 'la fica tudo certinha, as leira? Inf. – Porque já fui habituado naquilo ali, desde criança que meu pai /.../ na roça mermo e a gente seguiu atrás.*

Inf. XII (A.J.) – *Ali tem que fazê nivelada /.../*

Questão 25 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ a gente marca, sai marcano os lugar /.../ sai cavano com a cavadêra, fazeno os buraco /.../ a rente tem que ficá*

*espiano, olhano certo pras carrêra saí certa ou se não midi de um pra outro /.../ a gente pega uma vara mede um metro e dez centímetro e sai midino.*

Inf. XII (A.J.) – *Eu sei assim, é três braça de um coqueiro pra outro, eu conheço braça, metragem não /.../.*

Questão 26 – Inf. IX (D.A.F.) – *Aí pode sê lêra por exemplo ou cantêro /.../ uma valeta.*

Questão 27 – Inf. III (V.N.F.) – *Uma muda /.../ plantá.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Uma mudança.*

Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ uma mudança.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Vamo fazê uma mudança.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Mudá.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Mudá.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Replantano, né?*

Inf. XII (A.J.) – *Muda, só muda com trinta dias.*

Questão 30 – Inf. III (V.N.F.) – *Horticultura.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Verduras.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *...de verdura.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Verduras, legumes.*

Questão 31 – Inf. III (V.N.F.) – *Tá limpano, tá chegano terra pra podê a mandioca saí bonitinha porque se não elas morre também.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Alimpá /.../.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *A rente aqui trata assim chô chegá terra na mandioca, chega terra no pé.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Vumbora limpá aquelas mandioca ali, chegá terra nas mandioca.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Uns chama quebrano terra da planta, outros chama chegano terra, porque praticamente a primeira limpa é quebrá terra da mandioca, a segunda que é limpá.*

Inf. X (V.B.S.) – *Chegou a terra no pé da mandioca /.../.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ chegano terra outros diz tá limpano.*

Inf. XII (A.J.) – *Tem a primêra limpa, tem a segunda, tem a derradêra, tem a tercêra e tem a quarta Doc. – Mas o senhô chama de quê, de limpa? Inf. – Limpa.*

Questão 32 – Inf. II (M.J.B.) – *Limpeza /.../*

Inf. III (V.N.F.) – *Limpano os pés de mato.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Alimpano.*

Inf. VII (V.J.S.) – *A gente cata os mato /.../*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Tá limpano /.../ a gente chama de limpá.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Geralmente com as mãos, deve sê catano o mato ou tirano o mato.*

Inf. XII (A.J.) – *Limpá a lêra.*

Questão 33 – Inf. V (M.A.M.N.) – *A gente vai abri uma valetinha pra /.../ adubá. Doc. – E quando a gente vai limpá /.../ essa limpeza /.../ dizia que ia fazê o quê? Inf. – Eu digo só limpá, chegá terra no pé do coqueiro.*

Inf. IX (D.A.F.) – *A gente tamos fazeno um rodeiro nos pés da planta pra mantê limpo /.../ um rodeiro.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ vou arrudiá o pé do coqueiro.*

Inf. XII (A.J.) – *Uns chama rodá o coqueiro, agora rodá coqueiro num dá, dá pa limpá tudo de fora a fora /.../ pra ficá tudo limpo /.../ ali é rodá o coqueiro, num presta /.../ fica esse mato ali /.../ chupa ele aqui /.../ limpá de fora a fora.*

Questão 34 – Inf. I (R.S.F.) – *Nós tá plantano, tirano de um lado e plantano ne outro.*

Inf. III (V.N.F.) – */.../ Arrancá.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Mudano de um lugá... /.../ pra disabafá, pra plantá ne outro lugá /.../ tá fazeno uma mudança.*

Inf. V (M. A. M. N.) – */.../ porque mela /.../ pra tirá a metade do coentro? /.../ a gente vai tirá, pra folgá eles ali, pra não melá o pé.*

Inf. VI (J.S.S.) – *A rente diz assim, vumbora fazê uma mudança daqui pra qui mas, que é pra num ficá imbacerado /.../ ...vamo fazê uma muda daqui ói.. /.../ Doc. – E tem um nome específico que a senhora fala? Inf. – Não eu mermo só sei esse.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Tamo diminuino /.../ tira a metade daquelas muda que tá demais e prejudica a planta.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Separá, seleccioná.*

Inf. XII (A.J.) – *Quer dizê que ali vai rancá pa diminui /.../.*

Questão 35 – Inf. XI (J.P.S.) – *(incompreensível) /.../ folgá.*

Inf. XII (A.J.) – *Sei, é gadanho.*

Questão 38 – Inf. I (R. S. F.) – *As ferramento.*

Inf. III (V. N. F.) – *Os aferramento /.../*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Enxada, enxadeta, estrovenga /.../ as aferramenta.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Ferramentos.*

Inf. XII (A. J.) – *Chama enxada, enxadeta, picareta /.../ aferramento.*

Questão 39 – Inf. IX (D.A.F.) – *Protegê o adubo e que a planta receba ele mais com facilidade.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Uma correção no solo.*

Inf. XII (A.J.) – *Botano adubo.*

Questão 40 – Inf. III (V.N.F.) – *Poverização.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – /.../ *pra fortalecê as planta, né?*

Inf. IX (D.A.F.) – *Adubo químico /.../ químico.*

Inf. XI (J.P.S.) – /.../ *povarizá /.../ povarizano, né?*

Questão 41 – Inf. I (R.S.F.) – *Adubo de gado /.../.*

Inf. V (M.A.M.N.) – /.../ *aqui eu chamo adubo de gado, de galinha /.../.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Nós chama de adubo.*

Inf. XII (A.J.) – *O de galinha é clínico e o de gado é comum /.../ porque as galinha toma remédio e o gado é no capim /.../.*

Questão 42 – Inf. VI (J.S.S.) – *Adubo líquido.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Não senhora /.../ aqui nós bota oréia /.../ Doc. – E uréia é um adubo de que tipo? Inf. – /.../ não posso explicá a senhora que eu num sei.*

Questão 43 – Inf. II (M.J.B.) – *É bosta.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *A rente trata assim /.../ pra curá, pra podê então usá nos pés das planta que as vezes a gente bota e mata o pé da planta /.../ adubo.*

Inf. IX (D.A.F.) – /.../ *a gente tamos fazeno uma mustura pra reforçá mais o adubo /.../.*

Inf. XII (A.J.) – *Adubo de gado só não tem outro nome.*

Questão 44 – Inf. XI (J.P.S.) – *Se refere como adubo composto /.../.*

Questão 45 – Inf. VII (V.J.S.) – *Dez-dez /.../ ...é um adubo, ele parece com a oréia /.../ agora ele não é branco, ele vem com uma mistura, vem bucado de pedrinha rosada, cinza; aí se botá muito encostado ao pé da planta, aí não cubri mata, tem que tê muita água pra não queimá a plantação.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Dez-dez /.../*

Inf. XII (A.J.) – *O povo compra lá na casa do fazendeiro /.../ esse d-dez.*

Questão 46 – Inf. I (R. S. F.) – *Largata.*

Inf. III (V.N.F.) – /.../ *é atentado /.../.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Largata.*

Inf. VII (V.J.S.) – *O bichinho que eu conheço aqui, que sempre dá na folha, dá mais em alface, é o percevejo.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Por exemplo pode sê o gafanhoto, largata /.../.*

Inf. XI (J.P.S.) – /.../ *alguns chama percevejo verde.*

Questão 50 – Inf. II (M.J.B.) – *Xarope.*

Inf. III (V.N.F.) – *O produto químico que a gente tem que chegá na casa do fazendeiro e procurá /.../.*

Inf. V (M.A.M.N.) – /.../ *eu já até usei aqui no tomate, mas a gente comprô uma vez, mas Keno usou, ele se sentiu mal porque os cara lá da fazenda não expricou a ele e eu cheguei aqui não li a bula que era pra*

*usá com máscara, de macacão, de bota e de luva /.../ aí ele se sentiu mal, quase... mas ficou... deu uma dô de cabeça que eu pensei que ia morrer /.../ me zanguei, joguei fora /.../ e num comprei mais nunca /.../ Doc. – /.../ a senhora sabe dizê assim como é o nome? Inf. – /.../ num lembro mais não.*

*Inf. XII (A.J.) – /.../ com a bomba, bota veneno e bate a bomba.*

Questão 51 – *Inf. III (V.N.F.) – Nós temos que comprá um remédio, uma coisa que poverize as planta pra que mate aquela doença, aquelas praga.*

*Inf. VIII (J.S.S.) – Fulidó.*

*Inf. IX (D.A.F.) – Vamo supô o shell, mirex, resolve /.../.*

*Inf. XII (A.J.) – O veneno que eu conheço mermo é a fornicida.*

Questão 52 – *Inf. III (V. N. F.) – /.../ lendia.*

*Inf. VI (J.S.S.) – A gente chama lendia.*

Questão 54 – *Inf. V (M.A.M.N.) – Zelá pra que não aconteça... morrer, acabá.*

*Inf. VII (V.J.S.) – Um combate.*

*Inf. X (V.B.S.) – Tem que provisá.*

*Inf. XI (J.P.S.) – Povarizano /.../.*

Questão 55 – *Inf. I (R.S.F.) – Tá cuidano.*

*Inf. V (M.A.M.N.) – Zelano /.../ Aí eu sei, mas...*

*Inf. IX (D.A.F.) – Uma proteção pras lavouras.*

*Inf. X (V.B.S.) – Destruino os insetos.*

Questão 57 – *Inf. I (R.S.F.) – Lavá, cuidá direitinho, tirá as folha podre.*

*Inf. II (M.J.B.) – Limpá as folha.*

*Inf. III (V.N.F.) – Colhê bons produto, separá aqueles produto mais... que dê mais vida, aqueles mais bonito pra podê levá até o comércio pra vendê /.../.*

*Inf. V (M.A.M.N.) – Dizê que tá... zelá /.../ tá cuidano que não aconteça por causa dos inseto que dão /.../ tem que lavá bem /.../ pra podê comê.*

*Inf. VI (J.S.S.) – A higiene.*

*Inf. VIII (J.S.S.) – Ranca, limpa e lava /.../ uma limpeza.*

*Inf. IX (D.A.F.) – A gente tem que observá pra não vim algum inseto no meio das folhas, aí a gente tem que protegê /.../ a gente vamo zelá, cultivá pra nem prejudicá a gente, nem o próprio, os outro.*

*Inf. XI (J.P.S.) – Primeiro devemos tê cuidado com a higiene, tê cuidado também pra ela não machucá /.../ legumes, as frutas, as verduras /.../ lavá, limpá.*

Questão 58 – *Inf. V (M.A.M.N.) – /.../ deu mais produto, botô mais as raízes ou as fruta o que seje.*

*Inf. VIII (J.S.S.) – A plantação tá melhô.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Deu uma boa colhêta e a que deu ruim porque praticamente não foi ou bem cultivada ou mal adubada /.../.*

Inf. XI (J.P.S.) – *O meu terreno é mais forte /.../ o dele é mais fraco, foi menos zelado /.../ minha colheita deu mais quantidade.*

Questão 59 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ Eu sei assim que bota pa curá /.../ botá pos animais comê.*

Inf. IX (D.A.F.) – *É o capim de corte /.../ a gente preserva /.../ pra essa data, pra essa conjunção, pra quando o gado estivé precisano a gente utilizá.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ Colocou na estufa, pra depois /.../ dá o gado.*

## Parte II

Questão 2 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Retirá o mato /.../ aí vai com a enxada deixa aqueles bolo de terra, espalhá tudo pra podê fazê a plantação.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Limpá /.../ adubá e tratá /.../ ...afofano.*

Questão 4 – Inf. III (V.N.F.) – *Sim, vê o que é que tá faltano, o que precisa no solo /.../ adubo, de uma aração, de fofá alguma coisa /.../.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Olhá se o solo tá bem, se tá de boa situação /.../ se tá no mato, se tá limpo.*

Questão 7 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ é fazê alguma coisa por cima da terra, ajeitá pra podê estruturá, como se fosse uma casa, a gente vai fazê uma casa /.../ ela ficá em forma da casa, então o terreno é a mesma coisa, se a gente vai plantá, vamo estruturá a terra, limpá, ajeitá, afofá /.../ e pra podê saí um plantio bom.*

Questão 8 – Inf. I (R.S.F.) – *Limpá /.../ com o gadanho /.../.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Fazê coisa com o arado, com a grade /.../ gradeano pa... arenano pa podê prepará a terra.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Pra prantá /.../ limpano, virano.*

Inf. VI (J.S.S.) – */.../ a gente chama gadanhá. Doc. – E quando você tá gadanhano cê tá fazendo o quê? Inf. – Ajuntano o lixo. /.../ Enterro, que é pra ele virá o adubo ali, tem uns que queima, quando é gaio de pau, assim, queima, aqueles grosso, mas as folhas, enterra.*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ é quando a gente passa o arado e volta gradeano /.../ tamo misturano ali fofano ele.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Gradeá é passá a máquina, recortá, pra deixá o terreno em posição de plantá. Doc.- Então quando a gente tá passano a máquina, recortano, a gente tá retirano o quê? Inf.- A acidez, os torrões <sup>2</sup>/.../*

---

<sup>2</sup> Considera-se como correta a resposta do informante: “...os torrões”; “A acidez” não se relaciona ao ato de gradear.

- Inf. XII (A.J.) – *Gradeá, limpá e voltá e passá as grade.*
- Questão 10 – Inf. III (V.N.F.) – *Relevo é um lugá que não é nem plano /.../ ele é alto.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *É um terreno cheio de altas e baixas e que precisa vê /.../.*
- Questão 12 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ vai nivelá o terreno, vai olhá, vai sondá, vai tirá o relevo, vai procurá, organizá o terreno.*
- Questão 13 – Inf. I (R.S.F.) – *Carroça /.../ o animal.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ trabalhá com animais, carroça ou arado /.../.*  
 Inf. XII (A.J.) – */.../ é trabalhá com o animal.*
- Questão 14 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ cheia de altos e baixos, talvez brejos /.../ que muitas vezes atrapalha até pra se trabalhá.*
- Questão 16 – Inf. VI (J.S.S.) – *A gente chama camaleão, os camaleão é fazê /.../ um jeito dumas valeta pa fazê elas certa assim /.../ que é pra quando cê na plantação... a gente torna a batê a enxada de novo pra recortá.*
- Questão 18 – Inf. X (V.B.S.) – *Cova é o que a gente faz /.../ ...a gente tem que pegá uma enxada, ajuntá a terra e fazê a cova. Doc. – E aí quando cê faz a cova vo /.../ tá nivelano, tá fazendo o quê no terreno? Inf.- Aí a gente tá altiano o terreno, que vai juntá a terra (incompreensível).*
- Questão 20 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ por exemplo mandioca e outro tipo de coisa /.../ é porque se trabalha, só se ranca ela de ano em diante, porque antes disso ela não está boa /.../ maracujá, mas não sei se é porque ele é permanente, mas tem outras aí.*
- Questão 21 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ mudá a posição que saia o terreno realmente em curva, mas porém tudo certo, quando a gente chega dentro do terreno percebe que elas tão em curva mas continua as fileira tudo certa.*
- Questão 22 – Inf. III (V.N.F.) – *Na época certa de plantá o milho, a abóbora /.../ jenipapo é uma fruta, mas ela só dá de ano em ano /.../.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Prantá /.../ o tempo que prantô e o tempo que vai tirá /.../ o tempo certo.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *É... porque se plantá fora da época, não dá, né? /.../ no mês de março, no mês de São João /.../ Doc. – ...tem que observá o quê? Inf. – ... o tempo, o mês, a data.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Pra mim é no tempo certo, né? Pra prantá ela no tempo certo...*  
 Inf. VII (V.J.S.) – *Aí vai dependê das data, vai olhá pra vê, vai dependê da lua tombém porque tem tempo de lua, que não dá pra fazê a plantação, porque na lua crescente mesmo as planta quando vai botá já tá bem grande, se plantá na lua nova piquinininha, já começa a botá /.../.*

- Questão 24 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Marcá onde plantá as coisa. Doc.- E se for dos canteiros, das lêra? Inf. – A pessoa marca, na lêra mermo, marca o que plantô e o que não plantô.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Marcá o lugá de prantá /.../ lêra, cova.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Eu acho que é a linhêra /.../ plantá certinha, a linhêra certa, pra ficá tudo adequadazinha, no níve /.../.*  
 Inf. VIII (J.S.S.) – *Os quatro canto /.../ marca /.../ com o pau. Doc. – Marca pra fazê o quê? Inf. – Não sei, cercá, depende cercá ou o que quisê fazê alguma plantação.*
- Questão 25 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Piquete /.../ não sei não /.../ botá o piquete aqui, outro ali, outro ali /.../ cavá o lugá certo e plantá /.../ tem que amarrá os piquete, nós bota uma linha /.../ bota um piquete aqui outro lá e aí vai cavano certo.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Botá uns piquete, a gente faz os ponto e vai botano os piquete, aí tamos fazeno os piqueteamento /.../ é umas varinha /.../ bota a linha.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – */.../ é fazê as fileira tudo certinha pra podê trabalhá nela certa /.../ tem que pegá um arame, colocá uma linha /.../ marrano nos piquetes, puxa do primeiro pra o outro /.../.*
- Questão 26 – Inf. III (V. N. F.) – *Abri as valada pra podê escorrê a água.*
- Questão 27 – Inf. II (M.J.B.) – *Plantá? Doc. – ....vou plantá aonde? Inf. – ...na terra.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Fazê outra muda, rancá aquelas e prantá outras.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – *Vai fazê uma replanta né?*
- Questão 28 – Inf. VI (J.S.S.) – */.../ o feijão macaçá não é esse feijão de moita? /.../ Aqueles que chama varjada? Doc. – Como é que ele dá /.../? Inf. – /.../ fica dessa artura, aí ele carrega... Doc. – E ele cai no chão /.../? Inf. – Ele cai, agora a gente tem que tê o cuidado pra não deixá a chuva batê, porque se já tivé maduro e a chuva batê, ele nasce. Doc. – E tem rama no chão ele? Inf. – Tem. Doc. – Cê sabe outro nome pra feijão macaçá? Inf. – Feijão macaçá que a rente conhece é aquele feijão que o povo chama varjada, que vende as vagem dele mole pra fazê saladá /.../.*
- Questão 29 – Inf. I (R.S.F.) – *Deve sê esse que espalha pelo chão todo /.../ tem feijão de corda /.../ batata /.../ o mangalô que já vai por cima /.../ Doc. – Como se fosse uma trepadeira? Inf. – É isso.*  
 Inf. XI (J.P.S.) – *Forageira é pegá o material cortá, misturá, fazê a forragem /.../ de alimentação pra gado.*
- Questão 31 – Inf. III (V.N.F.) – *Amontoá? Fazê cova, amontoá terra, ajuntá terra /.../ se nós tamos aqui ajuntano uma ruma de terra, /.../ adubo ou que seje*

*mesmo terra /.../ que nem bananeira mesmo /.../ amontoamos um bocado de lixo assim em redor que aquilo vai adubano aquele pé.*

Questão 34 – Inf. III (V.N.F.) – *Tem que rancá a metade. Doc. – E é dos mato que a gente vai rancá? Inf. – Ou se tivé muito mato, é dos mato, ou então do plantio que a gente fez /.../ plantei uma semente de tomate e pimenta /.../ cresceu um pouco /.../ pra eu retirá o pé que tivé maiô pra os outro saírem.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Tirá a metade.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Tirá a metade delas.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Arrancá...? /.../ tirá da leira /.../ tirá o mato ou o coentro? /.../ Uma limpeza /.../ Para o coentro saí melhor, crescê.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Tirá algum galho /.../ tá muito cheio.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Por exemplo se ela tivé um bocado de galho que não seja suficiente de ficá, a gente tem que desbastá ela /.../ é tirá os galho dela, /.../ as folha ruim /.../ tá desbastano ela.*

Inf. XII (A.J.) – *Limpá /.../ de enxada e de (incompreensível) /.../ aí limpa de mão /.../ pa não arrancá /.../ ali eu vô arrancano aos pouco.*

Questão 35 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ cortá, misturá /.../ com a ferramenta, pode sê com enxada ou enxadeta /.../*

Inf. XII (A.J.) – */.../ é limpá, conheço limpá.*

Questão 36 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ que é pra detetizá as plantinha /.../ pra matá as formiga, as micose toda que tá nas planta, as bactéria que tá matano as planta.*

Questão 37 – Inf. III (V.N.F.) – *É ajreitá, arrumá alguma coisa, alimpá /.../ nas plantas, quer dizê podá alguma coisa, cortá algumas galha pra podê ficá um quintal... Doc. – ...bonito.*

Inf. XI (J.P.S.) – *É estudá cada planta pra vê se ela tá com doença /.../ se ela tá produzino bem, se ela tá precisando de alguma correção /.../*

Inf. XII (A. J.) – *É limpá, zelá, não deixá a formiga cortá.*

Questão 39 – Inf. VI (J.S.S.) – *É a gente botá o adubo /.../ e vim com as palha e cobri assim por cima.*

Inf. VII (V.J.S.) – *Jogá o adubo por cima?*

Inf. XI ( J.P.S.) – */.../ é adubá o solo todo, botá o adubo e deixá esfriá pra podê misturá e tem um monte que bota, mistura logo na hora /.../.*

Questão 40 – Inf. IX (D.A.F.) – */.../ é praticamente o adubo químico. Doc. – E a gente aplica esse adubo químico na... ? Inf. – Nas folhas.*

Inf. X (V.B.S.) – *É botá adubo líquido e molhá.*

Questão 42 – Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ é desses que vende na casa do fazendêro.*

Inf. VI (J.S.S.) – *O adubo químico é esse /.../ que a gente compra pra a gente cultivá as mandioca, milho...*

Inf. VIII (J.S.S.) – */.../ eu tô por dentro /.../ mas não posso explicá a senhora /.../ nós compra na rua, na casa do fazendêro /.../ ele é uns carroço, assim como tem a oréia, tem um adubo vermelhinho assim, mas que eu não sei chamá, só sei chamá de dez-dez.*

Questão 43 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *É desse adubo que nós usa /.../ de gado, de galinha, de carneiro /.../ nós faz separado /.../ bota o de gado planta uma coisa /.../ e bota o de galinha já ne outra lêra separado daquela /.../.*

Inf. XI ( J. P. S. ) – */.../ trabalhá com fezes dos animais: galinha, o porco mesmo, boi.*

Questão 44 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Não é adubo não? /.../ pra mim é...*

Questão 45 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ é um instrumento assim pareceno sal, que ele é meio moiado /.../ nos pé da pranta /.../ pra adubá.*

Inf. VI (J.S.S.) – *A uréia é um negoço que parece sal, meu pai usou muito pa coqueiro, aí pegava abria aquelas valetazinha em roda do pé do coqueiro e ele... ia botano aquela uréia pra gente num botá, e a gente ia atrás cobrino aquela uréia toda.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Sei /.../ é um produto branco, ele é ... feito assim, nuns caroço de farinha, daquela farinha grossa /.../ pega ele assim, bota na água e ele desmancha todo /.../ pra botá em planta, se ali tivé uma planta feia, a senhora pega uma mão assim, joga dentro dum vaso de água, três dias bota em cima, com uma semana a senhora já vê /.../ se ele se dá ele sobe, se num se dê ele morre.*

Inf. XII (A.J.) – *Conheço /.../ a uréia é de botá em coqueiro /.../ uréia ela é de um tipo dum sal /.../ pra coqueiro /.../ bota em roda, um metro fastado /.../ como adubo, se não souber botá, mata tudo.*

Questão 46 – Inf. III (V.N.F.) – *É um negoço que dá nas folha /.../ as vezes nasce uns pico preto /.../ ne, pé de mandioca também dá uns negócio preto nas folha de mandioca /.../ e eu sei lá o que é aquilo.*

Questão 47 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ um tipo de coisa que estraga o pé da planta, mas não sei bem se é um inseto ou se realmente uma coisa que vem da natureza /.../.*

Questão 49 – Inf. III (V.N.F.) – *Tem que procurá tê um remédio pra matá.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Pa botá remédio pa controlá as praga /.../ gafanhoto, formiga.*

Questão 51 – Inf. III (V. N. F.) – */.../ é um produto pra matá insetos /.../ o que tá afetano os pés das plantas.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *É um remédio de combatê as pragas.*

Inf. XII (A.J.) – *Sei, compra na casa /.../ do fazendêro /.../ pra botá na bomba, pra não dá formiga.*

Questão 52 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Já vi falá /.../ que é um bichinho que fura as laranja, aí as laranja começa a cair.*

Questão 53 – Inf. III (V.N.F.) – *Praga é uma doença que dá nas plantas.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ tem muito inseto atrapalhamo /.../ gafanhoto /.../ grilo, que é um dos piores.*

Questão 56 – Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ Doc. – /.../ pulverizador é costal, é de botá nas costas ou não? Inf. – Acho que bota, esse aí bota /.../ fornicida.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Né botá remédio nas folhas /.../ no vaso /.../ assim, apertano, né?*

Questão 57 – Inf. III (V.N.F.) – *É limpá, ajeitá pra tê bons /.../ produtos, /.../ ajeitá, adubá /.../.*

Inf. VI (J.S.S.) – *É alimpá e ajeitá /.../ vai usá.*

Questão 58 – Inf. III (V.N.F.) – *É de acordo o que se plantô, que teve cuidado /.../ teve uma boa produção.*

**D) O informante respondeu a questão fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência:**

**Parte I**

Questão 29 – Inf. II (M.J.B.) – *De razão.*

Questão 36 – Inf. IX (D.A.F.) – */.../ um veneno /.../.*

Questão 37 – Inf. I (R. S. F.) – *Cuidano dela.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Eu acho que é limpá, zelá.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Pra mim a gente tamo zelano.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Zelá.*

Questão 39 – Inf. III (V.N.F.) – *Uma adubaçã /.../.*

Questão 43 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ eu sei que chama adubo.*

Inf. VI (J.S.S.) – *A gente chama adubo /.../ ...já fermentou e agora a gente vamos colocá nas plantaçã.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ o adubo.*

Questão 45 – Inf. VI (J.S.S.) – *Eu vejo chamá químico.*

Questão 46 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Não senhora, sei chamá de inseto.*

Questão 49 – Inf. I (R.S.F.) – *Botá remédio.*

Inf. II (M.J.B.) – *Remédio.*

Inf. III (V.N.F.) – *Tem que procurá o remédio pra matá as praga.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Usá remédio.*

Inf. VII (V.J.S.) – *A gente usa um produto, um tipo de veneno.*

Questão 50 – Inf. IX (D.A.F.) – *Vamo aplicá um veneno que mate as praga.*

Questão 53 – Inf. I (R.S.F.) – *Os inseto.*

Inf. II (M.J.B.) – */.../ largata /.../ de largata.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Sei não, eu chamo traça que destrói tudo.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Os bicho.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ Tá dano peste.*

Questão 57 – Inf. X (V.B.S.) – *Os cuidados tem que sê a limpeza, né?*

## Parte II

Questão 37 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Tratá da terra.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Cuidá das plantas.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Vamo limpá ela, purificá ela pra ficá saudável.*

Questão 46 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ é inseto /.../ eles corroe, estraga, mata a planta.*

Questão 49 – Inf. VI (J.S.S.) – *Aquela doença que dá nas planta /.../ se tivé o remédio pa botá, botá, se num tivé tem que rancá aqueles que já tá morreno.*

Inf. VII (V.J.S.) – *A gente vai combatê eles né?*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Tem de botá remédio nas plantas.*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ quando as praga dá nas planta que ela adocece as planta e até mata /.../ tem que botá um produto ou um remédio que combata aquela doença.*

Questão 50 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Fornicida, alguma coisa que combate as pragas.*

Questão 51 – Inf. VII (V.J.S.) – *Um veneno? Doc. – Sim, é utilizado pra quê esse veneno? Inf. – Para matá as pragas.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *É um veneno /.../ pra matá os bicho que tá pertubano as plantação.*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ é o veneno que nós usamos pra combatê os inseto.*

Questão 53 – Inf. I (R.S.F.) – *Praga é o mosquito que ataca as plantação.*

Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ é esses bicho que dá nas pranta pa destruí as foia /.../ é largata, gafanhoto.*

Questão 57 – Inf. V (M.A.M.N.) – *Zelá, né?*

Questão 58 – Inf. IX (D.A.F.) – *Deu a colhêta boa e teve muito pogresso.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Grande quantidade porque o terreno, o solo tá bom, não tem praga, não tem nada /.../ grande quantidade de frutas ou de verduras.*

**E) O informante respondeu a questão fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência:**

## Parte I

Questão 20 – Inf. X (V.B.S.) – *Quiabo, jiló, maxixe /.../.*

Questão 29 – Inf. I (R.S.F.) – *Capim de corte, arenito /.../.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – /.../ *capim arenito, gordura /.../*

Inf. V (M.A.M.N.) – /.../ *eu conheço arenito, braquiara, sempre verde/.../*

Inf. VI (J.S.S.) – *A gente vê chamá, eu mermo vejo chamá capim elefante, o branquiario...*

Inf. VII (V.J.S.) – *Tem braquiara, tem arenito, marianinha... Doc. – E esses aí juntos todos /.../ essa plantação de... Inf. – ...capim.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Tem muitos capim, né arenito tem sempre verde, braquiara /.../ capim.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Tamos trabalhano cum muda /.../ de capim /.../ marianinha, braquiario, arenito /.../.*

Inf. X (V.B.S.) – *Aqui a gente conhece muitos, tem o sempre verde que serve pra alimentação, tem o capim elefante que é propriado pra cortá /.../.*

Inf. XII (A.J.) – *Tem branquiario, tem arenito, tem angolinha, sempre verde /.../*

Questão 30 – Inf. IX (D.A.F.) – *Pimentão, alface, coentro, cebolinha /.../ as verdura.*

Questão 37 – Inf. II (M.J.B.) – *Limpeza.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Preparano a plantação.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Uma limpeza.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Tamos fazeno a podagem ou... /.../.*

Inf. XII (A.J.) – *A gente labuta cum shell /.../ pra matá as formiga.*

Questão 38 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Enxada, gadanho /.../.*

Questão 41 – Inf. IX (D.A.F.) – *Esterco de galinha, esterco de gado, esterco de ovelha.*

Questão 50 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Fornicida /.../ tem mireque /.../.*

Inf. X (V.B.S.) – *Tem o funisupe, tem o (incompreensível), tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda, que destrói tombém e tem querosene, tanto faz o querosene como óleo (incompreensível).*

Questão 52 – Inf. XII (A.J.) – *É tamanjuá que dá na mandioca. /.../ aí rói a manaíba, aí a pessoa corta as manaíba tudo e vorta a limpá ela pa ela torná a retonhá.*

Questão 53 – Inf. III (V.N.F.) – *...de largata /.../ gafanhoto, mosca /.../*

Inf. VI (J. S.S.) – *A gente chama gafanhoto, largata /.../ inseto, a gente chama inseto.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Largata, gafanhoto /.../ tá destruino.*

Inf. XII (A.J.) – *É gafanhoto, é grilo e o tamanjuá /.../ lagarta.*

## Parte II

Questão 20 – Inf. III (V. N. F.) – *São milho, mandioca mesmo, feijão, andu, mangalô /.../ porque ela só dá de ano, assim passando mais, ela não tem*

*prosperidade: milho mesmo /.../ é três mês, plantô, em São João /.../ a gente tira, quando é depois bota pra secá /.../.*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ por exemplo a mandioca que aí a gente só pode colhê por ano ou bananeira /.../ mamão.*

Questão 38 – Inf. I (R.S.F.) – *Ferramento /.../ Foice, machado, maçadêra.*

Inf. III (V.N.F.) – *Enxada, estrovenga, enxadeta, gadanho, pá.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Enxada, a pá, gadanho.*

Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ os aferramento /.../ enxada /.../ estrovenga, machado, martelo.*

Inf. VI (J. S. S.) – *É a enxada, foice, facão...*

Inf. VII (V.J.S.) – *As ferramenta? /.../ Enxada, gadanho...*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ enxada, a pá, o gadanho /.../*

Inf. X (V.B.S.) – *Enxada, enxadeta, foice, facão, istrovenga...*

Inf. XI (J. P. S.) – */.../ é foice, estrovenga, ancinho, picareta, enxadeta.*

Inf. XII (A.J.) – */.../ é enxada, foice, machado, enxadeta /.../*

Questão 53 – Inf. VI (J.S.S.) – *A praga é essa que eu tô falano, que é os gafanhoto, largata, agora tem o nome deles, agora eu que perdi.*

Inf. IX (D.A.F.) – */.../ gafanhoto, grilo /.../ a paca /.../ umas rosquinha também que dá.*

**F) O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta:**

**Parte I**

Questão 32 – Inf. I (R.S.F.) – *Limpano /.../ limpeza cas mãos.*

**Parte II**

Questão 13 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *De animais?*

Questão 32 – Inf. III (V.N.F.) – *A gente vai limpá de enxada ou /.../ de mão /.../ Doc. – /.../ a capina é manual /.../? Inf. – De mão.*

**G) O informante utilizou um neologismo:**

**Parte I**

Questão 10 – Inf. IX (D.A.F.) – *É desercerta.*

Questão 14 – Inf. IX (D.A.F.) – *É desercerta.*

Questão 27 – Inf. II (M.J.B.) – *Uma mudança.*

**H) O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível.**

## Parte I

### H.1. Relacionadas à área agrícola

Questão 1 – Inf. IX (D.A.F.) – *Vamos cortá, limpá /.../ recortá /.../ e adubá /.../ Doc. – ...pega aquela /.../ amostra de solo e vai mandá fazê o quê? Inf. – ...pesquisa.*

Questão 2 – Inf. II (M.J.B.) – *Roça.*

Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ ciscá pra tocá fogo e plantá.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Tamos manteno ela pa ficá forte e dá o vigô bom /.../*

Questão 3 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Vai rebatê a terra pra podê alimpá de novo pra podê plantá /.../.*

Inf. VII (V.J.S.) e Inf. IX (D.A.F.) – *Terra fraca.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ é uma área muito fraca ou pasto de tabulêro /.../ tá faltano realmente um adubo pra podê fazê com que o terreno nasça um bom mato, melhore.*

Inf. XII (A.J.) – *A gente chama arrancadô.*

Questão 4 – Inf. I (R.S.F.) – *Adubano a terra.*

Inf. III (V.N.F.) – *Irrigação.*

Inf. VI (J.S.S.) – *Tamo cultivano, né, o solo, pá podê prantá ou a árvore ou a plantação que a gente queira fazê, a gente chama cultivá a... o adubo que é pra a planta sai bonita.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Tamos manteno ele pra ficá forte e que dê um produto melhô /.../.*

Inf. XI (J.P.S.) – *É revolvê o terreno ou mexê ou misturá.*

Questão 5 – Inf. II (M.J.B.) – *Uma limpeza.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Vamo fofá pra pudê plantá as coisa /.../ terra pilada /.../ fica garrada no chão /.../ quando a pessoa pisa assim que amassa /.../ tá dura.*

Questão 7 – Inf. III (V.N.F.) – *Com a terra.*

Questão 8 – Inf. II (M.J.B.) – *Limpá.*

Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ a gente pranta eles fica lá pelo meio. Doc. – Então vocês não tiram essas partes secas né? Inf. – Não.*

Questão 10 – Inf. I (R.S.F.) – *Terra seca.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Ladeira? /.../ esqueci.*

Questão 12 – Inf. I (R.S.F.) – *Terra.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Plantação.*

- Inf. IX (D.A.F.) – *É sobre o solo né? /.../ se está forte ou está fraco ou está precisano de recorte pra afofá, ficou ressecado /.../*
- Inf. XI (J.P.S.) – *Agricultura.*
- Questão 13 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ a gente coisa assim ou com o gadanho ou com o gancho, um pau pra gente ajuntá o cisco /.../.*
- Inf. X (V.B.S.) – *Deve sê os braços.*
- Questão 14 – Inf. I (R.S.F.) – *Com rego.*
- Inf. XII (A.J.) – *Complicada.*
- Questão 17 – Inf. II (M.J.B.) – *Planta.*
- Inf. IV (M.A.S.S.) – *Raiz /.../.*
- Inf. V (M.A.M.N.) – *O olho.*
- Inf. XII (A.J.) – *As folha.*
- Questão 18 – Inf. IX (D.A.F.) – */.../ uma plantação /.../ em solo.*
- Questão 19 – Inf. III (V.N.F.) – *Chama de limpá /.../*
- Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ na roça.*
- Questão 20 – Inf. II (M.J.B.) – *Buraco.*
- Questão 21 – Inf. II (M.J.B.) – *Em roça.*
- Questão 24 – Inf. II (M.J.B.) – *Saía botano terra nas plantação, ia limpano /.../ ia juntano as terra com a enxada, colocano de junto e ia plantano os negócio.*
- Questão 25 – Inf. I (R. S. F.) – */.../ o metro /.../ eu meço o metro com a vara /.../ na linha certa.*
- Inf. II (M.J.B.) – *Uma plantação.*
- Inf. IX (D.A.F.) – *Um plantio.*
- Questão 26 – Inf. II (M.J.B.) – *Enxorrada.*
- Questão 27 – Inf. I (R.S.F.) – *Plantano.*
- Inf. IX (D.A.F.) – *Plantano /.../ tamo fazendo um plantio.*
- Inf. X (V.B.S.) – *Leira...*
- Questão 29 – Inf. XI (J. P. S.) – *Mudas, sementes... /.../*
- Questão 30 – Inf. II (M.J.B.) – *Adubo.*
- Questão 31 – Inf. I (R.S.F.) – *Uma cova.*
- Inf. II (M.J.B.) – *Uma roça.*
- Questão 32 – Inf. IX (D.A.F.) – *Tamos fofano.*
- Questão 33 – Inf. I (R.S.F.) – *Tá zelano.*
- Inf. II (M.J.B.) – *Limpação.*
- Inf. X (V.B.S.) – *Se for na copa, é disgaiá... Doc. – Disgaiá, é... mas não é na copa em cima, é no chão. Inf.- Então, não sei tombém.*
- Questão 35 – Inf. II (M.J.B.) – *Limpano.*
- Inf. VII (V.J.S.) – *Uma valeta /.../ uma escavação.*

- Questão 36 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Arrancá /.../*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Eu vejo falá mas eu mermo nunca comprei pra matá o mato não, eu limpo de enxada /.../ ...eu vejo falá que é um adubo, agora me esqueço o nome do adubo.*
- Questão 37 – Inf. XII (A.J.) – *A gente labuta cum shell /.../ pra matá as formiga.*
- Questão 39 – Inf. II (M.J.B.) – *Uma limpeza.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Cubri um adubo, não é não? O resto eu não sei.*
- Questão 40 – Inf. II (M.J.B.) – *Lembro não /.../ uma limpeza.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *A rente...eu num sei o nome como é que chama não, mas a rente molha ela assim cum esse adubo /.../ é por causa dos bicho, dos insetos num cumê as planta /.../ pra protegê as planta.*
- Questão 44 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *É um que chama uréia.*
- Questão 46 – Inf. III (V.N.F.) – *Num sei não /.../ é atentado /.../*  
 Inf. XII (A.J.) – *É a rã.*
- Questão 47 – Inf. I (R.S.F.) – *Mosquito.*  
 Inf. III (V.N.F.) – *Eu num sei a doença quando elas tão assim é porque tá faltando adubo.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Eu sei uma que tem o nome de fungo mas aí porque que fura a laranja, mas aí da amarela não sei não.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *Aqui quando dá umas lendi branca, a rente chama lendia /.../.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Eu sei, isso aí é o grilo que corta as folha /.../.*
- Questão 51 – Inf. V (M.A.M.N.) – */.../ eu esqueço... um pó branco, antes de fazê a plantação bota na terra que é pra num dá lendia /.../.*
- Questão 52 – Inf. X (V.B.S.) – *Mofado.*
- Questão 54 – Inf. I (R.S.F.) – *Uma limpeza.*  
 Inf. II (M.J.B.) – *Uma muda.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Uma limpeza /.../ bota fornicida.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Uma culturação.*
- Questão 55 – Inf. II (M.J.B.) – *Uma limpeza.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Adubano.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Botano adubo.*
- Questão 57 – Inf. XII (A.J.) – *Tá fazeno farinha /.../ da mandioca.*
- Questão 58 – Inf. II (M. J. B.) – *Doc. – /.../ deu mais o quê em relação ao do vizinho?*  
 Inf. – *Mandioca.*  
 Inf. IV (M.A.S.S.) – *Tratô /.../ tratô bem, cultivô a terra bem.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Porque ele num soube, ele plantô /.../ mas num zelô /.../ não pode produzi /.../ tudo só vai cum zelo.*

Questão 59 – Inf. II (M.J.B.) – *Limpeza.*

Inf. III (V.N.F.) – */.../ Armazená, porque aqui nós não usamos isso, a gente corta a jaca, se dá mandioca, se dá jaca /.../ dá maniba, e aí os animal come tudo /.../.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Não sei não, sei o nome do capim /.../ fêmea.*

Inf. XII (A.J.) – *É cultivá /.../ o capim /.../ limpá /.../ cortá, voltá, limpá e botá adubo.*

## H.2. Não relacionadas à área agrícola:

Questão 4 – Inf. II (M.J.B.) – *Uma casa /.../ uma roça.*

Questão 7 – Inf. XII (A.J.) – *A gente trata aqui o sol se por e nascer /.../ é poente e nascente.*

Questão 10 – Inf. II (M.J.B.) – *Em lote.*

Questão 12 – Inf. XII (A.J.) – *O nome aqui que a gente damo... trata baixada, né moça /.../ a gente aqui diz assim cê vai trabaiá onde em que lugá, vai pro alto ou vai pra baixo /.../ eu falo do lado da parte de cá, a parte de cá é que é a parte de cima, a parte de cá da linha é que é a parte de baixo.*

## Parte II

### H.1. Relacionadas à área agrícola

Questão 2 – Inf. II (M.J.B.) – *Medi.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Cortá /.../ e plantá /.../*

Questão 5 – Inf. III (V.N.F.) – *Cavá? Doc. – Cavá pra tirá o quê? Inf. – Barro ou pedra /.../ não tem riqueza de /.../ vitamina, ela tá pobre de adubo /.../ seco /.../ fica duro.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Rancá os mato.*

Questão 6 – Inf. IV (M.A.S.S.) – */.../ aqueles pedaço de barro duro /.../ tem lugá assim... aqueles monte assim... as rachadura e duro.*

Questão 7 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ trabalhá no jeito do terreno /.../ ele é cheio de relevo, a pessoa tem de procurá uma manêra como trabalhá aproveitano o jeito pra não tê tanta despesa, tanto gasto.*

Inf. XII (A.J.) – *É o terreno que tá fraco, né?*

Questão 10 – Inf. II (M.J.B.) – *Acidente.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Maltratado.*

Questão 12 – Inf. I (R.S.F.) – *Terreno forte.*

Questão 14 – Inf. I (R.S.F.) – *Ninguém pode chegá ali.*

Inf. XII (A.J.) – *Porque tá fraco.*

Questão 15 – Inf. I (R.S.F.) – *Secou /.../*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Botô os fruto /.../ produziu ou botô os fruto.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Que ela não prestô pra usá /.../*

Inf. X (V.B.S.) – *Abri. Doc. – Sim, e o que é? Diga aí pra mim assim..., a semente brotou o que é brotar? Inf. – Aí eu tombém não sei...*

Inf. XII (A.J.) – *Brotá, porque o terreno tá fraco, ela não vai prosperá Doc. – /.../ mas se o terreno não tivé fraco /.../? Inf. – Aí ela vai prosperá.*

Questão 17 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *No tronco? /.../ embaixo /.../ então o colo é na raiz.*

Questão 20 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Ferramentas anuais.*

Questão 21 – Inf. I (R.S.F.) – *Acho que é midino a terra /.../ Doc. – ...que ela tenha que sai como... o plantio? Inf. – Reto.*

Inf. V (M.A.M.N.) – *Plantá certa /.../ tem que olhá bem que é pra não intortá as carrêra ou prantação, como seja.*

Inf. XII (A.J.) – *Nivelá o terreno.*

Questão 23 – Inf. I (R.S.F.) – *Deve sê aquele óleo branco /.../ quando a gente corta fica risinano /.../*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Aquilo branco que tá no centro /.../ negocinho que fica dentro da manaíba, quando nós corta assim, pareceno uma massinha.*

Questão 25 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Podá as coisa.*

Questão 31 – Inf. I (R.S.F.) – *Sei não, deve sê amontoado tudo junto /.../ plantá um atrás do outro.*

Inf. IV (M.A.S.S.) – *Pra mim é amuntuá um bucado de coisa assim e depois revolvê aquilo tudo e avoltá pra fazê a plantação.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Uma cova.*

Inf. IX (D.A.F.) – *A gente pode pegá o adubo, montoá numa área, num lugá pra depois distribuí pras planta /.../*

Inf. XI (J.P.S.) – *Vai fazê as ruma /.../ é entre uma carrêra e outra das plantas /.../ pode sê o adubo /.../ pra podê ele apodrecê, misturá ou /.../ uma espécie de cova pra já plantá em cada uma delas.*

Inf. XII (A.J.) – *Fazê plantação, né /.../ fazê a cova /.../ pra pessoa também plantá, ou maracujá, ou bananeira, ou coqueiro, ou dendezeiro...*

Questão 32 – Inf. II (M.J.B.) – *Capiná /.../ com a enxada.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Capiná de enxada.*

Inf. XII (A.J.) – *É capiná /.../ é de enxada, a braço de home.*

Questão 33 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Prantá assim alguma coisa na lêra e depois cobri do sol, protegê do sol.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ deve sê as ruminha.*

Questão 34 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Tirá argum galho /.../ tá muito cheio.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ recortá, rebaxá ela, diminui que tá muito alta.*

- Questão 35 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Olhá se o solo tá bem.*  
 Inf. VI (J.S.S.) – *Né cavá?*
- Questão 36 – Inf. II (M.J.B.) – *É adubo.*
- Questão 39 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Plantá as coisa e cubri, fazê a cobertura pra protegê do sol /.../ a árvore, cubrino sobre as lêra pa o sol não maltratá as plantação.*  
 Inf. V (M.A.M.N.) – *É prantá e cubri por cima, pro sol não batê por cima.*  
 Inf. IX (D.A.F.) – */.../ alface /.../ flores /.../ nós tem que fazê uma cobertura /.../ por causa do sol, a gente tem que cubri pa ele nascê, depois que ele nasce, a gente descobre ele, que ele...*  
 Inf. XII (A.J.) – *Aí agora é de acordo as lêra, tem que cortá a paia, botá os pau assim pra ir cobrino as lêra.*
- Questão 40 – Inf. III (V.N.F.) – *É a da bomba, que a gente carrega nas costa /.../ inseticida /.../ com água /.../ pulverizá /.../ as planta /.../ nas folha.*  
 Inf. IV (M. A. S. S.) – */.../ pegá o adubo e semeá nas lêra.*  
 Inf. XI ( J.P.S.) – */.../ deve sê um tipo de adubo para poverizá as planta /.../ no pé, se poverizá ela em cima, ela pode trazê coisas que vai fazê mal à saúde.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Aí é podá, fazê podação.*
- Questão 44 – Inf. XII (A.J.) – *O que peca moça, eu sei que peca é coco né, por causa do cacho, ele pega a pecá, pega a botá, pega a tirá os coco verde, aí ele vai pecá, não segura mais um coco.*
- Questão 46 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Adubo, não?*
- Questão 48 – Inf. XII (A.J.) – *Que deu ruim /.../ porque o terreno não ajudou /.../ o terreno tá fraco (incompreensível) não pode tê plantio.*
- Questão 49 – Inf. I (R.S.F.) – *Praga deve sê o que ataca... a semente, a gente pranta eles atacam /.../ musquito.*
- Questão 51 – Inf. V (M.A.M.N.) – *Não, eu conheço formicida /.../ pra formiga.*
- Questão 52 – Inf. XI (J.P.S. ) – */.../ é realmente o inseto que desenvolve e depois vem atrapalhá /.../.*  
 Inf. XII (A.J.) – *É quando ela tá tem muito galho aí a pessoa vai desgalhá.*
- Questão 54 – Inf. XII (A. J.) – *Prevenção é limpá.*
- Questão 55 – Inf. VIII (J.S.S.) – *Podá? /.../.*  
 Inf. XII (A.J.) – *Vai arrancá.*
- Questão 57 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *Olhá se foi bem aquele produto /.../ o que teve que fazê na plantação Doc. – E a gente olha quando /.../ colhe ou antes /.../?*  
 Inf. – *Antes que a pessoa colha.*

Inf. VIII (J.S.S.) – *Limpá, zelá, podá alguma gaia que precisá.*

Inf. IX (D.A.F.) – *Vai produzi /.../ a gente vamos vendê.*

Inf. X (V.B.S.) – *Beneficiar, eu acredito que seja a gente zelar pel'aquele ambiente.*

Inf. XI (J.P.S.) – */.../ vai colocá esse produto pra podê evitá o terreno... corrigir porque já deu as fruta, o terreno já tá um pouco fraco, vai colocá pra melhorá a colheita ou a safra que vai saí no caso.*

Questão 58 – Inf. VI (J.S.S.) – *É a gente protegê aqueles legume, /.../ pra num ficá ruim, não apodrecê, tirá as mosca, mosquito.*

Inf. XII (A.J.) – *Que no princípio, nas primêra pranta, a mandioca dá boa, na segunda já dá mais fraca /.../ é de acordo o plantio que a pessoa faz né /.../.*

## H.2. Não relacionadas à área agrícola:

Questão 3 – Inf. II (M.J.B.) – *Um clube.*

Questão 7 – Inf. I (R. S. F.) – *O sol quente.*

Questão 13 – Inf. III (V.N.F.) – */.../ cuidá, dá banho, dá a alimentação correta, cortá casco, alimpá a orelha dele que sempre enche de cabelo, cortá a crina, deixá ele bonitinho.*

Questão 26 – Inf. XI (J.P.S.) – */.../ em blocos /.../ ou em quantidade.*

Inf. XII (A.J.) – *Ah, suco só maracujá /.../.*

Questão 30 – Inf. IV (M.A.S.S.) – *É de fazê telha /.../.*

Inf. XI (J.P.S.) – *Dá a transparecê que é a parte de barro /.../ trabalhá com barro.*

Questão 31 – Inf. V (M.A.M.N.) – *Amuntuá as coisa assim /.../.*

Questão 39 – Inf. II (M.J.B.) – *Cobri /.../ com telha.*

Questão 53 – Inf. II (M.J.B.) – *A pessoa joga praga ne outro.*

Inf. XII (A.J.) – *Praga que eu conheço é galinha /.../ que é a lendia /.../ que dá nas galinha, aí dá no corpo da pessoa, a pessoa vai pegá e fica cas mãos ruim. Doc. – E na plantação o senhô conhece alguma? Inf. – Não, nunca vi não.*